ANO 36.º SEGUNDA-FEIRA 18 DE FEVEREIRO DE 1957 N.º 12.286

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

Isabel II e o duque de Edimburgo

foram hoje recebidos triunfalmente em Lisboa

A rainha Isabel teve hoje a mais bela recepção de toda a sua gloriosa existência. Um verdadeiro jubileu de oiro! Uma apoteose histórica, em que participou a cidade inteira! Desde manhã que Lisboa ardia de entusiasmo, e que grandes ondas de alegria se cavavam, no meio da multidão — um milhão de pessoas — acumulavam-se nos passeios, enchiam as montras, convertiam as janelas em camarote, ao longo de um enorme percurso de algumas dezenas de quilómetros.

A rainha foi à tarde visitar em Belém o presidente da República

A's 15 e 30 em ponto, a soberana de Inglaterra e seu esposo davam entrada no palácio de Belém, para visitar o sr. Presidente da Republica e a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes.

Embora o palácio apresentasse o ar solene que lhe empresta a gravidade dos grandes acontecimentos nacionais, sentia-se, todavia, que a visita da rainha Isabel de Inglaterra e do duque de Edimburgo em alguma coisa se diferençava das que ali fizeram outros chefes de Estado. E' que para além do respeito que inspira a personalidade da jovem soberana e do prestígio que dela se desprende — como símbolo vivo que é das virtudes de uma raça — a sua simplicidade natural a todos cativa pela grande simpatia que gera, espontanea e indelévelmente.

O encanto que irradia da figura gentil de Isabel de Inglaterra galvanizou a multidão que a aguardava na Praça Afonso de Albuquerque e inundou de juvenilidade o ambiente.

(Continua na ultima página)

Sob o ceu de safira, com nuvens de platina, graciosamente, recortadas, um delírio de cor rutilava, esplendia través da teoria continua dos estandartes, verde, vermelho, azul, branco, que engalanavam Lisboa inteira, parecendo soltar-se dos seus panos vitoriosos e vibrar triunfalmente.

O Sol abriu um sorriso de ouro e foi amável, galante, para receber a nobilissima vergontia da Casa de Windsor.

Foi mesmo pontual, suspendendo a ameaça do tempo, no majestoso quadrilátero do Terreiro do Paço. A vasta praça, com as suas arcadas similares, os seus altos janelões, os seus estreitos mezaninos, oferecia um aspecto deslumbrante. Das varandas pendiam ricas colgaduras, vermelhas e azuis, aquelas com o escudo português, as outras, com o leão e o licorne fulvos, das armas de Inglaterra, e aos cantos de sacada, oirescentes lanternins. Em cima, no segundo andar, a toda a volta dos ministérios, as cores inglesas e portuguesas, centradas pela esfera armilar ou pela coroa real britanica, num efeito deslumbrante, de opulentas tintas, numa verdadeira exultação triunfal. Nas cimalhas dos

(Continua na 12.ª pág.)

No Terreiro do Paço

Isabel e o duque de Edimburgo foram solenemente recebidos pelo chefe do Estado e pelo Governo e entusiàsticamente saudados pela população

Às 8 horas, podiam contar-se já por milhares as pessoas que procuravam obter os melhores lugares nas artérias do percurso do cortejo real.

De resto, durante toda a noite e a madrugada o Terreiro do Paço e as ruas da Baixa ofereciam o aspecto das grandes festas citadinas, apesar do vento e das frequentes chuvadas. Mal se podia circular nos passeios e chegavam a formar-se quatro a cinco filas de automóveis.

Às 9 e 30, começou a concentra-

(Continua na página central)

Primeiras imagens da visita oficial

O primeiro sorriso ao pisar o Cais das Colunas — Em baixo: Na tribuna de cristal, momentos depois do desembarque, a rainha e o presidente, ladeados pela sr.ª de Craveiro Lopes e pelo duque de Edimburgo

O chefe do Governo no Palácio de Queluz

Ao fim da tarde, o sr. dr. Oliveira Salazar esteve no palácio de Queluz, onde foi apresentar cumprimentos á rainha Isabel II, com quem conversou, durante algum tempo, na presença do duque de Edimburgo.

«Diário de Lisboa»
publica hoje
28 páginas
as quais incluem o «Suplemento Desportivo» que não pode ser vendido separadamente.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Manhã na praça

Preços de ocasião

—Eu quero é despachar-me depressa, que quero ir ver a rainha!

Uma vendedeira, no mercado do Rato, dizia e fazia, na verdade, por que tudo corresse bem e depressa. Aliás, não era de supor outra coisa. Havia pouco que vender. Tinham avisado que hoje não seriam autorizadas descargas de legumes. E a respeito de peixe, o que não chegou bem cedo já não pôde atravessar a barricada de impedimentos de circulação.

Daí, o peixe vender-se caro. É que nem dez por cento das bancas estavam ocupadas. E daí, também, a unica pescada que apareceu num lugar se vendeu a 36$00; o linguado a 40; o salmonete a 46$00; o goraz a 22; os chocos e a tainha a 12$00; as bogas a 10$00; e o pargo a 8 e a 8$40. Não havia outro peixe.

Só a hortaliça estava barata: grandes molhos de grelos e nabiças a 1$00 (vendiam-se há dois ou três meses a 3$00) outros iguais, de brócolos, a 2$00, tomate a 12$00 e ervilha a 5$00. Uma vendedeira ainda experimentou vender por 3$50 uma couve-flor de 20 centímetros de diametro. Mas sempre a entregou á freguesa por 1$80...

Não era só o peixe que estava caro. A criação também. Os coelhos anunciavam-se (mas ninguém os viu) a 22$00 e as galinhas tiravam-se entre 40 e 50$00. Dois frangos venderam-se por 50$00 e o cabrito estava marcado a 22$00. Estes numeros podem, na verdade, dar um reflexo do dia alvoroçado na manhã na praça.

Uns foram comprar mais cedo, para ter tempo de ir ver o cortejo; outros lamentavam-se por ter ido tão cedo. De qualquer modo, todos se governaram ontem, para não fazer compras hoje. E, assim, se não havia muito que vender, também havia pouco quem comprasse.

DONA DE CASA

Na Casa de Arcos de Valdevez, foi ontem, á noite, eleita a candidata daquele concelho ao concurso «Beleza Regional — 1957». A escolha recaiu em Isabel Gomes de Amorim, linda minhota de 24 anos, que foi muito ovacionada durante a festa que se efectuou na referida agremiação regional e que decorreu num ambiente de grande animação

A cheia do Tamisa

LONDRES, 18 — O Tamisa voltou hoje a inundar as suas margens, pela oitava vez em cinco dias, entre Barnes e Teddington.

A corrente do rio, muito engrossada pelas chuvas, não pode desaguar, devido á presão das grandes marés.—(A. N. I.).

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

QUEDA GRAVE — Um homem que aparenta 28 anos, vestido com um fato claro e uma samarra com gola de peles, suja com pingos de tinta, deu uma queda, quando se encontrava a ver a chegada da rainha Isabel, mesmo por detrás da tribuna do Terreiro do Paço, e foi conduzido ao Hospital de S. José. Ficou na sala de observações, em estado muito grave.

QUEDAS MORTAIS — No Hospital de S. José, onde haviam dado entrada há dias, faleceram hoje: Luís Baptista da Silva, de 71 anos, comerciante, morador na Rua de Campo de Ourique, 15, 1.°; Maria Coelho, de 66 anos, residente na Avenida Guerra Junqueiro, 18, 4.°, e João dos Santos, de 74 anos, ajudante de caldeireiro, residente no Barreiro, onde caiu por ter sido empurrado por uns garotos.

CAIU DUM AUTOCARRO — Luís Ribeiro Couto, de 63 anos, funcionário publico, morador na Rua General Leman, 18, rés-do-chão, caiu dum autocarro na Avenida Duque de Loulé, sofrendo contusões, de que recebeu curativo no Hospital de S. José.

QUEDA MENOS GRAVE — Nas escadarias do Ministério do Interior, sofreu hoje queda menos grave a sr.ª D. Margarida Ivens Ferraz Jacome de Castro, que foi receber curativo no Hospital de S. José mas regressou a sua casa.

DESASTRE DE VIAÇÃO — Manuel Augusto da Cunha, de 56 anos, ajudante de farmácia, morador na Avenida Magalhães Lima, 6, 1.°, Dt.°, chocou o automóvel que conduzia com um taxi na Avenida Defensores de Chaves, e depois com uma parede. Sofreu curativo de contusões no Hospital de S. José.

DESASTRE NO TRABALHO—Caiu de um andaime, numa obra em Algés, o pedreiro Manuel Guerreiro, de 41 anos, ali residente, que ficou ferido na cabeça. Foi internado na sala de observações do Hospital de São José.

DOIS ACIDENTES — Na Praça do Marquês de Pombal, caiu e sofreu traumatismo craniano um rapaz de 13 anos, Joaquim Costa Saldado, aluno das Oficinas de S. José. Deu entrada no hospital.

A sr.ª D. Maria Candida Alves Martins sofreu uma síncope cardíaca.

REGIONALISMO

Por confusão noticiámos ontem que fora inaugurada a Casa Regional do Concelho de Poiares quando se trata da Casa do Concelho de Gois, de que é presidente o sr. José Poiares.

DE LUTO

Raul Lopes Freire

Faleceu ontem o mais antigo empresário português de cinema e distribuidor de filmes, Raul Lopes Freire, que, como tal, viu em 1936 premiados os seus primeiros 30 anos de actividade com a comenda do Mérito Industrial, em festa promovida pelo S. N. dos Profissionais de Cinema, no Central, que explorou com filmes franceses e alemães e, no tempo do mudo, com um famoso sexteto de que era 1.° violino Luís Barbosa. O bom gosto de Raul Lopes Freire nem sempre lhe proporcionou bom negócio, e um dia afastou-se da actividade e do convívio com os seus muitos amigos, vindo a falecer ontem, com uma broncopneumonia. Contava 74 anos, era viuvo e pai dos srs. dr. Bernardino dos Santos Freire e Raul dos Santos Freire, programista de cinema. O funeral, a cargo da Agência Barata, efectua-se amanhã, ás 11 horas, para o cemitério de Benfica.

Últimas notícias

TRÊS FERIDOS

num choque de automóveis

No cruzamento das Avenidas Defensores de Chaves e Miguel Bombarda, chocaram um «taxi» e um automóvel particular, que ficaram muito danificados.

Três passageiros do segundo veículo sofreram ferimentos: os srs. Julio Raimundo Estrela, de 49 anos, chefe de secção da Caixa Geral de Depósitos; sua esposa, D. Regina Machado Estrela, de 49! e filho, Luís Manuel Lopes Estrela, de 25, o qual ficou internado na sala de observações do Hospital de São José. Seus pais, depois de tratados ali, recolheram a casa.

GRANDE NEVÃO

nas Penhas Douradas

PENHAS DOURADAS, 18 — Caiu sobre a serra um grande nevão. A neve cobriu toda a região com um refulgente manto branco, que tem mais de cinquenta centímetros de altura e que oferece um espectáculo maravilhoso.

Greve em Chipre

coincidindo com o debate na O. N. U.

NICOSIA, 18 — Gregos cipriotas declararam-se em greve, esta manhã, em Nicósia, Limassol e Larnaca, ao anunciar-se o começo do debate sobre Chipre na O. N. U. Em Limassol, todos os Gregos cipriotas têm ordem para não sair de casa. Em Nicósia e Larnaca, há muitas escolas fechadas.

Ontem á noite, houve tiroteio entre membros da F. O. K. A. e uma unidade das forças de segurança, nas montanhas do Sudoeste de Chipre. Um soldado britanico e um membro daquela organização foram mortos. — (F. P.).

50 MORTOS

num naufrágio

DJAKARTA, 18.—Cinquenta Indonésios do Sul das Celebes morreram afogados, por se ter voltado o seu barco, sob uma tempestade. Eram aldeões que fugiam da região de Madjani, onde grupos de terroristas fizeram várias incursões. — (F. P.).

Violentas trovoadas

em Espanha

MADRID, 18 — Sobre toda a Espanha pairaram violentas trovoadas e chuvas, que causaram inundações, especialmente em Barcelona, onde foi, ontem, adiada a apresentação do novilheiro português José Trincheira.

Em San Sebastian, afundaram-se dois barcos pesqueiros, salvando-se os tripulantes, e em Córdova abateram prédios, sofrendo ferimentos os seus ocupantes. — (Efe).

UM LOUCO

matou 7 pessoas

BRISBANE (Austrália), 18. — Num subito ataque de loucura, um imigrante polaco, Majaka, matou a tiro a mulher e um filho, lançou fogo á casa e veio para a rua, ferindo, mortalmente, uma vizinha, duas filhas desta e outra criança.

Majaka foi encontrado morto, quando a Polícia o procurava. — (A. N. I.).

De ontem para hoje

A HOMENAGEM DO TEMPO

ENTRE as preocupações que dominam, nas ultimas horas, a população da capital, numa ansiedade alvoroçada por ver a rainha de Inglaterra atravessar as ruas, no seu cortejo dourado, o estado do tempo constituia uma incógnita que todos pretendiam conhecer. As condições meteorológicas que se verificaram nos ultimos dias justificam essas preocupações dominantes, num receio fundado de que algum aguaceiro mais persistente viesse perturbar a homenagem sincera que a população de Lisboa — a que veio juntar-se grande parte da população do País — se prepara para prestar á suprema representante da nossa mais velha aliada. Mas o tempo parece que não quis prejudicar essa exteriorização dos sentimentos do povo — e, de ontem para hoje, registou-se uma mudança que permitiu, pelo menos, que cada um saísse ainda de noite de suas casas para ocupar os seus lugares ao longo do percurso. A' homenagem da população junta-se assim também a própria homenagem do tempo.

LOUVÁVEL INICIATIVA

CONTINUA a merecer carinhosa atenção uma obra que evoca uma das iniciativas mais louváveis levadas a efeito em favor das crianças da nossa terra: os Jardins-Escolas João de Deus. Criada, em 1911, pelo eminente pedagogo que foi João de Deus Ramos, sob a inspiração do nome de seu pai, a iniciativa tem tido um acolhimento favorável, ao longo de quase meio século, e constitui hoje um exemplo de boa orientação pedagógica, de que colheram já os seus frutos algumas gerações. O relatório da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus, relativo ao ano findo, traduz bem a evolução favorável dessa obra magnífica e na assembleia geral que ontem se efectuou foi mais uma vez posto em relevo o espírito generoso que a orienta e as novas perspectivas que se levantam para o seu desenvolvimento, com a dotação de mais dois terrenos para erguer duas novas escolas — uma em Alvalade e outra em Torres Novas.

DESTINO CRUEL

VEIO de longe para aguardar o filho que não via há tempo e que chegava de Africa, num avião de carreira. Mas quis o destino cruel que um estupido acidente lhe não permitisse satisfazer o justo desejo desse encontro afectuoso e feliz. Quando se dirigia, justamente, ao Aeroporto e transitava pela Rua do Arsenal, o sr. José Pereira da Costa, de 74 anos, proprietário e residente em Gradiz (Aguiar da Beira), foi colhido por um carro eléctrico e em vez de seguir para a Portela teve de ser conduzido ao Hospital de S. José, com fracturas graves. Cruel destino.

JORNAL PEQUENO

NUM espectacular acidente de automóvel, ontem á tarde, no cruzamento da Avenida Padre Manuel da Nóbrega com a Rua Vítor Hugo, ficaram feridas oito pessoas e registaram-se importantes prejuízos. Dentre os feridos, os mais graves foram o cantador Moniz Trindade e sua filha. ✱ Também ontem, na Chamusca, um automóvel embateu violentamente com uma árvore, e os passageiros, marido e mulher, sofreram graves ferimentos — o industrial Bernardino da Silva e sua esposa, D. Maria Angélica da Silva. ✱ Em Codernelas, uma criança de 3 anos, Dolores de Figueiredo, caiu a um poço e morreu afogada. ✱ Mais feliz, João Carreira, de 2 anos, caiu a um tanque, na Lamarosa, mas foi retirado com vida. ✱ A sr.ª D. Judicelia Dias foi atingida com um tiro de «Flaubert», disparado inadvertidamente por um filho de pouca idade, e foi conduzida ao hospital, ferida no ventre sem gravidade. ✱ Em Aveiro, o comerciante Américo Rodrigues da Costa, residente no lugar da Forca, quando seguia numa bicicleta motorizada, foi embater violentamente com um automóvel e faleceu pouco depois. ✱ Em Chaves foram presos dezasseis indivíduos dos concelhos de Arcos de Valdevez e Melgaço que se preparavam para emigrar clandestinamente para França.

Conversações em Marrocos

com Ibn Saud

SEVILHA 18 — O rei Ibn Saud saiu, ontem, para Rabat e foi despedido pelo ministro da Aviação, tenente-general Gonzalez Gallarza, a quem exprimiu a sua satisfação pelo acolhimento que — disse — vem reforçar a amizade com a Espanha, pedindo para transmitir este seu sentimento ao chefe do Estado espanhol.

Pouco depois recebia-se a notícia de ter o rei Ibn Saud chegado a Rabat, onde foi recebido pelo sultão e pelo príncipe herdeiro. A visita do monarca a Rabat prolonga-se por cinco dias para os dois soberanos tratarem demoradamente dos problemas dos países árabes. — (Efe).

O desaparecimento

do iate britanico

LONDRES, 18 — Foi passado mandado de captura contra o Hon. Henry Upton, que desapareceu, há dez dias, fazendo crer que tinha naufragado — anuncia o «Daily Mail».

Pretende o jornal que três dias depois do iate «Duessa», que ele tinha alugado, desaparecer, Henry Upton descontou um cheque num banco de Grenoble. — (F. P.).

ovic

Pera

PÉ DA VINHA

QUE PEDE VINHO

CALDEIRA, LDA.

MANUAL DE LITERATURA INGLESA

pelo

Dr. António Cândido Moutinho Guerreiro

A literatura inglesa, desde as origens aos nossos dias, na pluralidade das suas manifestações e como expressão do génio e da força criadora do povo inglês, apresentada sob um aspecto novo e que, sem qualquer tom didáctico, a todos interessa como livro palpitante e vivo e como verdadeiro elemento de cultura.

Distribuidores:

Porto Editora, Ld.ª — Praça D. Filipa de Lencastre, 42 — PORTO

Empresa Literária Fluminense — R. da Conceição, 125-1.°-E. — LISBOA

PREÇO 30$00

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Récita de Gala em honra de Sua Majestade a Rainha Isabel II e de Sua Alteza Real o Duque de Edimburgo

* * *

AVISO

Tendo sido pedidas informações à Direcção do Teatro Nacional de S. Carlos sobre o traje nas Torrinhas, Varandas e Balcão de 4.ª ordem para a Récita de Gala, esclarece-se que em todos os lugares deste Teatro os Ex.mos Convidados devem usar traje de cerimónia.

As condições de Israel

para retirar do Egipto

incluem um tratado de paz

com o Governo do Cairo

WASHINGTON, 18.—A senhora Golda Meir, ministra dos Negócios Estrangeiros de Israel, declarou, pela televisão, que o seu país estava pronto a retirar as suas forças do Golfo de Akaba, «uma hora depois» de os Estados Unidos darem garantias de que protegem «os direitos de todas as potências» e enviem navios para o Golfo.

Citou, igualmente, ás bases que podem levar a uma solução do problema do Golgo de Akaba:

1.º—«Acordo» assinado por Israel, o Egipto e a Arábia Saudita, garantindo a todos os países a liberdade de navegação no Golfo de Akaba.

2.º—Decisão das Nações Unidas, no sentido de manter tropas ao longo do Golfo, até que a liberdade de navegação fique assegurada para todos os navios.

3.º—Um «tratado de paz» entre Israel e o Egipto que ponha termo á sua longa hostilidade.

A senhora Meir salientou o facto de que qualquer «garantia» dos Estados Unidos, se estes a dessem, devia ser mais do que uma simples declaração publica. Sugeriu o envio de navios americanos para o Golfo, a fim de garantir o direito de passagem. E acrescentou: «Não pedimos a ninguém que combata por nós».—(F. P.).

Malogro das nagociações israelo-americanas?

WASHINGTON, 18. — Depois da entrevista do embaixador de Israel, Abba Eban, com Foster Dulles, o secretário dos Serviços de Imprensa da Casa Branca, James Hagerty, declarou, ontem, aos jornalistas quê a referida entrevista fora «negativa» e que o representante israelita se recusara a aceder aos apelos dos Estados Unidos e das Nações Unidas para Israel mandar retirar imediatamente as suas tropas do território egípcio.

Contudo, pouco depois, a Embaixada de Israel publicou uma nota a informar que a resposta do Governo israelita á proposta de Foster Dulles «contém determinado grau de acordo quanto a objectivos e princípios». — (A. N. I.).

O Egipto suspende os trabalhos de desobstrução do Canal?

ISMAILIA, 18.—As brigadas das Nações Unidas que estão a trabalhar na desobstrução do canal de Suez suspenderam, virtualmente, as suas operações, e se estas não recomeçarem imediatamente, será impossível dar por concluídos os trabalhos para a reabertura do Canal até 10 de Março próximo, data-limite que foi fixada pelo comando das brigadas da O. N. U.—segundo declararam, hoje, círculos bem informados.

As unidades salvadegas dispersas ao longo do Canal continuavam hoje a trabalhar para a remoção de pequenas obstruções, mas, segundo disseram os mesmos círculos, se não se puser termo, imediatamente, á paralisação dos principais trabalhos, o comandante da O. N. U., general Ralmond Wheeler, ver-se-á impossibilitado de cumprir o plano, na data prevista por ele próprio, da primeira fase das operações de desobstrução.

Embora não tenha sido afirmado abertamente, o prosseguimento das operações parece estar dependente da questão da retirada das tropas israelitas da faixa de Gaza e da costa do Golfo de Akaba. Círculos autorizados afirmaram que funcionários egípcios comunicaram, claramente, ao general Wheeler que não haverá possibilidade de as brigadas salvadegas poderem recomeçar as operações em larga escala, até que tenha sido resolvida a questão da retirada das tropas israelitas.—(A. N. I.).

Uma cantora

portuguesa

foi a primeira pessoa

que esteve no «Scala»

junto do corpo de Toscanini

MILÃO, 18.—Chegou ás primeiras horas da manhã o corpo do célebre maestro Toscanini, que será sepultado nesta cidade, onde conheceu os seus primeiros dias de glória.

Uma multidão emocionada aguardava, na estação central, a chegada do comboio que devia trazer a urna, de Roma. Entre as 500 pessoas, indiferentes ao frio e á chuva que caía, encontravam-se uma das filhas do maestro, Wanda Horowitz, o síndico de Milão, professor Virgílio Ferrari, e numerosos amigos da familia Toscanini. A urna emergia de flores vermelhas, brancas e verdes — as cores nacionais da Itália — e estava rodeada de quatro enormes coroas.

Foi uma jovem e bela portuguesa, a cantora Carmélia Ambart Pitta, de Lisboa, a primeira pessoa que entrou no átrio do Scala, onde foi colocado o ataúde. Segundo contou, mais tarde, á Imprensa, esperara desde as 6 horas da manhã, de pé, no passeio, e estava «molhada até aos ossos».—(A. N. I.).

70 mortos

num fogo registado

num albergue

dos Estados Unidos

WARRENTON (Missouri), 18 — Ontem á noite, era ainda impossível fazer-se o balanço das vítimas do incêndio no asilo dos velhos nesta cidade. O calor provocado pelo braseiro impedia que as brigadas de socorro se aproximassem das ruinas. No entanto, 82 sobreviventes estão a salvo.

Segundo numeros apurados pela Polícia, o total das vítimas andaria perto de 70. Efectivamente, calculam-se em 155 os internados que estavam no edifício quando o fogo começou.

Oito horas depois de se atear o incêndio, tinham sido encontrados 10 corpos carbonizados. Devido á escuridão e ao cansaço, as brigadas de socorro adiaram para as primeiras horas da manhã a procura das vítimas. → (F. P.).

Treze mortos no Japão

TÓQUIO, 18. — Morreram 13 pessoas, entre as quais três crianças, numa incêndio que destruiu, esta noite, o mercado central da cidade de Kagoshima, na ilha de Kiu-Shu. — (F. P.).

Comentário espanhol

à posição portuguesa sobre o mercado comum

MADRID, 18—O director da «Hoja del Lunes», Pedro Gomez Aparício, dedica o seu comentário internacional de hoje aos mercados comuns europeus e á zona de comércio livre, citando a razão que assiste ao ministro português da Presidência, prof. Marcelo Caetano, quando diz que, «seja qual for a solução que se ache, será essencial assegurar igualdade de condições de concorrência, de forma que a união aduaneira do mercado comum de produtos agrícolas seja eliminada qualquer discriminação que vá em prejuizo dos demais países da zona que sejam exportadores agrícolas».—(Efe).

*

PARIS, 18. — Os seis ministros dos Negócios Estrangeiros reuniram-se, esta manhã, no Quai d'Orsay, sob a presidência de Paul Henri Spaak, prosseguindo os trabalhos sobre o mercado comum e a E. U. R. A. T. O. M.

Na agenda, figura a associação dos territórios ultramarinos ao mercado comum. — (F. P.).

A acção de Churchill

durante a guerra

e a sua vigorosa personalidade

descritas pelo marechal Brook

LONDRES, 18—Sir Winston Churchill, primeiro-ministro durante a guerra, é descrito no livro «A mudança da maré», do historiador Arthur Bryant, escrito com base no «Diário de Guerra» do marechal Alan Brooke, como um génio errático.

Alan Brooke resume assim as suas impressões do contacto com Churchill durante a guerra, como chefe do Estado-Maior Imperial e conselheiro militar do primeiro-ministro:

«Duvido de que algum historiador do futuro seja capaz de retratar Churchill nas suas verdadeiras cores. E' um carácter maravilhoso, possui as mais preciosas qualidades e um génio super-humano, de mistura com uma espantosa falta de visão, por vezes, e com impetuosidade que, se não é guiada, leva inevitávelmente, sempre, a novas complicações».

O livro de Arthur Bryant mostra claramente que Churchill teve, igualmente, violentas discussões e disputas com os seus generais, tal como Hitler, com uma unica diferença: sempre acabou por se inclinar diante dos conselhos que eles lhes davam, quanto a decisões puramente militares.

«Winston—escreve Alan Brooke—não tinha a menor duvida de que havia herdado todo o génio militar do seu grande antepassado, o duque de Malborough». Os planos militares vinham-lhe á cabeça em catadupas e tanto podiam representar concepções brilhantes como ideias perigosas e absurdas. Os generais tinham, então, um grande trabalho para o convencer dos perigos dos seus planos grandiosos.

Churchill enviava telegramas ofensivos aos generais, alguns dos quais tinham de ser retidos pelos chefes do Estado-Maior. Dizia um desses telegramas: «Penso, por vezes, que alguns dos meus generais não desejam combater contra os Alemães».

«Tudo isto—escreve Alan Brooke—era o resultado do excesso de trabalho de Churchill. Deus sabe onde nós estariamos sem ele, mas Deus sabe, também, onde iremos com ele».

Certa vez, num telegrama para o Quartel General do Médio Oriente, o primeiro-ministro perguntava por que razão eram indicados na folha de pagamentos e de alimentação 750.000 homens, enquanto para qualquer batalha só se falava de 100.000 homens. «Expliquem-nos exactamente—pedia Churchill—como se encontram ocupados os outros 650.000 homens.

Os generais tiveram uma longa luta para conseguir convencê-lo, certa feita, da inutilidade do seu plano de invadir a Noruega, quando já se encontravam adiantados os planos para os desembarques no Mediterraneo.—(A. N. I.).

Maria da Conceição

Maria da Conceição

apresenta todas as noites no **Cantinho da Mãe-Preta** um grandioso elenco de artistas de Fado. Serviço de Restaurante e Bar. Ambiente castiço. Aberto até de madrugada. Alfama. Beco do Azinhal, n.º 7. T. 366183. (Adultos)

Açorda de sável e trachinho de eirós, pratos regionais do «CAMPINOS» CARTAXO

JEAN CLAUDE PASCAL
O PRIMEIRO GALÃ ROMANTICO FRANCÊS

GIANNA MARIA CANALE
A VEDETA ITALIANA DE BELEZA MISTERIOSA E PROVOCANTE

COM A PARTICIPAÇÃO DE
JULIETTE GRECO

UM FILME PLENO DE INTRIGA E AVENTURA QUE ALCANÇA AS VERDADEIRAS PROPORÇÕES DA GRANDE OBRA LITERÁRIA DE **PIERRE BENOIT**, ADAPTADA AOS ACONTECIMENTOS ACTUAIS

A Castelã do Líbano

— EASTMANCOLOR —

(Adultos)

REALIZAÇÃO DE
RICHARD POTTIER

HOJE no
TIVOLI

OS MAIS BELOS EXTERIORES REALÇADOS PELAS IMENSAS POSSIBILIDADES DO CINEMASCOPE

Eis a Lúcia COMUNISTA

QUE INFORMA

(Adultos)

RIA COMO NUNCA RIU
COM
LAURA ALVES
EM
A 8.ª MULHER DO MILIONARIO
NO
MONUMENTAL
ÀS 21 HORAS
-ESTREIA-
DA GRANDE ATRACÇÃO DO MOMENTO

NOVA ORQUESTRA DE
Fernando de Carvalho

2 espectáculos num SÓ
UM BRINDE DE
Vasco Morgado
AO PÚBLICO DE LISBOA

CARNAVAL ??
Só o do MONUMENTAL
BILHETES A' VENDA

Se quer receber uma fotografia autografada da **Lucia Comunista** e um programa de CARNAVAL?? escreva para o **TEATRO MONUMENTAL**

NUNES CORRÊA
ALFAIATES

Antigos fornecedores da Casa Real e do Corpo Diplomático

que há mais de 100 anos vestem os homens de maior representação social no nosso País e cujo estabelecimento, na velha Rua Augusta, tem sido ponto de passagem dos mais ilustres visitantes que Portugal tem recebido, têm a honra de saudar, no dia da sua chegada a Lisboa, Sua Majestade a Rainha Isabel II e Sua Alteza Real o Duque de Edimburgo, associando-se ao júbilo do Povo Português e desejando aos nossos régios hóspedes uma estadia feliz em terras do mais velho aliado da grande Comunidade Britanica

*

250, Rua Augusta, 252

FOI UM AUTÊNTICO E INDISCUTIVEL
EXITO-ABC
POPULAR !
A ESTREIA ONTEM NO

Aida Baptista

(Sociedade Artística ABC)
Telef. 366783

DA NOVA E ALEGRE REVISTA
JÁ CÁ CANTA!
QUE HOJE SE REPRESENTA

TEATRO DE REVISTA A PREÇOS DE CINEMA
Plateia DE 25$00 A 12$50
Balcão DE 15$00 A 7$00
Todos os impostos incluídos

EM 2 SESSÕES
ás 20,45 e 22,45

TRIUNFALMENTE COM
AIDA BAPTISTA
CLARISSE BELO — NANTILIA DE OLIVEIRA — CAMILO DE OLIVEIRA — JOSÉ VIANA — OSCAR ACURSIO — GUIDA DE CARLO — MIMI LACERDA — MARIA NATÁLIA — JUDITE SANTANA
E A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
TRISTÃO DA SILVA

ADULTOS

VIELA

casa de CELESTE RODRIGUES
R. Taipas, 14
Tel. 27256
(Adultos)

O EXITO

ACTUAL DE MAIOR SENSAÇÃO EM LISBOA
TODAS AS NOITES NO
MAXIME
A ATRACÇÃO COREOGRÁFICA DE MAIOR FAMA NA EUROPA
BALLET LALA CASSEL
10 esculturais bailarinas em todo o esplendor deslumbrante dos seus encantos físicos

Maravilhoso!... Surpreendente!... Impecável de ritmo!... A arte do bailado em toda a sua requintada beleza
(PARA ADULTOS)

Marcia Condessa
Restaurante Típico — Praça d'Alegria, 38
Telef. 367093 ADULTOS
Almoços — Jantares — Ceias
Fados e Guitarradas
por **Marcia Condessa, Xavier Pinto, Natalina Bizarro, Fernando Manuel, Teresa Nunes, Augusto Pinto e Joaquim do Vale**

Leiam o jornal humorístico
sempre fixe

CINEMA MONUMENTAL

AMANHÃ, 19, às 21,30 horas

LAURA ALVES

António Silva e Virgílio Teixeira

na mais espirituosa e picante comédia do cinema português

PERDEU-SE UM MARIDO

ADULTOS
PRODUÇÃO LISBOA FILME

Realização de HENRIQUE CAMPOS

com JOSEFINA SILVA * ALVES DA COSTA * CARMEN MENDES * COSTINHA * MARIA DA LUZ * ARTUR SEMEDO * MARIA BÁRBARA * RAUL SOLNADO * JULIA BARROSO

ADAP. COMÉDIA DE M. F. PRESSLER — SEQUÊNCIA DE F. FRAGOSO

C. PRODUÇÃO: LUÍS MIRANDA — FOTOGRAFIA: JOÃO MOREIRA — MUSICA: JAIME MENDES
CENÁRIOS: PAULO GUILHERME — MONTAGEM DE ISABEL DE SÁ

NO PROGRAMA: «KERMESSE FANTÁSTICA», PRODUÇÃO PHILLIPS, PREMIADA NA BIENAL DE VENEZA

UMA PEGA 6$50

Um Ribatejo 10$00 — Café de Timor — Doçaria caseira no Bar Ribatejo, P. Areeiro, 11 D — Até às 3,30 da manhã

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — A Castelã do Libano — TIVOLI

SÃO LUIZ — TEL. 27172 (18 anos)
A's 15,15 e 18,15 (Preç. red.) e ás 21,30
Michèle Morgan, Gerard Philipe e Brigitte Bardot na deliciosa comédia de RENÉ CLAIR
AS GRANDES MANOBRAS

EDEN — TEL. 20768
15,30-18,30 e 21,30 (Para 18 anos)
EM 3.ª SEMANA
A comédia em «Cinemascope»
PÃO, AMOR E...
com Sophia Loren e Vittorio De Sica
Uma história que é um caudal do riso

IMPÉRIO — TEL. 55134/5
A's 15.15 - 18.15 e 21,30 (Adultos)
Um filme de Luigi Zampa
RAPARIGAS DE HOJE
com Marisa Allasio, Lilli Cerasoli, Bella Visconti, Paolo Stoppa, Louis Seigner e Frank Villard
Cinemascope — Eastmancolor

MONUMENTAL — TEL. 55131
A's 15,15 - 18,15 e 21,30 (Maiores 6 anos)
4.ª e ultima semana
A mais bela e enternecedora história do ano, num genial filme de ambiente taurino
O RAPAZ E O TOURO
Cinemascope — Technicolor
com Michel Ray, o prodigio de 10 anos, numa criação genial, e o famoso matador Fermin Rivera

ALVALADE — TEL. 763080
A's 15,15 (P. red.) e 21,30 (18 anos)
Michèle Morgan, Gerard Philipe e Brigitte Bardot na deliciosa comédia de RENÉ CLAIR
AS GRANDES MANOBRAS

AVIS — TEL. 47163
A's 15,30 e 21,30
Atendendo á grande metragem do filme
2.ª SEMANA
Um espectáculo inesquecível com musica, cor e romance
CASA RICORDI
com Marta Toren, Paolo Stoppa e Micheline Presle (13 anos)

RESTELO — Tel 610375
A's 21,15 (13 anos)
A magnífica comédia em cinemascope
A FILHA DO EMBAIXADOR
com Olivia de Havilland e John Forsythe

TERRASSE — TEL 20917
A's 21 (13 anos)
A QUEDA DE UM CORPO
CANTINFLAS À LA MINUTA

CINEMA IDEAL
A's 21 (13 anos)
VERDI
TERRAS DA MORTE BRANCA

LIZ — TEL 48560
A's 21,15 (13 anos)
A 23 PASSOS DO ABISMO
com Van Johnson e Vera Miles

TIVOLI — TEL. 50595 (Para 18 anos)
Um admirável filme francês em CINEMASCOPE
A CASTELÃ DO LÍBANO
com Jean-Claude Pascal, Gianna Maria Canale e Juliette Greco
3 e 6,15 da tarde e (P. red.) e 21,30 h.
A célebre obra-prima de Pierre Benoit num espectáculo de aventura e paixão!

POLITEAMA — TEL. 26305
A's 15,15 e 21,30 (Adultos)
4.ª semana do êxito em cinemascope
ZARAK
com Victor Mature, Anita Ekberg
A's 18,15:
ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS
com o filme que representa uma sublime mensagem de amor e caridade
DESPROTEGIDOS
com A. Marsilach e José Isbert
(Para 6 anos)

CONDES — TEL. 22523
A's 15,15 e 18,15 (Preç. red.) e 21,30 (Adultos)
5.ª SEMANA
Um filme de amor e de esperança
com Anne Vernon, Danik Patisson e François Guérin
AO LONGO DAS RUAS
Notável realização de Léonide Moguy, o homem que fez «Amanhã será tarde»

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
15,15-18,15 e 21,30
2.ª SEMANA
KENNETH MORE
Primeiro prémio de interpretação masculina no Festival de Veneza
e MURIEL PAVLON em
VONTADE INDOMÁVEL
A história do homem que venceu o seu próprio destino...
(Para 13 anos)

ODEON — TEL. 26283
A's 15,30 e 18,15 (P. red.) e 21,30 h. (Adultos)
A história mais chocante da época!
COM A VOSSA VIDA NAS MÃOS
com Charlton Heston, Lizabeth Scott e Dianne Foster

CAPITÓLIO — TEL. 27493 (18 anos)
A's 15,30 e 21,30 (Adultos)
2.ª semana
Em pleno êxito um drama cheio de acção movimentada
B A N D I D O
Cinemascope — Cor De Luxe
com Robert Mitchum, Ursula Thiess e Gilbert Roland

ROYAL
A's 21,15 (18 anos)
Em continuação de estreia
3.ª SEMANA
A I N F A M E
No programa:
TÓTÓ ENTRE MULHERES

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (Adultos)
RUA SEM LEI
com Randolph Scott

TEATRO AVENIDA

A's 21,45 h. (Adultos)
A peça italiana de ALESSANDRO DE DE STEFANI

O Paço da Vida
(IL GRANDE ATTORE)

versão portuguesa de LUIS FRANCISCO REBELO
Grande criação de
José Gamboa
Notável elenco com MARIANA VILAR
Espectáculo de Vasco Morgado subsidiado pelo Fundo de Teatro
Muito brevemente
A VOZ DA CIDADE
de RAMADA CURTO

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

A's 21 e 45 (Adultos)
A peça de Augusto de Castro
Amor à antiga
numa notável interpretação de um prestigioso elenco
UM GRANDE EXITO
Ultimas da primeira série de representações
No dia 22, terceira récita de assinatura:
O REVISOR, de GOGOL
O TEATRO ESTA' AQUECIDO

ARCO-IRIS

RESTAURANTE-BAR
RAINBOW
Praça do Areeiro, 8. Telef. 725349
Lobster salad Rainbow... Steak Rainbow the cooking of dishes can be seen by our clients.
ALMOÇO ou JANTE
PRATOS REGIONAIS
Serviço especial completo 35$00
Direcção de FERNANDO SANTOS

CASINO ESTORIL

HOJE no «WONDER-BAR»
Jantares e Ceias
Conjuntos OLIVER e HELDER REIS — (Adultos)
— CARNAVAL DE 1957 —
Marcam-se mesas no RESTAURANTE e «WONDER-BAR» para as 4 noites

Restaurante TABUAS
com Nova Gerência
Almoçando e jantando neste Restaurante economizará V. Ex.ª dinheiro e saude.
Rua Barros Queirós, n.º 49 — T. 26614

PEÇA NA BILHETEIRA O PROGRAMA ELUCIDATIVO DO

GRANDE CARNAVAL DO CAPITÓLIO

MAIORES DE 15 ANOS

4 NOITES E 3 TARDES INFANTIS

COM A PRESENÇA DA FAMOSA
ORQUESTRA DOMINGOS VILAÇA
EXCLUSIVA DO CARNAVAL DO CAPITÓLIO
UM ESTONTEANTE E ALEGRE FILME MUSICAL
QUATRO ATRACÇÕES INTERNACIONAIS
UM SENSACIONAL CONCURSO DE
«ROCK AND ROLL»

BAILES ATÉ DE MANHÃ!

O MAIS CATEGORIZADO, ALEGRE E ACESSIVEL
CARNAVAL DE LISBOA
BILHETES À VENDA PARA TODOS OS ESPECTÁCULOS

AVIZ HOTEL

"La Terrasse"
A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA, 18
TODAS AS TARDES DAS 18,30 ÀS 21 HORAS
ARMANDO RODRIGUES
AO PIANO

APOLO — Telef. 28643
Emp. Erico Braga
(Adultos)
SANDRO apresenta: A's 21,45
ULTIMO ESPECTACULO
Maria Della Costa
EM
ROSA TATUADA
com JARDEL FILHO
3.ª e 4.ª feira o Teatro está encerrado para montagem do 2.º original brasileiro
«MANEQUIM»
de HENRIQUE PONGETTI
Um verdadeiro desfile de modas

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A distribuição das figuras da peça «O manequim», original do escritor brasileiro Henrique Pongetti, que vai subir á cena no Teatro Apolo, é a seguinte: «Glorinha», Maria Della Costa; «Roberto», Jardel Filho; «Madame Cerdeira», Carmen Silva; «Moisés», Edmundo Lopes; «Dora», Diana Morelli; «Rosário», Serafim Gonzalez.

— Concluiram-se ontem, no Teatro Variedades, as representações da comédia «O Milagre da Praça da Alegria». Na decorrente semana, subirá á cena a comédia «Ela não gostava do criado».

— A actriz brasileira Glória May foi convidada para fazer parte da companhia de revistas que o empresário Giuseppe Bastos está a organizar, para uma digressão ao Ultramar.

— Carmen Mendes, Maria da Luz, Rita Nobre, Glória Norton, Lourdes Maria, Natividade Maria e Conceição Gomes, formam o friso de discípulas que vai intervir na revista «Lisboa á vista», em ensaios no Teatro Variedades.

— Por via aérea, segue no dia 25 para o Rio de Janeiro, o empresário Joaquim David de Araujo.

— O maestro português António Lopes, presentemente a dirigir a orquestra do Teatro Serrador do Rio de Janeiro, e autor da musica da revista ali em cena, projecta vir a Portugal no decorrente ano.

— Foi já contratada uma artista francesa, que será a vedeta da companhia de revistas do Teatro Variedades.

— Está marcada para sexta-feira a estreia, no Teatro D. Maria II, da peça «O Revisor».

— O novo esepectáculo que o Teatro de Gerifalto, vai apresentar no Teatro da Trindade, compõem-se das peças «O gato das botas», «Era uma vez um Dragão» e «Pendurado na Lua».

— A companhia de revistas do cómico Cole está até 24 do corrente a actuar no Teatro Recreio, do Rio de Janeiro apresentando a revista «Eu vou para Maracangalha».

— O actor Delorges Caminha foi eleito presidente do Sindicato dos Artistas Teatrais do Rio de Janeiro.

— O cómico Almeidinha que faz parte do elenco da companhia de revistas do actor Cole, está em negociações para ingressar na companhia de revistas do Teatro Madureira.

— No Nacional está a dar as suas ultimas representações a peça de Augusto de Castro, «Amor á antiga», estando marcada para sexta-feira a estreia de «O Revisor», de Gogol, em que entra quase toda a companhia e para que Lucien Donat está a concluir toda a cenografia.

— A companhia brasileira de Maria Della Costa dá hoje no Apolo o ultimo espectáculo com a famosa peça «A Rosa Tatuada», estando marcada para dentro de três dias a estreia do segundo original brasileiro da temporada «Manequim», três actos de Henrique Pongetti.

António José da Silva

António Pinheiro e António Pedro

Conforme, aliás, referiramos oportunamente foi uma versão condensada da peça de António José da Silva, «Guerras do Alecrim e Manjerona», e não o texto original, que há cerca de meio século se representou no Teatro Nacional, por iniciativa e sob a direcção de mestre António Pinheiro.

O espectáculo que o Teatro Experimental do Porto apresentou no Trindade tem, evidentemente, outra projecção e outro significado no plano cultural, embora não se possa dizer com verdade que o nome de António José da Silva tenha sido completamente esquecido e só agora ressuscitado da poeira dos arquivos. Aliás, o esclarecimento por nós publicado, que pretendeu ser apenas um acto de reparação para a memória de António Pinheiro, em nada diminui o valor do notável arranjo e da magnífica encenação que ficamos de vendo a António Pedro.

No Monumental

apresenta-se hoje em estreia a nova Orquestra de Fernando de Carvalho

Como complemento da comédia «A 8.ª mulher do milionário» o Monumental apresenta hoje a nova orquestra de «jazz» do maestro Fernando de Carvalho. Fernando de Carvalho nasceu com a paixão e o destino da musica. As suas primeiras composições surgiram quando tinha apenas 8 anos. E, curioso facto, este compositor, típicamente moderno, era, nesse tempo, um apaixonado da musica clássica. Tanto assim, que escreveu dois trios de camara, ao mesmo tempo, quando cursava violino no Conservatório, terminando o seu curso, aos 17 anos, conquistando o 1.º prémio. Trabalhador infantigável. Fernando de Carvalho, completa agora 25 anos de Teatro. Entre muitas outras obras, foi o autor das partituras das operetas: «Garoto da rua» e «Rosa Brava»; e dos filmes: «Pai tirano», «Madragoa», «Cantiga da rua» e «Comissário de Polícia».

Coliseu

ALEGRIA DE LISBOA !

Hoje, às 21,30, em espectáculo da moda, as maiores atracções da Nova Companhia de Circo

Que ninguém falte hoje ao Coliseu pois, em espectáculo da moda, apresentam-se todas as grandes atracções da Nova Companhia de Circo. Maravilha das maravilhas! Zavata, o rei da corda bamba, formidáveis saltadores em bascula, «jongleurs» em monociclo, excentricos musicais, olimpicos, acrobatas aéreos, a jaula da morte, cães amestrados, contorcionismo, duas parelhas de palhaços franceses e italianos cheios de graça, de originalidade e de bom humor.

Imagem do dia

Estreia-se esta noite um filme notável inspirado num tema clássico do cinema: o célebre romance de Pierre Benoit: «A CASTELÃ DO LIBANO». Desta vez trata-se de uma versão em CinemaScope, realizada por Richard Pottier com uma interpretação de alta classe de JEAN-CLAUDE PASCAL, GIANNA MARIA CANALE e JULITTE GRECO. Completa o programa do TIVOLI o filme português: «PASSEIO ÁS CALDAS».

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DO CINEMA
da semana de 18 a 24 de Fevereiro de 1957

2.ª-feira, 18 — «Rua sem lei», com Randolph Scott, Angela Lansbury e Jean Parker. A's 21,30 para adultos.

3.ª-feira, 19 — «A rainha virgem», com Bette Davis, Richard Todd e Joan Collins. A's 17 para 13 anos. A's 21,30 para adultos.

4.ª-feira, 20 — «O grande erro», com Edward G. Robinson, Nina Foch e Hugk Marlowa. A's 21,30 para adultos.

5.ª-feira, 21 — «Duelo de ambições», com Clark Gable, Jane Russell e Robert Ryan. A's 17 para 13 anos. A's 21,30 para adultos.

6.ª-feira, 22 — «O homem que sabia demais», com James Stewart e Doris Day. A's 21,30 para adultos.

Sábado, 23 — «Vontade indomável», com Kenneth More e Muriel Pavlow. A's 17 para 13 anos. A's 21,30 para adultos.

Domingo, 24 — «Bandido», com Robert Mitchum, Ursula Thiesse e Gilbert Roland. A's 17 e ás 21,30 para adultos.

Tágide APRESENTA
JOSETTE PEIRO
Grande Prémio da Canção Francesa
*
DEO MAIA e os irmãos Guarás
Num «show» brasileiro de esfusiante alegria
Conjunto JORGE MACHADO
Consumo obrigatório: ESC. 35$00 (15 anos)

2 BRINDES

Enviando 10$00 em selos de 1$00, receberá um Mapa de Portugal a 6 cores, medindo 60×90 e uma Planta completa da Cidade de Lisboa, actualizada, modelo portátil e encadernada. A todos os leitores que façam este pedido, serão enviadas juntamente e como brindes: **1 ESTAMPA DE SUA MAJESTADE A RAINHA DE INGLATERRA** e 1 senha para o sorteio de **1 AUTOMÓVEL FIAT 600**, oficialmente autorizado.

Pedidos a J. R. SILVA, Apartado 743 — LISBOA-C.

NOME .....
MORADA .....
LOCALIDADE .....

LUSO

T. Queimada, 8-A
T. 32889—Adultos
Hoje (até de madrugada) Fados e Canções por **Emília Candeias — Maria Amélia Proença** — Isaura A. de Carvalho — Manuel Carlos — Raul Dias — Fernando Maurício e o campeão da alegria **Manuel Bogalho**. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal.

Cão perdeu-se
felpudo-branco malhas castanhas dá por Boby. Telefonar 53868.

MARIA VITORIA
EMPRESA «EUGÉNIO SALVADOR e RUI MARTINS»
TOCA A MUSICA!
COM A QUERIDA VEDETA POPULAR
BEATRIZ COSTA
É A MELHOR REVISTA DE
SALVADOR
TOCA A MUSICA!
COM O GRANDE ACTOR CÓMICO
ANTONIO SILVA
É UMA REVISTA PARA RIR E PARA VER!

BEATRIZ COSTA no «Ferro novo»

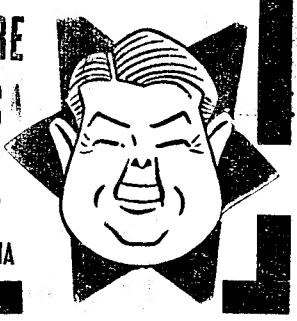
GLÓRIA MAY, no «Garoto malcriado»

RETIRO ANDALUZ

Av. Conde Valbom, 114—Telef. 7731-34
Casa da
DEOLINDA RODRIGUES
Que num ambiente típico e seleccionado, tem recebido com todo o prazer a visita das melhores famílias.
Apresenta o seu elenco de fado castiço com **Maria Augusta, Eulália Duarte** e o aplaudido fadista do momento
ANTÓNIO ROCHA
Variações por **Liberto Conde** e **Francisco Peres**
Desde já marque a sua mesa para os festejos carnavalescos.
A melhor Cozinha Típica Portuguesa

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
SÓ
HOJE e AMANHÃ!
ÚLTIMAS
E DEFINITIVAS
REPRESENTAÇÕES!
ESP.º/P.º ADULTOS

NO VARIEDADES
EMPRESA ARTISTICA DE ESPECTACULOS, L.da
Telef. 26037
DIRECÇÃO DE HENRIQUE SANTANA
Em 2 Sessões, às 20.45 e 22.45
A ADMIRAVEL COMÉDIA POPULAR
O MILAGRE da PRAÇA da ALEGRIA
COM
VASCO SANTANA



AINDA ESTA SEMANA
E SÓ PARA O
CARNAVAL
ESTREIA
DA HILARIANTE FARSA
«ELA NÃO GOSTAVA DO CRIADO»

NINA
Parelha de baile
GENY Y BEL-GUERRA
NUM GRANDIOSO EXITO
ADULTOS

JÁ MILHARES DE SENHORAS O CONFIRMAM!

SABÃO

ACTIVADO

Sonasol

UMA VITÓRIA DA INDUSTRIA NACIONAL

FINALMENTE - - -

O SABÃO QUE CONTENTOU TODOS!

O sabão Sonasol *consegue realmente uma* **"Brancura Nova",** *e um avivamento de côres nunca até agora alcançados, e porque é em* **barra** *garante uma* **verdadeira economia,** *até mesmo quando usado pelo pessoal ou por crianças.*

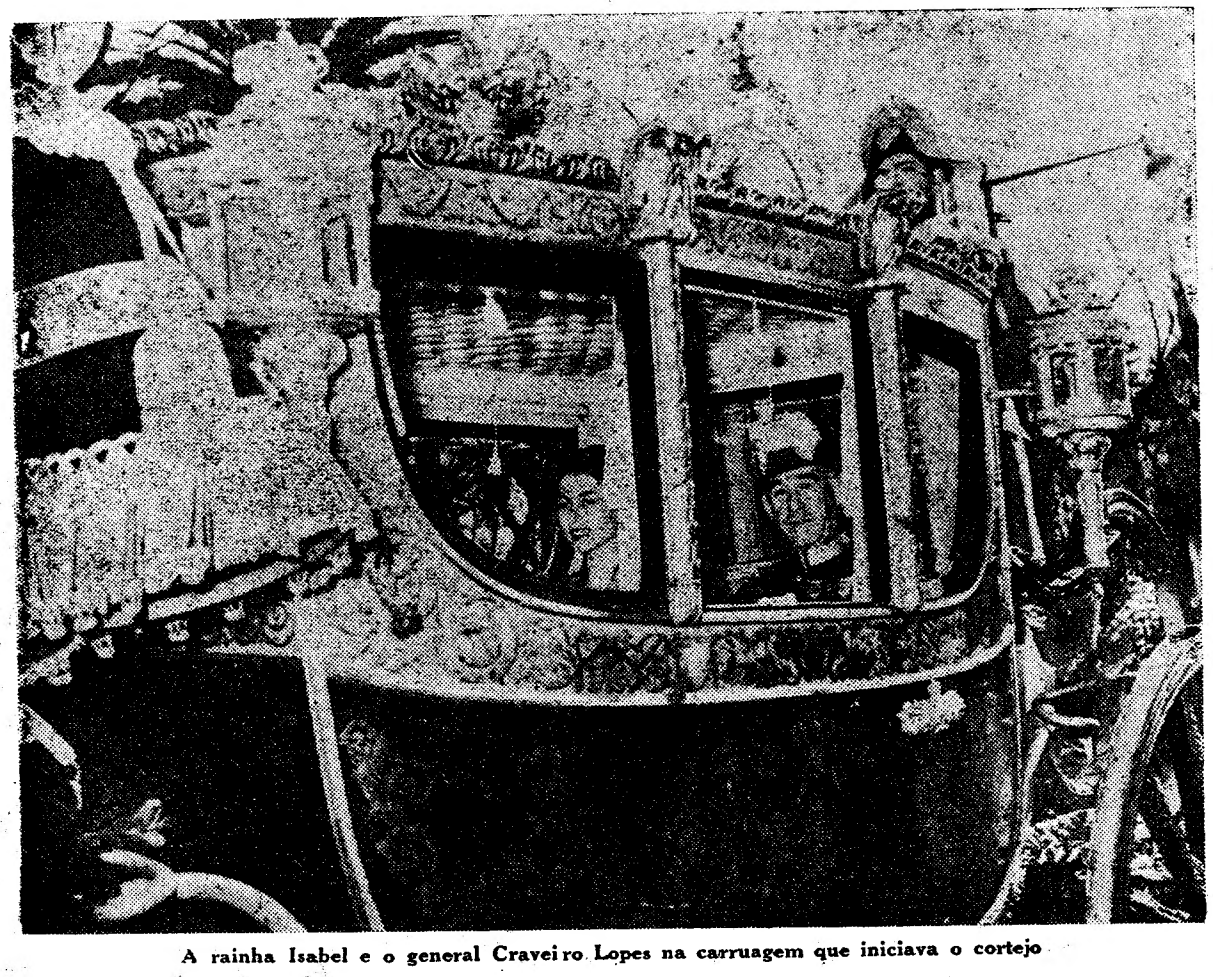
Garantimos que este sabão não contém potassa

5$00 cada barra

o SABÃO da lavadeira

SS-698

Cerca de trezentas mil pessoas nas ru



A rainha Isabel e o general Craveiro Lopes na carruagem que iniciava o cortejo

Lisboa a seus pés...

Do Alto da Rotunda, a rainha Isabel contemplou a cidade das sete colinas

enquanto subia no espaço uma revoada de onze mil pombos

Pelas 10 da manhã, já os cabeços fronteiros ao miradouro do Parque Eduardo VII, lá em cima, quase em Marquês de Fronteira, eram uma pinha colorida de gente. Um sol levemente lívido, uns farrapos de nuvens. Tiram-se bussolas da algibeira, consultam-se os horizontes e o instinto de cada qual: chove, não chove? O vento agora é do Norte...

Os guardas-chuvas servem, afinal, para guardar do Sol. Aquece. E, á medida que se concluem os preparativos e se completam os finais da decoração do recinto, aumenta o compacto da massa humana. Gente formiga, em todos os sentidos, nos arruamentos perpendiculares ás linhas mestras do Parque. Cá em baixo, numa centena de pilhas de gaiolas, milhares de pombos estão entregues á guarda do Corpo Nacional de Escutas, guias nacionais, e soldados do batalhão de transmissões. Fazendo fundo ao pavilhão erguido por detrás da base de um futuro monumento, as bandeiras, dezenas e dezenas de bandeiras inglesas e portuguesas ladeiam as da União Sul Africana, do Canadá e do Paquistão, os três Estados da Comunidade inglesa com representação diplomática em Portugal.

Depois, vão chegando os membros da comissão de Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, os drs. Pinto de Mesquita, Jorge Nemésio e Castelo Branco, que hão-de coadjuvar o sr. dr. João de Mendonça, dos Serviços protocolares do mesmo ministério.

Ladeando o miradouro, erguem-se já centenas de estandartes. Daí a pouco, coados pela luz solenemente doirada do Sol, subirão a mais de meio milhar os coloridos estandartes: á frente os dos escuteiros, atrás os das Casas dos Pescadores de todo o País. Depois, do lado esquerdo, as representações de empresas, grémios, sindicatos; do lado direito, ainda, deputações de grupos culturais e recreativos.

Duzentos agentes da P. S. P., sob o comando do capitão Joaquim Cabral, estão a postos. Mas são eles próprios quem afirma:

—O publico sabe comportar-se! Nem tantos eram precisos!

Ás 10 e 45, chega a G. N. R. motorizada. Impecável, faz sensação. Estreou novo material motorizado e o publico recebe-a com palavras de aplauso. São dois esquadrões a dois pelotões sob o comando do tenente-coornel Correia Barrento que, numa evolução impecável vão encostar ao fundo, voltados para o Parque, aos pés da multidão que se apinha em todos os socalcos. Milhares de bandeirinhas (as nacionais de Inglaterra e Portugal) adejam já por toda a parte. O 1.º e 2.º comandantes da G. N. R. chegam pouco depois. Mas há notícia de que o cortejo vem atrasado e assestam-se binóculos, em direcção á Avenida da Liberdade. Uma poalha tenuíssima flutua. Daí a pouco, já se distinguem, lá ao fundo, no entardecer da Rua Primeiro de Dezembro, os primeiros elementos do cortejo. Depois, nítidos, recortam-se no asfalto da Avenida. Cá em cima, no Parque Eduardo VII, movimentam-se as ultimas figuras que hão-de compor o quadro de recepção a sua Majestade a rainha de Inglaterra e a sua alteza real, o duque de Edimburgo.

E' meio-dia menos cinco minutos. Agora, tudo é rápido.

Um ultimo toque nos nós das gravatas protocolares. Já passaram, galhardamente, as primeiras imagens da G. N. R. Nervosismo, entusiasmo. De repente, ouve-se, no topo da Avenida do Santo Condestável gritos de aplauso. Um frenesim ondula de topo a topo do parque:

—Viva a rainha de Inglaterra!

—Viva o duque de Edimburgo!

—Viva o Presidente da Republica!

Trintanários de cabeleira descem rapidamente do coche doirado e abrem a portinhola. O Chefe do Estado português desce e, gentilmente, estende a mão á rainha. O pé de sua majestade hesita ligeiramente, envolto na orla do casaco que, por ser rodado, na descida, lhe os primeiros passos...

São 12 e 25. Lentamente, sorrindo sempre, sua graciosa majestade pisou a passadeira de veludo vermelho. O coche partiu a toda á brida; Isabel de Inglaterra vai avançando até á balaustrada. O segundo coche, com sua alteza, o duque de Edimburgo e a sr.ª de Craveiro Lopes, chegou também. Atrás, landaus com os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha gozado durante toda a manhã, algumas nuvens ameaçavam então prejudicar o grandioso espectáculo com alguma chuva.

Às 10 e 45, chegou o sr. presidente da Republica a quem foram prestadas as devidas honras, pelas forças em parada ouvindo-se «A Portuguesa».

O aspecto do Tejo era simultaneamente, festivo e emocionante, com as dezenas de barcos de todas as categorias, embadeirados e silvando constantemente, e junto do cais do Sul e Sueste barcos a remos dos diversos clubes náuticos e, do lado contrário barcos á vela e de motores.

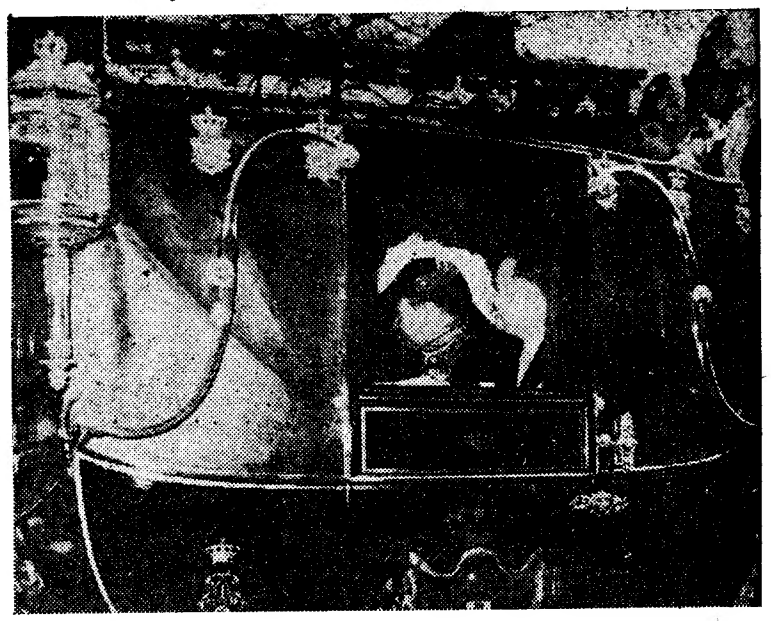
A entrada da tribuna o chefe do Estado — que era escoltado por dois esquadrões motorizados de Cavalaria da G. N. R. — e a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes foram recebidos pelo sr. presidente do Conselho.

A beira do rio, junto da Ribeira das Naus, aproveitando o baixa-mar, na estação do Sul e Sueste e no cais dos barcos cacilheiros aglomeravam-se dezenas de milhares de pessoas, muitas das quais empunhando bandeiras portuguesas e iniglesas.

As águas do Tejo apresentavam-se calmas e eram beijadas por centenas de gaivotas.

As 11 horas em ponto, com o sol a descobrir-se, iniciou-se um ensurdecedor coro de sereias, enquanto os navios de guerra salvavam e anunciar a saída da rainha e do duque, do iate real.

O movimento foi de suprema emoção para todos quantos presenciavam o histórico e grandioso e



A carruagem dos dois ministros

ali os srs. professor Oliveira Salazar, presidente do Conselho, professor Marcelo Caetano, ministro da presidência; conselheiro Albino dos Reis e professor João Pinto Costa Leite (Lumbrales), presidentes da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa; os ministros e os subsecretários de Estado; o sr. cardeal-patriarca; a alta magistratura; o presidente, o vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa e os diplomatas das representações dos países da Comunidade.

No Cais das Colunas, em frente á tribuna, viam-se centenas de camélias e vasos com arbustos e diversas flores.

Alunos da Escola Naval formavam alas desde a frente da tribuna até á beira da água tendo ao centro uma extensa passadeira vermelha e colunatas douradas ligadas com cordas de louros.

O «Britania» fundeou

A passagem do cortejo naval apitaram as sereias de todos os barcos.

O «Britannia» fundeou ás 10 e 30 a bombordo do navio-escola «Sagres» e os barcos de guerra ingleses e portugueses passaram por estibordo.

Apesar do sol que os lisboetas tinham gozado durante toda a manhã, algumas nuvens ameaçavam então prejudicar o grandioso espectáculo com alguma chuva.

Às 10 e 45, chegou o sr. presidente da Republica a quem foram prestadas as devidas honras, pelas forças em parada ouvindo-se «A Portuguesa».

O aspecto do Tejo era simultaneamente, festivo e emocionante, com as dezenas de barcos de todas as categorias, embadeirados e silvando constantemente, e junto do cais do Sul e Sueste barcos a remos dos diversos clubes náuticos e, do lado contrário barcos á vela e de motores.

A entrada da tribuna o chefe do Estado — que era escoltado por dois esquadrões motorizados de Cavalaria da G. N. R. — e a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes foram recebidos pelo sr. presidente do Conselho.

A beira do rio, junto da Ribeira das Naus, aproveitando o baixa-mar, na estação do Sul e Sueste e no cais dos barcos cacilheiros aglomeravam-se dezenas de milhares de pessoas, muitas das quais empunhando bandeiras portuguesas e iniglesas.

As águas do Tejo apresentavam-se calmas e eram beijadas por centenas de gaivotas.

As 11 horas em ponto, com o sol a descobrir-se, iniciou-se um ensurdecedor coro de sereias, enquanto os navios de guerra salvavam e anunciar a saída da rainha e do duque, do iate real.

O movimento foi de suprema emoção para todos quantos presenciavam o histórico e grandioso e

A chegada do bergantim real

Ás 10 e 10, avistou-se á proa do «Britannia» o bergantim real movido a remos, manejados por quarenta praças da nossa Marinha com «dolmens» vermelhos, de guerra

O chefe do Estado com as medalhas da Torre e Espada, da Cruz de Guerra e do Mérito Militar e Grã-Cruz da Ordem do Banho, desceu acompanhado por sua esposa — que envergava um vestido azul claro e um chapéu da mesma cor — desceu as escadarias do Cais das Colunas, até á beira da água sempre no meio do ruído triunfal das sereias.

O bergantim dourado, tinha popa a bandeira portuguesa e pavilhão real britanico.

Eram 11 e 15, quando, no mei

(Continuação da 1.ª pág.)

(Continua na 11.ª pág.)

Industria nacional

de decorações

Para a decoração e ornamentação, da maior parte do percurso do cortejo de S. M. a Rainha de Inglaterra, nesta sua visita a Portugal, foram escolhidos e encomendados á FÁBRICA NACIONAL DE TAPEÇARIAS, LDA. os tecidos «Jacquard» da sua fabricação. Este facto representa mais um passo na demonstração do grande desenvolvimento de determinadas industrias nacionais, o qual pode comparar-se em modernos processos de fabricação, qualidade e gosto, ás suas congéneres do estrangeiro.

Rowenta
ISQUEIROS "SNIP"
COM GARANTIA

QUERER É PODER !...

O BARATEIRO DE S. DOMINGOS quer e pode vender mais barato do que ninguém **Ouro, Pratas, Jóias e Relógios.**

Rua Barros Queirós, 56

Rowenta
FERROS ELECT. ENGOMAR

as, desde o Terreiro do Paço a Queluz

ção no Terreiro do Paço

do acenar de milhares de lenços brancos e de toques militares o bergantim atracou ao cais vendo-se a bordo o duque de Edimburgo, com o almirante Américo Tomás, ministro da Marinha, o embaixador Pedro Teotónio Pereira e o almirante Nuno de Brion, todos de grande uniforme e com as suas condecorações.

O duque ostentava a banda da Torre e Espada, com que foi condecorado por ocasião da visita do sr. general Craveiro Lopes a Londres.

Todos os barcos se aproximaram de terra, formando um conjunto colorido e sonoro maravilhoso, enquanto se ouviram calorosas palmas e os tiros da artilharia postada no castelo de S.Jorge e no Alto de Santa Catarina.

Organizou-se, então, um pequeno cortejo, até á tribuna de cristal, onde se encontravam os srs. professor Oliveira Salazar e D. Manuel Gonçalves Cerejeira, os presidentes das duas Camaras e os membros do Governo.

A frente, seguia o sr. presidente da Republica, dando a direita á rainha, de vestido e chapéu azuis, seguido do duque de Edimburgo que dava o braço á sr.ª D. Berta Craveiro Lopes.

As altas entidades presentes encaminharam-se então para a tribuna que lhes era reservada.

Na parte central da tribuna sentaram-se, em dois grandes e ricos cadeirões, o sr. Presidente da Republica e a rainha, á sua direita. Por sua vez, em cadeirões também com o mesmo forro, mas mais pequenos, tomaram lugares, á direita da soberana, a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes e, á esquerda do Chefe do Estado, o duque de Edimburgo.

O cortejo subindo a Avenida

Divididos pelos cristais, sentavam-se, á direita, os srs. cardeal-patriarca de Lisboa, dr. Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, e dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), presidente da Camara Corporativa; e, á esquerda, o sr. dr. Oliveira Salazar e os ministros dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, Selwyn Lloyd, e de Portugal, prof. Paulo Cunha.

Ainda na tribuna de honra, do lado direito e em plano mais baixo, estavam os embaixadores de Portugal em Londres e os da Africa do Sul e da Grã-Bretanha, o ministro do Paquistão e o encarregado de negócios do Canadá; almirante Nuno de Brion e general Luís da Camara Pina, oficiais ás ordens. Estavam também aí os outros membros da embaixada britanica e altas figuras da comunidade britanica, com senhoras de sua família, e alguns componentes da comitiva do par régio.

Do lado esquerdo, tomaram lugares os membros do Governo, o presidente da Camara e governador civil de Lisboa; general Julio Botelho Moniz, almirante Guerreiro de Brito e general Costa Macedo, respectivamente, chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas, da Armada e da Aeronáutica; oficiais generais de terra, ar e mar; condessa de Leicester, duquesa de Palmela, «sir» George Mills e «sir» Michael Adeane, duque de Palmela, dr. Mário Figueiredo, alta magistratura e alto funcionalismo civil e militar, com senhoras de suas famílias. Os civis apresentaram-se de fraque e chapeu alto e os militares de uniforme de gala e espada. As senhoras apresentaram-se com lindos vestidos.

O desfile militar

A Escola Naval passou a prestar á guarda de honra. Iniciou-se o desfile militar, sobrevoado por vinte aviões de jacto, em formatura impecável.

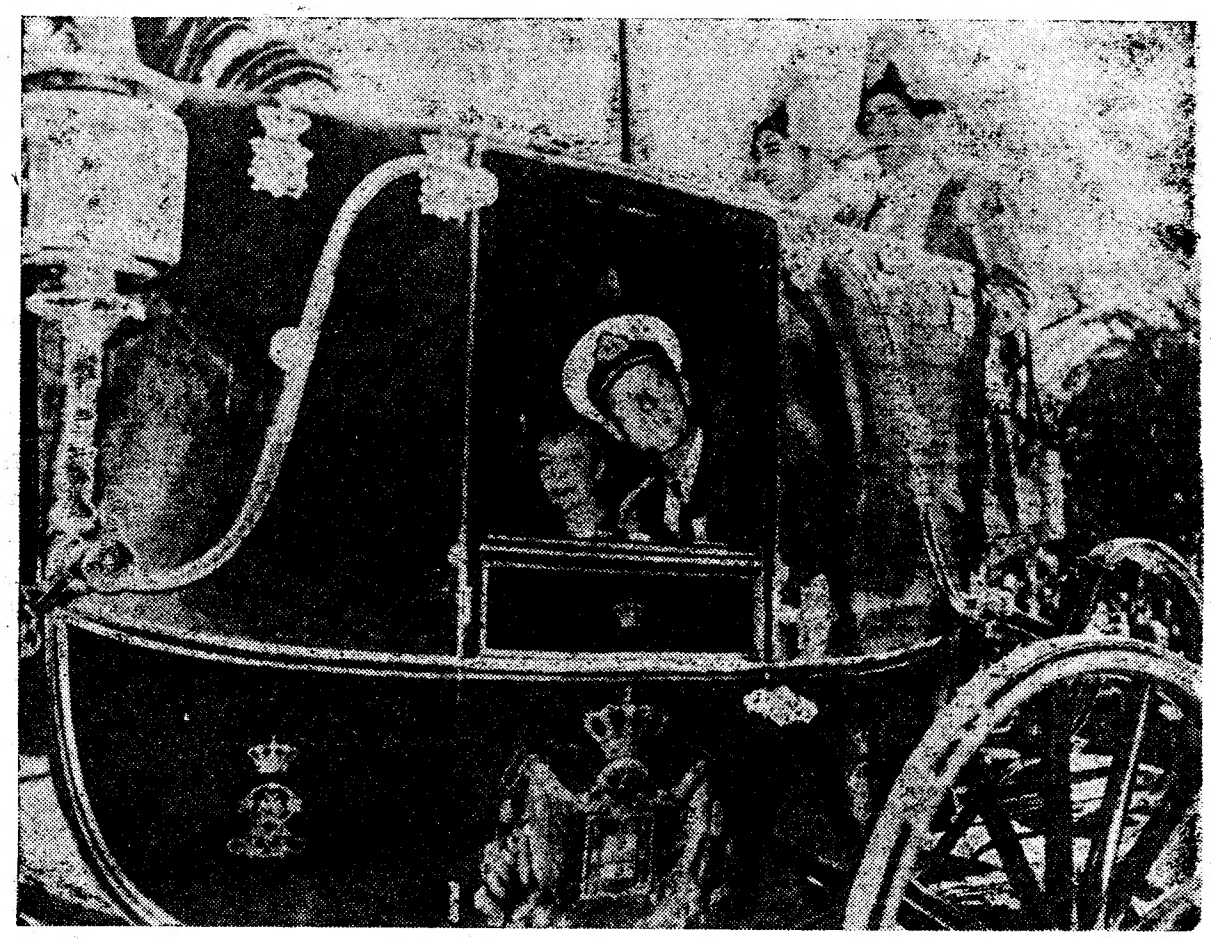
A frente, sob o comando do capitão Armando Fernandes passou uma numerosa xaranga seguida de 60 bandeiras, estandartes das forças em parada, comandadas pelo general Valente de Carvalho, governador-militar de Lisboa que prestaram continência á soberana.

Os batalhões escolares dos alunos do Colégio Militar e da Escola do Exército, marchando garbosamente, foram aclamados pela multidão o mesmo acontecendo ao Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana que, surgindo da Avenida da Ribeira das Naus, e tendo á frente uma xaranga, passou a galope ante a tribuna, a fim de tomar o dispositivo de escolta do cortejo.

A partida da Rainha

Eram 11 e 40, quando ao som do «God save the Queen» ouvido de pé e em silêncio, por todos, começou a organizar-se o cortejo, após «A Portuguesa», executada pela banda da G. N. R.

Ouviram-se palmas da multidão que começou a agitar milhares de bandeiras quando a escolta de cavalaria da G. N. R. se pôs em marcha seguida do coche puxado a três parelhas, e encimado por uma coroa dourada, no qual tomaram lugares, entre aclamações, o chefe do Estado e a Rainha, doutro também a três parelhas, com o duque de Edimburgo e a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes, doutro com o professor Paulo Cunha, ministro dos Negócios Estrangeiros e «sir» Nigel Ronald, embaixador da Grã-Bretanha, duque de Palmela e coronel Bento da França, ainda noutro a duquesa de Palmela com a condessa de Leicester e «sires» Georges Miles e Michael Adeana, da comitiva da rainha, e do regimento de cavalaria da G. N. R.



Na segunda carruagem tomavam lugar o duque de Edimburgo e a sr.ª D. Berta Craveiro Lopes

As primeiras honras militares

foram prestadas à soberana

pela Marinha de Guerra Portuguesa

ao Sul da baía de Sesimbra

(Do nosso enviado especial)

A BORDO DO NAVIO-CHEFE «NUNO TRISTÃO», 18.—Tinhamos largado pelas 15 horas de ontem dos cais da base naval do Alfeite, sôb um tempo impetuoso, implacável, com os barómetros a descer e previsões meteorológicas inquietantes. A chuva, fustigada por um NW forte, quase encobria o casario de Lisboa num misto tristonho de escuridão e de névoas. Partiram primeiro os contratorpedeiros «Lima», (capitão-tenente Reis Antunes) e «Vouga» (capitão-tenente Virgílio Rodrigues), envoltos em formação negra que a ventania rija rapidamente desfazia no céu plumbeo da tarde invernosa.

Largou, por último, a «Nuno Tristão», sob o comando do capitão de fragata Joaquim de Oliveira Junior, tendo como imediato o capitão-tenente Pina Cabral. E' neste navio que vai embarcado o comandante-chefe deste grupo naval de escolta á rainha — o capitão de mar-e-guerra João Moreira Rato, comandante da flotilha de draga-minas. A todos três tenho de agradecer, antes de outras linhas redigir, as cativantes atenções com que rodearam a minha estadia a bordo.

Saimos da enseada do Alfeite e vamos descer o rio. O vento redobra de violência. O *jack* da nossa proa esfarrapa-se. Ao longe, sobre a barra debruçada de espuma revolta, ergue-se um pano de fundo — nuvens negras, sem uma *nuance*, entrecortadas de quando em quando, pelo clarão de um relampago. Passámos pela proa da «Sagres», de amarra retesada, a aguentar bem a força da corrente e a furia do vento. Navegação muito cuidadosa por entre numerosos navios fundeados a meio do rio — barcos arribados ou com a saída retardada pelo mau tempo. Por estibordo, Lisboa continua sob uma cascata...

Fomos fundear, daí a pouco, em frente de Algés — o fundeadouro clássico de S. José de Ribamar — onde a força naval, liberta do enxame de navegação na zona central do rio, ficaria pronta a fazer-se ao mar á hora estabelecida entre o almirante Smith («Britannia», e o comando naval português.

Para a noite, o tempo melhorou. O vento caiu mas, lá fora, a vaga continuava de cachão.

E assim, esta madrugada pela 1 hora, já com céu estrelado e uma Lua minguante um tanto empalidecida, suspendemos de Algés e metemos de rumo ao largo. A «Nuno Tristão», á testa, seguida pelo «Lima» e pelo «Vouga».

Encontro nocturno com o iate real

Saída a barra, «caturrando» como era inevitável — mas, vá lá, que podia ser pior — os navios guinaram depois para o Espichel, ao longe com o seu brilhante facho luminoso a guiar invariavelmente os navegantes. Passámos Sesimbra, quieta e adormecida, e seguimos de rumo ao Sul. O iate real já deve ter saído de Setubal. São 5 e 30. Os binóculos perscrutam o horizonte negro a confundir-se com o céu. Nuvens desgarradas passam desordenadamente, impelidas pelo vento, como pedaços de papel lançados de uma janela, flocos de algodão perdidos no espaço. São os restos do mau tempo, os ultimos farrapos da tempestade vencida, enfim, pelo anticiclone...

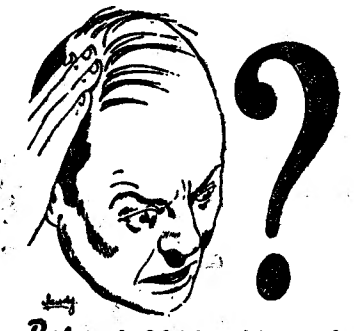
Minutos depois avistam-se as luzes, cada vez mais brilhantes, do iate real e dos três contratorpedeiros ingleses que o escoltam, de rumo ao Norte, guardando distancias iguais. A aproximação faz-se rapidamente. O encontro vai dar-se ainda de noite. Não haverá por isso, de momento, quaisquer honras militares.

6 horas. O «Britannia» desenha-se, confuso, apenas demarcado pela sua iluminação, a umas três milhas pela nossa amura de estibordo. Os contratorpedeiros britanicos nave-

(Continua na página seguinte)

OIÇA HOJE, às 21h e 30m o programa «Inglaterra, Doce Inglaterra!», de Fernando Pessa, aos microfones de Rádio Renascença.

J. Moura PORTUGAL — Welch and Sons, Ltd. ENGLAND



Porque caem os seus cabelos?

A seborreia, as pioeiras, as febres, a anemia, o cansaço — tantas causas da calvicie. O PETRÓLEO HAHN revitaliza o couro cabeludo, suprime a caspa e faz parar a queda do cabelo. Agradàvelmente perfumado o PETRÓLEO HAHN amacia os cabelos sem os engordurar.

PETRÓLEO HAHN

A rainha foi saudada ao sair do «Britannia»
por 3.000 marinheiros de Portugal e da Inglaterra

(Continuação da página anterior)

gam pela alheta de bombordo do iate real, deixando a de estibordo livre para ser ocupada pela escolta portuguesa. Trocam-se mensagens de serviço entre o almirante Smith e o comandante Moreira Rato. Ultimos pormenores que se acertam.

6 e 15. O «Britannia» passa pela «Nuno Tristão», a uns oitocentos metros. O nosso navio-chefe toma o seu lugar na escolta, cuja formatura passa a ser a seguinte: á frente, bem destacado, o iate real, seguido por duas colunas paralelas, uma pela alheta de bombordo («Chieftain», «Chaplet» e «Chevron») e outra pela alheta de estibordo («Nuno Tristão», «Lima» e «Vouga»). Os navios-testas de cada coluna vão a uns 900 metros de distancia do «Britannia». E por agora, enquanto for noite, é tudo...

Quarenta minutos depois já há luz do dia e o Sol eleva-se, muito dourado, por detrás da escarpa do Espichel. Céu quase limpo, mas tempo de aguaceiros. Vem vaga larga do Norte. A claridade permite-nos observar o acentuado balanço do «Britannia», a despeito das suas 4.700 toneladas. Ora mergulha uma boa parte da sua proa elegante, ora alça a popa quase até mostrar as pás dos hélices, mas avança bem, de rumo inalterável, com o estandarte real no mastro de honra, sacudido pelo vento que ainda sopra muito fresco. Os primeiros raios solares arrancam cintilações aos metais bem areados e fazem rebrilhar o costado do iate real, cujas pinturas dir-se-ia terem sido retocadas naquele momento. E não vai assim, impecável, por ser o navio da rainha. Vai assim porque é guarnecido por marinheiros da Ingraterra. Os «destroyeres» que o seguem, afinam pelo mesmo diapasão. A Royal Navy é assim, na guerra ou na paz. Dá gosto ver os seus navios no mar.

A primeira salva à rainha

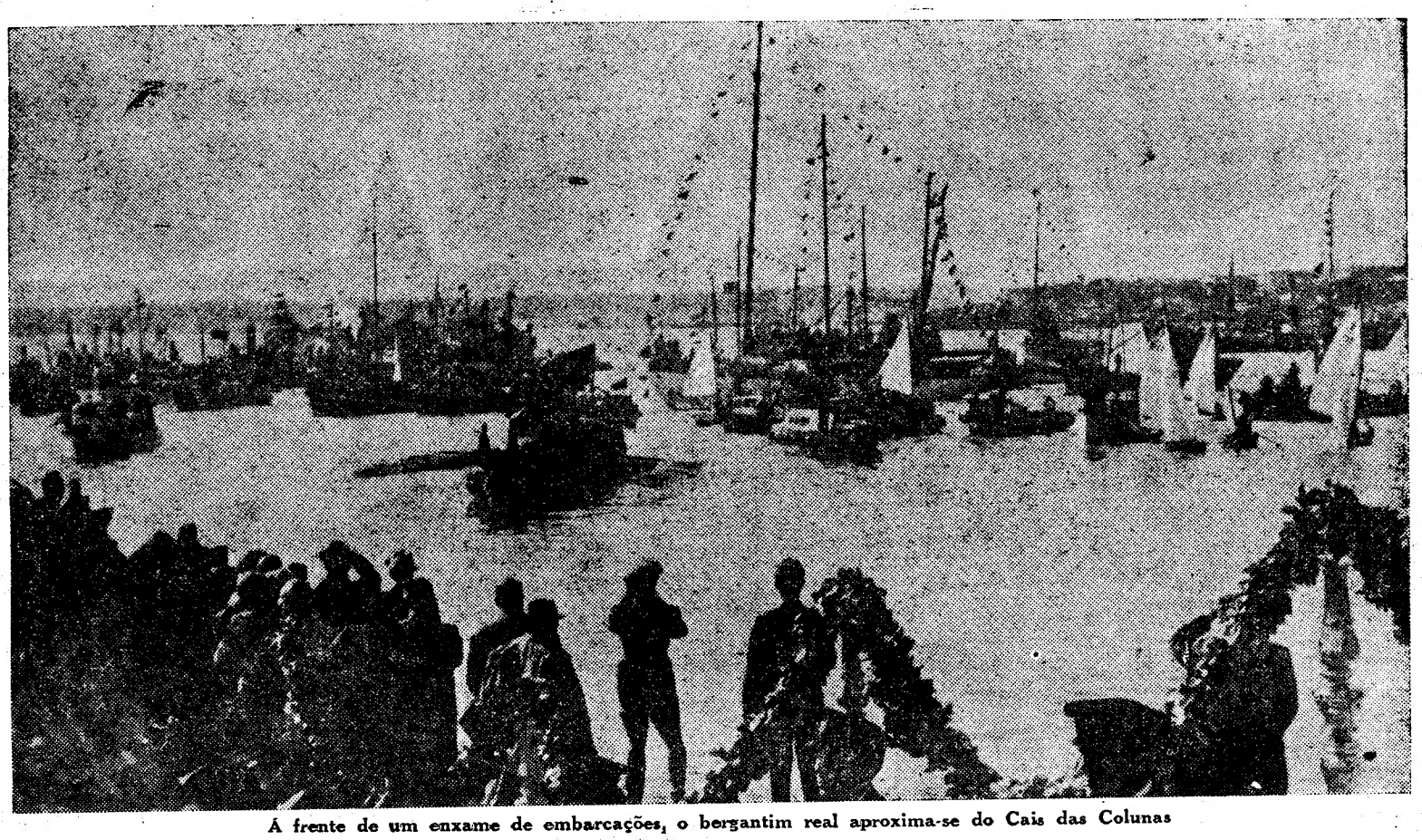
Faltam poucos minutos para as 8 horas. Aproxima-se o momento da saudação á rainha. O pessoal das peças de salva está a postos. Na ponte da «Nuno Tristão», os oficiais aparecem, ostentando as suas condecorações. O capote e o capuz para a chuva, foram substituidos pela farda irrepreensível. Os clarins tocam para «formatura de honras militares». As praças correm a ocupar os seus postos, nas toldas dos três navios portugueses.

Da «Nuno Tristão» — o navio português que vai mais próximo do «Britannia» — podemos agora observar, com o auxílio do binóculo do comandante Oliveira Junior, a figura inconfundível do duque de Edimburgo, fardado de almirante, na ponte do comando. Observa a costa, batida de sol, e o mar que toma cor glauca ante um novo aguaceiro que vem sobre a serra de Sintra.

8 horas. Começa a troar, em honra da soberana, a artilharia da «Nuno Tristão», enquanto a bandeira da Armada Real sobe nos mastros dos três navios portugueses. Já se avista perfeitamente a baía de Cascais. Vamos ao largo dos extensos areais da Caparica. Lá vem o vapor dos pilotos, todo embandeirado, navegando direito ao iate real. Reduzimos a marcha. Param as máquinas. Balanço mais acentuado. Uma lanchinha, arriada pelo vapor, conduz ao iate o capitão do porto de Lisboa, comandante Newton da Fonseca e o piloto-mor da barra de Lisboa, José Florêncio, que vai pilotar, ele próprio, o «Britannia».

9 horas. Passam, como bólides, os primeiros «jactos» da Ota, ruidosos, alucinados. O iate real volta a içar bandeiras de sinais: «Speed, one two...» Isto significa que retomamos a marcha para a barra, á velocidade de 12 nós. O céu carrega-se de nuvens negras. Para W. desenha-se um arco-iris, enquanto sobre a frota luso-britanica se abate uma valente carga de água. Mas, para Lisboa, deve haver sol. Meia hora depois, estamos a passar junto de S. Julião da Barra, onde uma bateria de artilharia salva compassadamente ao estandarte real. Uma esquadrilha de aviões anti-submarinos, da base do Montijo, passa sobre o cortejo. A estrada marginal parece um parque de automóveis com quilómetros de extensão... Volta a descobrir o Sol, agora mais quente, a iluminar a esquadra que entra nas águas barrentas e ainda agitadas do Tejo. O espectáculo, visto de terra, deve ter aspectos de grande beleza. Já passámos á formatura de coluna simples (fila indiana, como diz o povo) com os navios portugueses nas águas do «Britannia» e os britanicos na cauda. Passámos sem novidade a forte rebentação no Cachoupo. O «Britannia» manobra com grande facilidade. Agora é a artilharia de Oeiras que está a salvar, enchendo de fumos brancos as matas da margem Norte. A manhã apresenta-se, afinal, maravilhosa.

Parece descortinar-se a rainha Isabel, admirando o surpreendente espectáculo, por detrás das portas de cristal de um dos salões que dão para o amplo *spardeck* da popa. A banda de musica do «Britannia», de capacetes brancos, alinhada geométricamente, toca marchas militares. Toda a guarnição está nos postos de continência. Ás 9 e 55, o «Chieftein» salva á terra portuguesa. Já se divisa ao longe a mancha colorida do cortejo fluvial que espera a rainha. A aviação volta, em passagens rápidas, a sobrevoar o iate e a sua escolta. Nas duas margens do rio, vêem-se autenticas manchas escuras de densas multidões. Nos grandes blocos habitacionais do Dafundo, pode ler-se, sem binóculo, este dístico a grandes caracteres vermelhos: «God save the Queen». A alameda de Algés é um tapete humano.



Á frente de um enxame de embarcações, o bergantim real aproxima-se do Cais das Colunas

O cortejo fluvial acompanhou o «Britannia» em triunfo até ao seu fundeadouro

A escolta separa-se do iate. Navegamos mais ao Sul, enquanto o «Britannia» continua a navegar próximo da margem Norte, ao encontro do cortejo fluvial que o espera em frente da doca de Pedrouços. O almirante Smith manifesta, em rádio, ao comandante Moreira Rato, a sua satisfação e o seu agradecimento pela forma como tudo decorrera. Mais de uma centena de embarcações espera o «Britannia». Vai ser uma apoteose.

10 horas. Um coro ensurdecedor de sereias e de apitos estruge como uma salva. Todos aqueles barcos, cheios de gente, fazem á rainha a primeira apoteose do povo de Lisboa. Rebocadores, arrastões de bacalhau, do alto e da costa, «ferry-boats»—com bandas de musica a tocar—iates de recreio, á vela e a motor, pequenos «gasolinas», modestas traineiras, envolvem o «Britannia» que passa, imponente, rio acima. Populares que acenam, pescadores que se desbarretam, mulheres que agitam lenços nervosamente—é a gente da Lisboa ribeirinha, que vive e sente o mar no seu próprio coração, e que quis ser a primeira a gritar:—Isabel! Inglaterra! Isabel! Inglaterra!—num coro, sempre e sempre mais alto e mais caloroso. Foi, na verdade, um momento de particular beleza. O duque de Edimburgo—ainda então sózinho—não resistiu a tirar o seu boné, de pala recamada de ouro, e a acenar várias vezes para os manifestantes. Passa-se pela velha fragata «D. Fernando», com os rapazes bem alinhados. Está agora a troar a artilharia do Bom Sucesso.

De repente, grita-se de dentro de vários barcos:—«A rainha! A rainha!»—Efectivamente, a soberana acaba de surgir numa das plataformas da ponte do «Britannia», ao lado de seu marido. Acena para os manifestantes e o entusiasmo atinge o rubro. Passam 16 jactos com seu arrepiante silvo. Ninguém repara nos aviões espectaculosos. Para aquelas trinta mil pessoas que seguem o «Britannia» só uma coisa interessa, apaixona e arrebata: ver a soberana, aclamá-la, gritar o seu nome!

A muralha da Junqueira comporta muitos milhares de pessoas. Lá para cima, a «Sagres», com o pessoal estendido nas vergas, saúda com 21 tiros o estandarte real. O «Britannia», batido pelo sol, engrinaldado de bandeiras, ultrapassa o cortejo fluvial e segue, mais veloz, Tejo acima, para chegar, como chegou, matemáticamente á hora marcada—10 e 30—em frente da Praça do Comércio. Sobe ao ar, nesse momento, uma girandola de 3.000 morteiros que estoira por entre cintilações faiscantes. A rainha de Inglaterra chegou diante do mais surpreendente cenário de Lisboa. O cortejo fluvial, num clamor de entusiasmo, avança rio acima e vai desfilar perante o «Britannia», de guarnição formada. Vai viver-se, daí a pouco, um grande e inolvidável momento da história e da amizade de duas pátrias, unidas fraternalmente pelos selos da mais remota aliança de que rezam os arquivos e de que falam as chancelarias.

Remando para o Terreiro do Paço

11 horas. Vedetas da Polícia Marítima tratam de alargar a zona navegável em redor do «Britannia», pois a aglomeração de barcos — ao contrário do que estava determinado — poderia dificultar a marcha do bergantim real até ao Cais das Colunas. Já estão a bordo do iate o ministro da Marinha e o embaixador de Portugal em Londres, que apresentaram as suas homenagens á soberana e a seu marido. O ruido das sereias de dezenas de barcos quase abafa, por vezes, o coro das manifestações populares. Ouve-se a bordo, vindo de todos os lados, o nome da rainha agitado pelas mulheres de Lisboa, que se empoleiraram nas pontes de comandos dos rebocadores e de todos os outros barcos. Predomina, no rio, o elemento feminino — o que empresta ainda maior animação ao acontecimento.

11 e 15. De bordo da «Nuno Tristão», um bom binóculo permite-nos ver perfeitamente o embarque do régio par no bergantim, todo vermelho e oiro: descem primeiro o embaixador Teotónio Pereira, logo o ministro Américo Tomás e, por ultimo, o duque e a rainha. Uma guarda de fuzileiros navais apresenta armas em movimento uniforme, como que acionado por um botão eléctrico. De pé, dentro do bergantim, fardado de almirante da Royal Navy, o duque de Edimburgo dá a mão a sua esposa e auxilia-a a entrar a bordo. Erguem-se os remos em saudação. Depois mergulham nas águas. E vem a primeira remada forte, muito certa, bem ritmada. Por dentro dos vidros da camarinha, Isabel acena para o povo que faz de todos aqueles navios verdadeiros cachos humanos. Muita gente consegue vê-la a poucos metros, pois o bergantim — maravilhoso coche do mar — vai deslizando suavemente no meio de um enxame de embarcações, de onde parte um clamor apoteótico: — «Isabel! Isabel! Viva a Inglaterra! Viva Portugal!» E' um momento delirante. De subito o «Britannia» dá o sinal convencionado para as salvas: o arriar rápido do estandarte real. A «Sagres», a «Nuno Tristão», o «Chieftein» e as baterias do Castelo de S. Jorge encobrem-se de fumarada branca e o troar da artilharia, no mar e em terra, mistura-se com os silvos das sereias e com as aclamações que partem de milhares de bocas.

3.000 marinheiros erguem os bonés pela rainha

O bergantim já cortou a proa do «Britannia» e ruma agora direito ao Cais das Colunas. Nas toldas dos navios de guerra ingleses e portugueses e sobre as vergas da «Sagres» num efeito magnífico, arrebatador, nada menos de 3.000 marinheiros das duas Armadas erguem os seus bonés pela rainha. Os Portugueses, porém, acompanham essa saudação com os sete vivas tradicionais na nossa ordenança naval. Ressoam clarins em marchas de continência. Sobre Lisboa, banhada de Sol e inundada de alegria, ondeiam milhares de bandeiras. O bergantim vai já a aproximar-se do cais. Chega até ao meio do rio o clamor estrondoso da apoteose á rainha da mais velha, aliada de Portugal. Um sentimento unanime apodera-se de todos e a todos se transmite — um sentimento de legítimo orgulho, de sã alegria e de saudável conforto espiritual: a Inglaterra e Portugal continuam, não apenas aliados por um documento cuja letra não se trai, mas também e muito principalmente: unidos por uma amizade que não morre, porque está no próprio sangue dos dois povos gloriosos. — M. de O.

ALGUEIRÃO

Domingos Gonçalves Igreja

FALECEU

Judite Nunes Igreja, Pilar Igreja Duarte, filho e nora, Alvaro Nunes Igreja, sua esposa e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu chorado e querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realiza no dia 19 do corrente, da Rua das Mercês n.º 3 (Algueirão), pelas 11 horas, para o cemitério de S. Pedro.

AGÊNCIA MELO

ALGUEIRÃO

Domingos Gonçalves Igreja

FALECEU

MONTEIRO & IGREJA, LDA. participa a seus Clientes e Amigos o falecimento do pai do seu sócio Alvaro Igreja, cujo funeral se realiza no dia 19 do corrente, pelas 11 horas, da Rua das Mercês 3 (Algueirão), para o cemitério de S. Pedro.

AGÊNCIA MELO

A passagem do Cortejo do Terreiro do Paço à *Rotunda*

Ao abandonar o Terreiro do Paço e entrar no arco triunfal da Rua Augusta, o cortejo real passou entre as palmas e os vivas calorosos de muitas dezenas de milhares de pessoas.

Um grande clamor acolheu o cortejo na Rua Augusta. Ultrapassado o arco, as carruagens entraram na longa recta.

— E' a Rainha!...

A multidão comprimiu-se nos passeios, abatendo-se violentamente sobre o cordão de polícias. As janelas estavam pejadas de gente. Centenas de bandeirinhas agitavam-se. O clamor cresceu. Isabel II de Inglaterra, acompanhada pelo Presidente Craveiro Lopes, acenava para o povo. E sorria-lhe. A multidão parecia crescer. Dos prédios pendiam largas bandeiras inglesas e portuguesas. Dentro das montras moviam-se homens. Um palmo de solo era disputadíssimo.

— Vejam, é o duque!

O duque de Edimburgo, alto, de perfil nobre, sorria para o povo, de dentro da sua carruagem. Um grupo de «Inglesinhos», de batinas negras e faixas vermelhas, dava gritos. Na tribuna do Banco Nacional Ultramarino soaram palmas. Lá em cima, a vinte metros, seguros nos telhados, gesticulavam dezenas de pessoas. Os locais, conquistados ás seis da madrugada por grupos que transportavam cadeiras e cobertores, eram assaltados.

— Viva a Rainha!...

— Olhem, está vestida de azul!...

— E' muito gentil...

As varandas estavam ornamentadas com colchas escarlates. Das ruas da Conceição, de São Nicolau, da Vitória e de Santa Justa, a multidão precipitava-se para a frente, em delírio, clamando vivas, empunhando bandeiras.

— Está a chegar ao Rossio!

A grande praça estava tomada por uma massa humana, imensa e colorida. Um mar de guarda-chuvas e sombrinhas, que se abriam agora para o Sol, agitava-se sobre a multidão. Dezenas de rapazes escalaram a estátua de D. Pedro IV e erguiam-se sobre as figuras alegoricas da base do monumento.

Os soldados da G. N. R. desfilavam á frente das carruagens, de espadas desembainhadas, cavalgando montadas admiráveis. Os cavalos marchavam a trote, garbosamente, ruidosamente.

De entre a multidão surgiam centenas de estranhas caixas, com um espelho, autenticos periscópios, indispensáveis áqueles que ficaram para trás e que só assim podiam assistir ao desfile. Nas primeiras filas, muitas crianças, de olhos rasgados para as carruagens, os criados agaloados, os cavalos brancos. Dos telhados vinham gritos vibrantes. As janelas do Teatro Nacional estavam cheias de pessoas e na varanda da Praça D. João da Camara acumulava-se uma enorme massa de gente.

— Deixem-me ver, deixem-me ver!... — gritava um sujeito idoso, baixo, que se punha nas pontas dos pés.

Mas já ninguem o ouvia. Apontadas sobre o cortejo centenas de máquinas fotográficas. Em pontos estratégicos, operadores de cinema e da Televisão fixavam estas imagens de entusiasmo e de cor.

Uma garota estendeu a mãozinha. Estava ao colo e não teria mais de cinco anos. Queria tocar na Rainha, que via de longe, num coche de história infantil, muito dourado. A Avenida da Liberdade abria-se agora para o cortejo e as gentes, mais entusiásticas do que nunca, eram contidas por legionários, muito direitos, empunhando bandeiras, fazendo uma continência perfeita. Nos vastos passeios, extensas filas de cadeiras, de onde se erguiam, impelidas por uma grande força interior, numa quase euforia, as pessoas, gritando e aplaudindo.

Junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra, numa fileira impecável, muito varonis, segurando as suas espingardas, de olhar sereno, os Pupilos do Exército. E do outro lado, filiados da M. P. e escuteiros, alguns destes quase crianças, impacientes, numa justificada excitação.

O cortejo atingiu a Praça do Marquês de Pombal e aqui soaram enormes salvas de palmas. Os rapazes encarrapitaram-se nas árvores e as senhoras subiam para os bancos. Uns viam tudo e outros não viam nada.

— Já está a passar? Meu Deus, não me deixam ver nada... — dizia uma velhinha, toda curvada, de negro, a segurar-se numa bengala.

No Parque Eduardo VII, no enorme rectangulo verde e nas encostas que o ladeiam, o povo tomava de assalto a' relva.

Milhares de guarda-chuvas moviam-se sobre o mar de cabeças e também muitos balões, bandeiras e lenços. Era um colossal espectáculo de cor e de vibração.

— Já lá vêm!

O destacamento de cavalaria da G. N. R. subia já pelo Parque, espadas faiscantes e plumas ondulando. Nos passeios, os polícias davam-se as mãos, contendo o publico que se movia em ondas, todo ele querendo ver os coches, as plumas, as flamulas e, principalmente, o rosto esbelto de Isabel II, a

(Continua na 13.ª página)

A caminho da tribuna no Alto da Rotunda

Lisboa a seus pés...

(Continuação da página central)

nha e de Portugal, e o duque de Palmela e o chefe da Casa Militar da Presidência da Republica. Por fim, o quarto landau, com a condessa de Leicester, a duquesa de Palmela, sir George Mills, e Michael Adeane.

As carruagens partiram, os ultimos elementos do cortejo desfilam.

Isabel de Inglaterra chegou, com o general Craveiro Lopes, á frente do miradouro. A um sinal, onze mil pombos-correios, de todas as sociedades columbófilas portuguesas, batem as asas num movimento nervoso. Por um segundo apenas, cerra-se a cortina do Tejo. Isabel surpresa e não confusa, sorri. O Chefe do Estado português aponta-lhe uma pequena pedra, onde foram gravadas, a ouro, as palavras consagradoras da viagem do bisavô da nossa hóspede de honra. A rainha debruça-se ligeira e graciosamente e o Chefe do Estado traduz-lhe em inglês os dizeres da placa:

«PARQUE EDUARDO VII
Deliberação da Camara Municipal de Lisboa em sessão de 16 de Abril de 1903»

A rainha sorri. Este momento de oiro parece estar suspenso da atmosfera. Há qualquer coisa que flutua: o azul dos olhos de Isabel, o azul do seu casaco de tom nobre e corte singelo, o azul do casaco da sr.ª de Craveiro Lopes, o azul da faixa que cinge o peito do duque de Edimburgo, o azul do ceu...

...á esquerda... o Palácio dos Desportos... o edifício que veio desmontado da Exposição Internacional do Rio de Janeiro... onde representou as actividades portuguesas...

As tropas continuam a passar. Ouve-se uma marcha pelos corneteiros da G. N. R. a cavalo. As vozes da M. P. que entoam um hino festivo.

O sr. general Craveiro Lopes mostra Lisboa aos pés da rainha de Inglaterra, tendo por fundo a luz incomparável deste sol que bate as águas prateadas do Tejo...

...o castelo de S. Jorge, tomado aos Moiros, com o sangue dos Lusitanos e dos Anglo-saxões, chefiados por Osborne... Além, á direita, o casario de S. Pedro de Alcantara... Os Inglesinhos, os movimentos dos comandos das forças anglo-lusas, nas Guerras Peninsulares...

Lisboa, com a sua história oito vezes centenária, está aos pés de Isabel de Inglaterra que sorri: como tudo é lindo, fluido, imponderável!

Ao lado dos dois chefes de Estado, o duque de Edimburgo, a sr.ª de Craveiro Lopes, os ministros dos Negócios Estrangeiros, o coronel Bento França, o duque de Palmela.

A duquesa de Palmela e a condessa de Leicaster detiveram-se ao cimo da escadaria. Centenas de fotógrafos disparam. O cinema, a rádio, a televisão actuam. Cordões de Polícia parecem impotentes para conter os que avançaram sobre o recinto reservado aos jornalistas e impelem a multidão sobre o miradouro.

Passaram dez minutos. Formaram-se pequenos grupos, no recinto reservado aos chefes de Estado e ás suas comitivas. Diante do pavilhão, estacionam os automóveis da Presidência da Republica que vão reconstituir o cortejo até Queluz. Dois empregados de libré abrem as portinholas. Isabel de Inglaterra deita um ultimo olhar suave e risonho sobre a cidade que para a saudar se vestiu de oiro e azul cobalto. O seu pé, finamente calçado de chinela de verniz, poisa no automóvel, ajudada pelo sr. general Craveiro Lopes que vai em seguida tomar lugar á sua esquerda. Os gritos da multidão aumentam. Parecem um grande coro erguido para o ceu, reboando como um cantico de saudação. O ceu é uma grande abóbada, em que se projectam os círculos multicolores da multidão, a agitar lenços e bandeiras:

— Viva Isabel de Inglaterra!
— Viva o duque de Edimburgo!
— Viva o Presidente da Republica!

Já não há braços que defendam o protocolo. Os estandartes deixaram de se perfilar. Há uma espécie de tumultuar de ansiedades, um remoinho de imagens. Todos querem correr atrás do carro, ver a rainha, conservar na memória o seu sorriso, a luz luminosa do seu agradecimento.

O primeiro automóvel partiu, lentamente, quase envolto pela multidão que rompeu os cordões da polícia e os diques da sua alegria.

Os seis carros seguem com o duque de Edimburgo e quase na mesma disposição da primeira parte do percurso.

A multidão irrompe por tdos os lados. No céu azul, não ficam apenas os traços luminosos das asas brancas: há uma nerga que lembra o azul dos olhos de Isabel e a luz do seu sorriso feliz, sereno e íntimo.

Entre as montras ornamentadas da Baixa, destacam-se as do Londres-Salão, que, numa decoração sóbria e elegante, constituem significativa homenagem á rainha Isabel II

Imagem festiva
da entrada em Lisboa

(Continuação da 1.ª pág.)

edificios antineios, trapejavam centenas de bandeiras, dos dois paises. O vasto terreiro perdera a sua severidade. Gente por toda a parte. Nas varandas, nos telhados, na cupula da Camara Municipal, á direita, nas muralhas do Castelo, viam-se milhares de pessoas. Cabeças negras, verdadeiras pregadeiras de alfinetes, sobre as quais flutuavam bandeirinhas de papel, em gestos festivos.

Ao centro da Praça, formavam em grandes massas, todas as forças militares do ar, da terra e do mar, de Lisboa. Ao centro, os contingentes do Exército, em hostes compactas, que dão a dircita, aos uniformes azuis da Marinha, e a esquerda ás forças da G. N. R., em trajo de gala.

A' frente, numa teoria verde-rubra, os estandartes das unidades formadas — estátuas impecáveis, mosaico humano, enorme, de rostos morenos, espadas desembainhadas, espingardas em continência. Ao fundo, junto do Cais das Colunas, a tribuna cristalina, verdadeiro escrinio real, com as suas colunas salomónicas, de barroco, com entalhados oirescentes, a sua cupula vermelha, rematada pelas armilas do nosso escudos; grandes placas de vidro, que se abriam por detrás, num biombo luminoso. Dir-se-ia uma sumptuosa tenda, dalgum conto árabe, escorrendo purpuras de veludo, e, no alto, interiormente, como docel, uma fina seda cor de rosa, muito feminina, estofando tudo.

Os frontais do pavilhão, vindos de Mafra, punham uma sugestão de oiro antigo. Ao centro, quatro cadeiras forradas de tapeçaria de Aubonson, e aos lados —a tribuna tem trinta metros— outras cadeiras sumptuosas. Vieram de Sintra, as mais lindas camélias, matadas de vermelho ou brancas como a neve.

Por detrás da tribuna de honra, uma passadeira «grenat» desce os degraus de mármore, findando num pontão verde. Os guardas-marinhas, de um lado e outro, serão os primeiros a fazer a continência a Isabel II e ao duque de Edimburgo.

Nos terrenos conquistados ao mar, junto do velho Arsenal, há pessoas que se descalçaram, enterrando os pés no lodo espesso.

Os canhões troam. O «Britannia» surge, com o cavername negro, as superestruturas brancas, a chaminé amarela, lento, sinuoso, engalanado de estandartes e flamulas. A bandeira verde-rubra a estibordo, o doirado pavilhão real, a Union Jack, outros ainda. Sob a fumarada das salvas, no ar de argento, o cortejo fluvial avança, e as gaivotas, em bandos, de asas desdobradas, cercam-no em grinalda, como se as suas penas fossem enormes pétalas de rosas a desfolharem-se sobre o convés do «yacht» real.

Em frente, a «Sagres», com a tripulação formada, nos mastros, indica o local, onde o «Britannia» deve fundear. O Tejo, os cais, as colinas da cidade, o Terreiro do Paço, ressoa, como uma enorme concha maritima. O navio da soberana arrasta atrás de si centenas de barcos, vapores, gasolinas, guigas, barcos de recreio empavesados, enquanto os canhões vomitando fogo e as sirenes abrasam a atmosfera do seu rumor de jubilo — retumbando e gritando sempre.

O «Britannia» já fundeou. Mas uma pesada nuvem, quase rasando o solo, prenhe de água, divaga agora sobre as nossas cabeças. Um largo vento forte como que a varre do ceu, a expulsa mesmo, para a margem esquerda do rio.

O Sol volta de novo, afávelmente, como se fosse o primeiro a querer saudar a nobre rainha. O Tejo parece de prata fundida — macio, aveludado, raso, um verdadeiro mar de rosas, com os montes de Palmela, e o Barreiro e o Alfeite, envoltos num ligeiro veu cinzento.

A multidão torna-se impaciente. Os barcos do cortejo passam em frente do «Britannia», donde vem o rumor de uma marcha militar. São centenas, e o tempo passa. Os navios de guerra ficam, em ultimo plano, no contra-luz da outra margem, enquanto o cortejo fluvial perpassa, entre clamores ruidosos, as sereias continuam a estrugir nos ares e os canhões não cessam de troar. Depois, todos os barcos param, em largo semicírculo, á volta do iate real.

Distinguem-se a rainha Isabel e o duque de Edimburgo, no «deck» á proa. Ela, um pouco escondida, tira «clichés». E' a recordação inesquecível. Lisboa nas mais belas imagens de uma nova coroação e detodo um povo.

Entretanto, vão chegando á tribuna o sr. Presidente da Republica, com farda de grande gala, banda vermelha e crachá da Ordem do Banho, bicorne doirado e emplumado, e sua esposa, com uma linda «toilette» azul, chapéu da mesma cor, sapatos e mala de castanho escuro. O cardeal-patriarca, com a sua capa vermelha, rodeado de famulos. O sr. dr. Oliveira Salazar, dr. Albino dos Reis, dr. Marcelo Caetano, dr. Trigo de Negreiros, todo o Governo, altas individualidades civis e militares.

O «Britannia» fundeou, mas já decorreram alguns minutos, e o bergantim real de D. João V, aureo e vermelho e ricamente entalhado de lanternas doiradas, com 80 remos nos toletes, e 40 marinheiros indumentados á antiga, deblusão encarnado, carapuça amarela, passadeira negra ao pescoço e caindo em folhos sobre a camisa de linho branco, tal qual, como na época Josefina, imprimem-lhe sobre a cintilação solar e o branco revolutear das gaivotas, só agora se aproxima do iate por estibordo.

Ás 11 e 2, precisamente, é arreado a bordo o pavilhão real. Na floresta dos mastros que rodeia o «Britannia», as aclamações são cada vez mais exasperadas e frenéticas. O rio, imóvel, fulge agora ao Sol, como um espelho, em diamantinos clamores. Verdadeira esteira de pérolas, para a rainha e o duque passarem.

Enfim, a galeota real, eriçada de remos, quase é trazida, não pelo esforço da tripulação, mas pela água prateada e voluptuosa do rio.

A multidão delira, fitando a tela do fundo, do rio tutelar da cidade, une-se num grito imenso, que vara o espaço, reboa no vasto quadrilatero do Terreiro do Paço, propaga-se a toda a cidade, num acorde de sinfonia heroica:

—Viva a rainha!

São os «bons dias» de Lisboa a Isabel II e ao duque de Edimburgo. Relampagos sucessivos de alegria, a que se seguem trovoadas de aclamações.

—Lá vem ela!

De facto, o bergantim real deu volta ao «Britannia», e surge, instantes depois, com a sua amurada vermelha, com os remos, ora especados, o que lhe dá, estranhamente, uma configuração de peixe, de barbatanas eriçadas, ora, mergulhados, nas águas, das quais levantam cascatas de diamantes.

O sr. Presidente da Republica com sua esposa, sai do pavilhão, e desce, entre alas de guardas-marinhas, os degraus atapetados do Cais das Colunas.

Isabel II e o duque de Edimburgo vêm de pé no bergantim. O sr. general Craveiro Lopes dá a mão á rainha, e ajuda-a a descer. O principe consorte saltou logo rápido. Cumprimentos efusivos. A atmosfera, maravilhosamente, torna-se ainda mais luminosa. O Presidente da Republica, dando a direita á rainha, e o duque de Edimburgo atrás ao lado da senhora de Craveiro Lopes, sobem agora os degraus do Cais das Colunas, entre as espadas nuas dos guardas-marinhas, os copos na boca, rigidos, imóveis, como estátuas.

Ela vem linda, vestida de seda azul, com um casaco da mesma cor e tecido, um pequeno laço na cintura, á direita, o chapelinho também azul, que lhe descobre os cabelos de ambar—mais graciosa e feliz do que nunca. Um colar de pérolas de quatro voltas, no pescoço, uma joia na gola, «clips» de brilhantes nas orelhas. Parece uma rosa, a mais linda rosa de Inglaterra. Aquele sorriso de amor vem-lhe do coração. Nasceu na nossa terra.

É quente e doce, transparente de felicidade. Atrás o duque de Edimburgo, fardado de almirante, mangas agaloadas de oiro. Kepi branco, de pala preto, admirável de simpatia, queimado pelo sol dos trópicos.

Já os régios hóspedes, depois de terem passado entre mastros doirados da altura de um homem, ligados por grinaldas de folhas de oiro, estão do outro lado da tribuna, voltados para a massa compacta dos seis mil homens, que cobrem o quadrilatero monumental da praça.

Espadas rebrilham. As bandeiras inclinam-se. Nos janelões dos ministérios, apinhados de gente, estruge uma ovação imensa. Aos lados, o povo constelado de bandeirinhas multicores grita o seu jubilo. É o delirio! Uma ovação enorme, crepitosa que se estende até muito longe, numa onda sonora, durante alguns minutos, empolga, freneticamente, a multidão condensada.

Então, de pé, o sr. Presidente da Republica, dando a direita á rainha, a qual tem a seu lado, «madame» Craveiro Lopes, e á esquerda o duque de Edimburgo, ouvem de pé, os primeiros acordes do «God Save the Queen», seguidos dos primeiros compassos da «Portuguesa».

Momentos solenes, em que as duas nações se unem, comungam, na mesma exaltação patriótica.

Os fotógrafos e os jornalistas conseguem quebrar o protocolo, e avançam em massa para a tribuna, onde durante alguns minutos se detêm.

Junto do duque de Edimburgo, o prof. Oliveira Salazar sorri, francamente, enquanto do outro lado, o sr. cardeal-patriarca, cumprimenta, este e aquele repórteres.

São centenas, tanto portugueses, como estrangeiros, contentes de enfim, os terem deixado trabalhar á-vontade. Como agradecimento, todos nós gritamos:

—Viva a Rainha!

E tudo voltou ao seus lugares, pacíficamente, sem empurrões, nem ordens incompreensíveis.

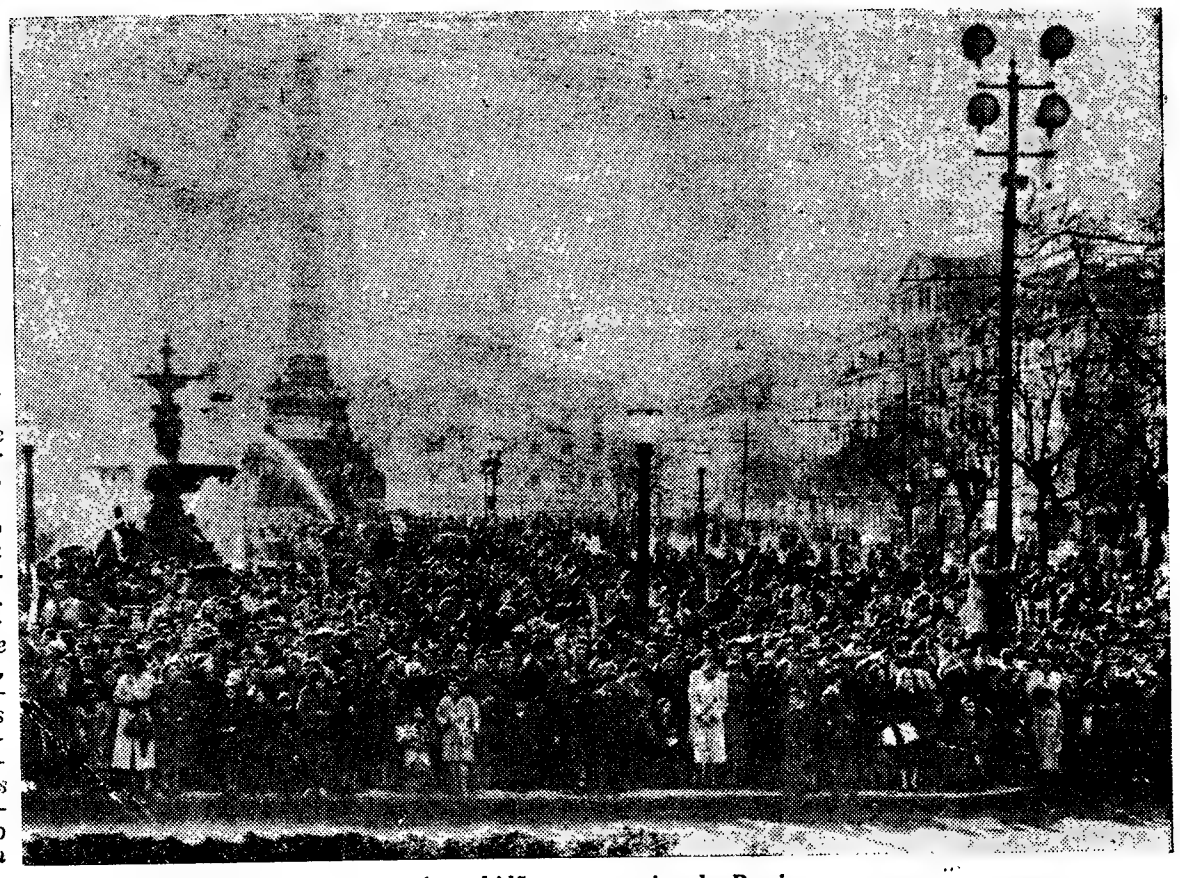
E o desfile militar começa admirável, magistral, de cadência, de porte heroico, a guarda de honra, a Marinha, tropas de terra, alunos do Colégio Militar, pequeninos soldados, admiráveis de aprumo, com as suas características barretinas, esquadrões brancos, castanhos, pretos, da G. N. R., levando á frente a sua marcial charanga, batendo as baquetas, sonoramente, nos tambores enormes.

Que belo é isto tudo! Como Isabel deve estar contente!

Chega o coche de gala, trono enorme, com uma coroa real, entre lacaios, moços de estribeira, e de tabua, cocheiro, sotas, de bicornes e librés encarnadas e agaloadas, perucas empoadas, numa mancha faustosa de vermelho e oiro, puxado por quatro parelhas de cavalos brancos, magnificamente ajaezados com fivelas de prata, e as caudas presas por fitas de seda verde.

De novo reboam os acordes do «God save the Queen» e da «Portuguesa», e a esplendorosa carruagem estaca os seus lavrados rodados, enquanto os aurigas daquele e dos outros coches põem o chicote, horizontalmente, numa atitude de respeito.

Era o final da cerimónia. A rainha da Inglaterra subiu, com a leveza de uma andorinha, para a oirescente boceta, e pondo os pés, no perseverão de damasco, sorriu para o bom povo de Portugal que, por essas ruas fora, até Queluz, não deixava de a aclamar em delírio.



A multidão nos passeios do Rossio

Lsiboa acordou cedo...

A cidade começou a movimentar-se muito cedo. Ainda não eram sete horas, já de todos os pontos da cidade começavam a convergir milhares de pessoas para os locais do percurso, especialmente para a Baixa.

A's oito horas, já era elevado o numero de pessoas que procuravam os melhores lugares ao longo da Avenida da Liberdade, Praça Marquês Pombal e Avenida Santo Condestável, não esquecendo a Praça do Comércio, Rua Augusta, Praça de D. Pedro IV e Largo D. João da Camara.

Os eléctricos circulavam com dificuldade e completamente cheios. Os táxis não paravam. O movimento de pessoas que seguiam a pé, por não terem meios de transporte, era notório e cada vez mais denso. Os recintos reservados na Avenida da Liberdade, onde haviam sido colocadas muitas centenas de cadeiras para convidados, foram os ultimos a ser ocupados. Era manifesto o interesse da população pelo grande acontecimento que ia escrever-se na história das relações entre os dois países.

A's 10 horas, as janelas dos prédios por onde o cortejo régio ia passar apareceram, como por encanto ornamentadas com colgaduras e colchas, muitas delas de valor.

Ao aproximar-se a hora da organização do cortejo régio podia afoitamente dizer-se que a cidade se tinha despovoado e concentrado nas ruas do histórico percurso.

A ansiedade era grande e crescia em cada minuto. Quanto faltava ainda para que aparecesse lá ao longe a brilhante desfilada? O sol, com o seu arzinho de promessa feliz, apareceu fatigado mas contente: conseguiu, também ele, não faltar!

Entre a madrugada e a manhã, á hora a que começaram a circular os matutinos, as artérias por onde havia de passar o cortejo ofereciam já este imprevisto aspecto, colhido na Rua Augusta. Cedo para apanhar bom lugar!

O «Diário de Lisboa» vende-se no BARREIRO na Agência «Bertrand» Estação do C. de Ferro.

A caminho de Queluz

Isabel II foi saudada

por milhares de pessoas

(Continuação da 11.ª pág.)

rainha inglesa que sauda o povo português.

Era um belo espectáculo ruidoso e colorido. O coche em que seguia a rainha era o centro de todas as atenções, com os seus oito cavalos brancos, os seus sotas, muito erectos, com cabeleiras brancas, os seus trintanários e palafreneiros, rendados e dourados, cheios de si próprios, a viverem intensamente o seu grande dia. O cortejo chega á extremidade do Parque e aproxima-se do palanque junto do qual vai parar. Nas colinas fronteiras viam-se cachos humanos que davam vivas intensos, num formidável clamor. Na rua que atravessa o Parque alinhavam-se os motociclistas da G. N. R.

Três escuteiros, garotos vivos e espevitados, erguem-se numa pirâmide e o mais afortunado, o que está sobre os outros, grita cheio de jubilo:

— Sim, é a rainha mais linda do Mundo!...

A caminho de Queluz

A Rua Castilho e a Avenida Joaquim António de Aguiar oferecem o mesmo aspecto festivo das restantes ruas do percurso. Nas Amoreiras, se não havia casas com janelas engalanadas, porque casas não há, o ambiente não era menos eufórico. Filas compactas de populares alinhavam-se nos passeios, agitando bandeirinhas de papel. A passagem do cortejo real, as palmas esturgiram.

O Arco do Carvalhão e o morro do Casal Ventoso era um mar de gente. Lá ao fundo, para além do Viaduto Duarte Pacheco, a encosta de Monsanto refulgia de luz e de verdura, ponteada de grupos dispersos de pessoas que se alcandoraram nos morros, na ansia de ver melhor os régios visitantes. Montes Claros estavam pejados de gente que, á passagem do cortejo, se manifestava entusiásticamente.

Junto da curva que faz a ligação da auto-estrada com a estrada de Queluz concentraram-se mais centenas de populares. O cortejo ali, lógicamente, seria obrigado a abrandar e o ponto era, portanto, estratégico. Um pouco adiante, ás Portas de Queluz, as filas compactas de assistentes voltavam a ladear o percurso. O clamor da multidão, os acenos e os «vivas» repetidos justificaram um abrandamento na velocidade da marcha do automóvel Assim, Sua Majestade pôde, convenientemente, avaliar do entusiasmo que a sua visita provocou.

Para cima de um milhar de carros estacionava para lá das bermas da estrada, ou nas vias convergentes. Os seus ocupantes, cá fora, saudavam a rainha e, ao mesmo tempo satisfaziam a curiosidade de a ver, longe do bulício da recepção da urbe.

Os postos de gasolina situados entre Lisboa e Queluz engalanaram os seus edifícios, hastearam bandeiras inglesas e portuguesas e, um deles, pertencente a uma companhia britanica, ostentava sobre as bombas um gigantesco dístico com a consagrada legenda: «God save the Queen».

Para a assistência, outros pontos estratégicos do percurso eram o cruzamento da estrada de Benfica e o sítio dos Quatro Caminhos. Um e outro estavam apinhados de gente. Eram alguns milharese de pessoas que aclamavam ali os régios visitantes.

O Largo de Queluz

Desde as 10 horas que o largo fronteiro ao Palácio de Queluz ficou completamente cheio de populares. Muitos trouxeram cadeiras de casa e vão aguardando o mais còmodamente possível que as horas passem.

Ao contrário do que aconteceu em Lisboa, choveu durante a manhã em Queluz. Mas as bátegas de água, que por vezes foram violentas, não esmoreceram o entusiasmo de um só dos presentes. Abriram-se os guarda-chuvas e ninguém arredava pé. Houve momentos em que a mancha preta dos guarda-chuvas cobria por completo o amplo largo.

Entretanto, á esquerda da estrada principal do Palácio, formou uma companhia, em três pelotões, da G. N. R., com guião e terno de corneteiros. Ao todo, 103 homens que farão a guarda ao palácio, enquanto a rainha Isabel II lá permanecer. Duas secções da P. S. P. e 60 agentes da P. V. T. policiam o local.

O tempo vai passando e aproxima-se a hora prevista para a chegada do cortejo real. O publico não dá sinais de impaciência. Enquanto espera, vai-se entretendo em observar os preparativos do cerimonial da recepção.

Duas praças da G. N. R., armadas de espingarda, perfilam-se, hirtas, aos lados do portão do palácio, sob o baldaquino que ali foi armado, em veludo amarelo, com barra azul franjada de prata. No centro do baldaquino, sobre fundo vermelho, figuram as armas reais inglesas.

Para lá das «três portas», ao fundo do átrio, foram colocadas duas belas tapeçarias com as armas dos Távoras.

A chegada ao Palácio

Na torre da igreja fronteira ao Palácio, a voz cava do sino assinala as 13 horas. Quase ao mesmo tempo dois «batedores» da Polícia de Transito chegam com a notícia de que o cortejo mal se aproxima. A multidão agita-se. E' o momento ansiosamente esperado.

Cinco minutos depois, o carro real estaca, debaixo do baldaquim, a um metro do portão. Milhares de vozes soltam vivas a Isabel II. Dobrado numero de mãos aplaudem delirantemente a jovam soberana, que sai sorridente do automóvel, apoiando-se ligeiramente numa das mãos do sr. general Craveiro Lopes, que foi o primeiro a apear-se. Quando o carro partiu, deixando livre a entrada do Palácio, uma fracção de segundo, a rainha Isabel II acenou cordialmente para os populares que a saudavam. Logo a seguir, o segundo carro do cortejo parou á entrada do palácio e dele se apearam o duque de Edimburgo e a senhora de Craveiro Lopes. Do terceiro carro saíram os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha e de Portugal.

Entretanto, a rainha de Inglaterra era cumprimentada pelos presidente da Camara Municipal de Sintra dr. Moreira Baptista; comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa de Queluz, coronel Silveira Machado; e pelo conservador do Palácio de Queluz, sr. Boaventura Porfirio.

Cá fora, enquanto se apeavam os restantes componentes da comitiva, a multidão agitava frenéticamente pequenas bandeiras de papel portuguesas e inglesas. Os vivas á rainha, a Inglaterra e a Portugal enchiam o ar, quase não deixando ouvir o toque de continência executado pelos corneteiros da guarda do palácio.

Na Sala do Trono

Do átrio, Sua Majestade passou imediatamente á Sala do trono, onde o sr. general Craveiro Lopes lhe apresentou os componentes da comitiva portuguesa: — os duques de Palmela e o general Luís da Camara Pina, que ficam ás ordens da soberana; o contra-almirante Nuno de Brion, que fica ás ordens do duque de Edimburgo; e os adidos naval e militar e aeronáutico de Portugal em Londres, respectivamente, capitão-de-fragata João Ramalho Rosa e coronel João Carlos de Sá Nogueira.

A rainha Isabel II, por sua vez apresentou ao chefe do Estado português os componentes da comitiva que a acompanha desde Londres.

Após as apresentações, o sr. general Craveiro Lopes e sua esposa despediram-se dos régios visitantes e regressaram a Lisboa, seguidos pelo sr. prof. dr. Paulo Cunha.

A rainha vem à janela

No largo, todavia, a multidão, não dispersa. Todos aguardam que Sua Majestade assome a uma das janelas do Palácio e todos manifestam ruidosamente o desejo de que tal aconteça. Uma centena de crianças, de uma escola de Queluz, entoa o hino inglês.

Um grupo de repórteres fotográficos portugueses e estrangeiros posta-se em frente da janela principal do primeiro andar da ala Sul do palácio e, eles próprios, ansiosos por obter uma boa fotografia, seguem o coro da multidão: «A rainha! A rainha! A rainha!...».

Todos esperavam e quinze minutos após viram satisfeito o desejo geral.

Sorridente, a soberana inglesa, acompanhada de seu marido, assomou finalmente á janela e agradeceu os aplausos que lhe tributaram. Por escassos segundos, os milhares de populares tiveram na sua frente o simpático casal de régios visitantes.

O almoço intimo

A rainha Isabel II e o duque de Edimburgo foram depois almoçar no salão que para o efeito foi especialmente preparado, no conjunto dos aposentos reais. Sentaram-se á mesa também a condessa de Leicester, lady Rose Baring, o marechal do Ar sir George Mills e o tenente-coronel sir Michael Adeane, da comitiva britanica, bem como o duque de Palmela, o general Luís da Camara Pina e o contra-almirante Nuno de Brion.

A mesa oval foi coberta com uma antiquíssima toalha de renda, cor de marfim. No centro, foi colocado um lindíssimo ramo de orquídeas e avencas.

O menu do almoço foi o seguinte: «hors-d'oeuvres»; Filetes de linguado au champagne; Fleuron; Noisettes de veau au Madeira; Pommes souflés; ervilhas com manteiga; «Baiser de dames»; frutas e café.

Os aposentos reais

No pequeno «boudoir» da rainha, um belo ramo de orquídeas brancas e roxas cobria a escrevaninha.

O quarto de cama estava também ornamentado com grandes ramos de rosas, cravos pálidos e lilases brancos. Sobre uma pequena mesa foi colocado um exemplar da tradução francesa de «Excursão a Alcobaça e Batalha» de William Beckford, numa rica encadernação azul de ferros dourados, com as armas britanicas.

Nos aposentos do duque de Edimburgo há botões de rosas nas jarras e, sobre as mesas, caixas de cigarros ingleses e de charutos.

A saida para Belem

Pouco após as 14 horas, voltou a concentrar-se muito povo em frente do Palácio, aguardando a saída da rainha. A's 15 e 15, apareceu de novo a rainha, que, acompanhada por seu marido, de grande uniforme de almirante, tomou lugar no carro da presidência da Republica para se dirigir a Belém.

Vários estudantes, á saída da vila, estenderam as suas capas no chão, no local onde passou o automóvel em que seguia a rainha. A multidão, em delírio, saudou o régio casal com lenços e bandeiras, e em todo o percurso, ao largo da estrada, grande multidão o aclamou á passagem.

Na bifurcação da estrada que conduz a Lisboa, com a da Amadora, estavam estacionados três autocarros com grupos de marinheiros ingleses, que cumprimentaram a rainha exuberantemente, pondo, entre a multidão, uma vibrante e colorida nota de entusiasmo.

Os habitantes do bairro de Caselas e do Caramão da Ajuda, aclamaram também a soberana, manifestando espontanea e clamorosa alegria.

*

Meia hora depois da rainha Isabel ter saído em direcção a Belém, foram ao Palácio de Queluz, assinar o livro de cumprimentos os srs. ministros da Presidência e sua esposa, das Corporações e do Ultramar; o subsecretário da mesma pasta; a esposa e filho do sr. prof. dr. Paulo Cunha e o embaixador e a embaixatriz de Inglaterra.

A' medida que o tempo passa, o largo fronteiro ao Palácio vai comportando cada vez mais gente, que espera ver a rainha de Inglaterra quando ela regressar de Belém.

O regresso a Queluz

A's 16 e 30, a rainha Isabel II, regressou ao Palácio de Queluz, na companhia de seu marido.

O jovem casal real entrou o portão com a maior simplicidade.

As crianças inglesas

visitaram a rainha

Por volta das 16,30, a rainha Isabel e o duque de Edimburgo receberam, no Palácio de Queluz as crianças da colónia inglesa de Lisboa, que ali se apresentaram em elevado numero, acompanhadas por senhoras do W. V. S. (Women Voluntary Service). A recepção, para a qual não foram feitos convites, teve o carácter privado de um afectuoso encontro da soberana com os mais jovens dos seus subditos residentes em Lisboa.

*

A' mesma hora, o ministro dos Negócios Estrangeiros inglês, sr. Selwyn Lloyd, visitou particularmente o Instituto Britanico de Lisboa, onde foi recebido pelo respectivo director, sr. Martin Blake, que lhe apresentou os bolseiros portugueses daquele estabelecimento de intercambio cultural, com os quais o ilustre diplomata trocou impressões.

O «Britannia» atracou

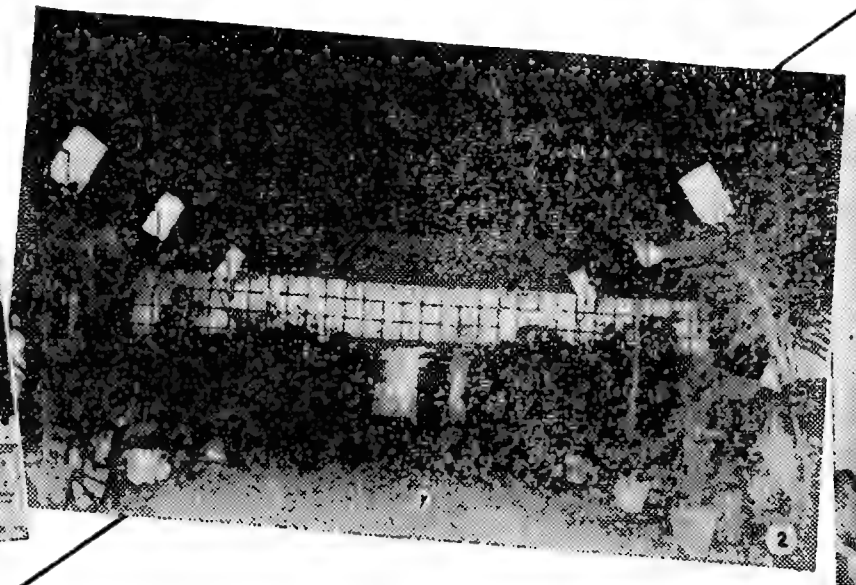
ao cais da Rocha

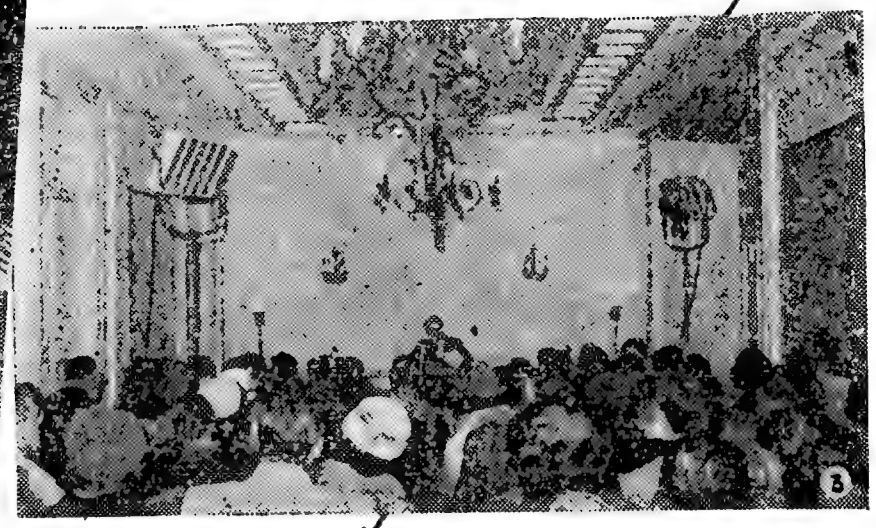
A's 11 e 50, o iate real suspendeu ferro e foi atracar á muralha da Estação Marítima da Rocha. Nas suas proximidades foram atracar, pouco depois, os contratorpedeiros britanicos. Os navios portugueses da escolta seguiram, também nessa altura, para a base naval do Alfeite.

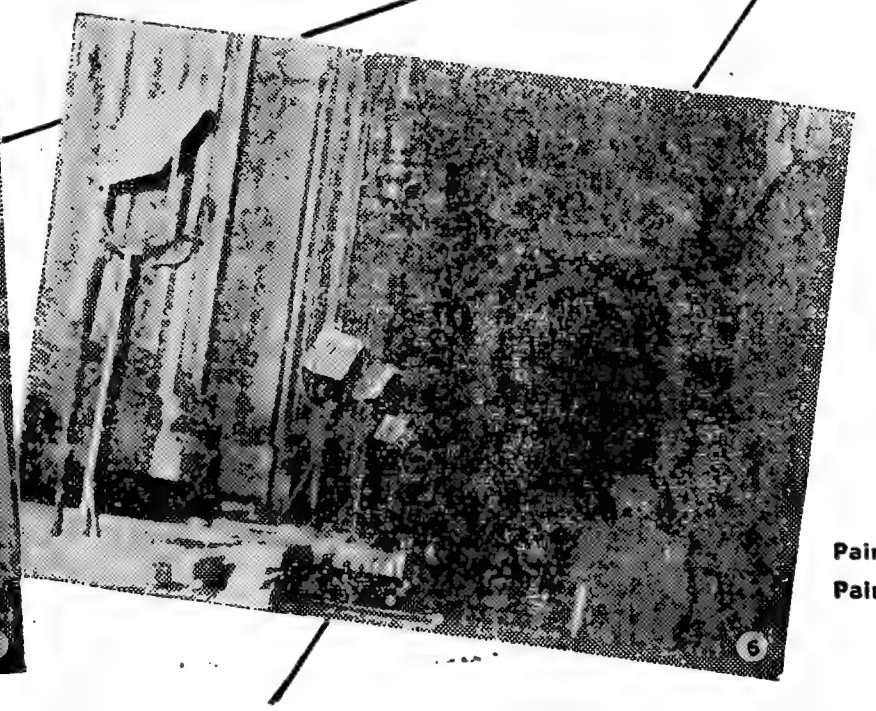
A's 13 horas, o capitão-de-mar-e-guerra Christie, comandante do grupo de contratorpedeiros britanicos ofereceu, a bordo do «Chieftein», um almoço ao capitão-de-mar-e-guerra Moreira Rato, comandante da força portuguesa de escolta, e aos comandantes da fragata «Nuno Tristão» e dos contratorpedeiros «Lima» e «Vouga».

O coche real ao passar nos Restauradores

O AQUECIMENTO MAIS PERFEITO E MAIS ECONÓMICO!







PAINEIS RADIANTES (INFRA-VERMELHOS) A

PROPACIDLA

CIDLA-COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS-S.A.R.L.

1- na piscina da Praia das Maçãs
2- no pavilhão dos Desportos Náuticos
3- no interior da Alliance Française
4- no Estádio José Alvalade
5- outro interior da Alliance Française
6- na Basílica da Estrela

Paineis radiantes para o aquecimento de RECINTOS AO AR LIVRE
Paineis radiantes para GRANDES RECINTOS INTERIORES

OVIC

Diario de Lisboa

18-2-957

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos e o ceu está geralmente pouco nublado e caem aguaceiros em alguns locais nas regiões do Norte por acção de uma massa de ar polar marítimo transportada na circulação conjunta de uma vasta depressão com nucleos centrados no Mar do Norte a Oeste das Ilhas Britanicas e a Sueste da França, e de uma crista anticiclónica que precede uma depressão centrada a Noroeste dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 6°; Penhas Douradas, 3°; Lisboa, 8°; Portalegre, 4°; Faro, 9° e Funchal, 14°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ceu geralmente pouco nublado, por vezes muito nublado durante a tarde de hoje. Aumento progressivo de nebulosidade a partir da manhã. Vento moderado de Noroeste, rondando progressivamente para Sudoeste. Possibilidade de aguaceiros fracos durante a tarde de hoje, e de chuviscos a partir da tarde de amanhã, e depois chuva. Subida de temperatura.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 805

HORIZONTAIS: 1—O qual. Desmaio. 2 — Fronteira. Estrépito de desmoronamento. 3—Consignar. 4—Brinca. Prefixo que designa direcção. Abjectos. 5—Cidade de França, á beira do Vienne, famosa pelas suas porcelanas. 6—Porco. Nome de letra grega. A si. 7—Preposição e artigo. Cada um dos artigos de uma exposição escrita. 8—Ligar pecas de ferro em brasa. 9—Perante. Abertura. 10—Negativa. Nó. 11—Relativa a osso. Patrão.

VERTICAIS: 1—Deseja. Ave trepadora, da América tropical, de bico muito grosso e comprido. 2 — Prefixo que designa «madeira». Mulheres de pequena estatura. 3—Epoca. Elevados. 4—Lavram. Poesia. 5 —Abonador. Além. 6—Casa. Fruto da goiabeira. 7—Enxerga. Mofa. 8—Atraiçoasse. Em companhia. 9 — Conjunção. Operação de amparar, com estacas, videiras e outras plantas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inserito.

Solução do problema n.º 804

HORIZONTAIS: 1—Crestavam. 2 — BARRIGA. 3 — Reagiu. 4 — Não. Ter. 5—Foz. Ar. 6—Ai. CHEIA. 7—Leira. 8—Elba. Sais. 9—Irmã. 10—Soa. Bar. 11—Em. Subirá.

VERTICAIS: 1 — CARA. ALEGRE. 2—Fiel. 3—Ébano. Ibis. 4 — Sagaz. Raros. 5—Trio. Cá. Mau. 6—Aru. Ah. Sã. 7—Vi. Treta Bi. 8—Agre. Icar. 9—Má. Reais. Rã.

Provérbio: BARRIGA CHEIA: CARA ALEGRE.

A RECEITA DO DIA

PÃO DE ITALIA—Mistura-se um quilo de vitela, passada pela máquina, com três gemas de ovos, uma colher de manteiga, sal, pimenta e pão ralado, dá-se-lhe o feitio de um pão e coze-se no forno. Serve para pique-niques.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO BRANCO, na casa António de Sá Rodrigues.

ENCICLOPÉDIA

Como Santo António, nasceu em Lisboa, em 1529, Fr. Tomé de Jesus, que havia de morrer em Marrocos em cheiro de santidade. Estudou em Coimbra, tomou o hábito de Agostinho e professou no convento da Graça, em Lisboa, voltando a Coimbra, onde concluiu os estudos de Artes e Teologia, ganhando fama de consumado teólogo e orador sagrado. Primeiro reformador dos Agostinhos Descalços, fundou uma Congregação de Recoletos. No convento de Penafirme, em Torres Vedras, compôs a «Vida de Fr. Luís de Montoia», e acabou a «Vida de Cristo» que o mesmo havia iniciado, e manteve correspondência com Fr. Luís de Granada. Acompanhando D. Sebastião a Alcácer-Kibir, foi feito prisioneiro e, apesar de condicionalmente liberto, lá ficou prègando o Cristianismo. Filipe II ofereceu-lhe resgate, que recusou. Deixou obras notáveis, sendo o autor mistico mais traduzido nos séculos XVII e XVIII.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Conjuntos vocais; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Ás 19, Crónica tauromáquica; 19 e 10, Musica ligeira espanhola; 19 e 30, Alegria no Trabalho; 20, Jornal sonoro, dedicado á visita de S. M. a rainha Isabel II a Portugal; 20 e 40, Variedades em discos; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, O trompetista Harry James; 21 e 30, 13.º episódio da adaptação radiofónica da obra de José Maria Sanchez Silva «Marcelino Pão e Vinho»; 21 e 50, Concerto pela Orquestra de Concerto; 22 e 30, Cançonetas; 22 e 45, Quadros da História de Portugal; 23 e 15, Reportagem do banquete no Palácio da Ajuda; 23 e 30, Danças.

Programa «B»—Ás 19, 4.º programa do Festival de Sibelius, de Helsínquia, em 1956: «Sinfonia n.º 3», (Lesvi Madetoja); 19 e 40, «Suite em dó menor para Alaude» (Reusner); 19 e 50, Noticiário regional; 20, Recital pelo pianista Nicolas Astrinidis; 20 e 35, Trechos da ópera «Eugene Oneguine» Tschaikowsky; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Concerto para violino e orquestra (Walton); 21 e 50, «Modernismo da musica inglesa», palestra pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 5, Musica sinfónica; 22 e 30, Crónica semanal; 22 e 40, Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia; 23, Obras de Schomberg e Daniel Lesur.

RADIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas da Adega Machado; 18 e 30, Cançonetas; 19, Programa Asas; 19 e 30, Jornal da A. P. A.; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Musica portuguesa; 20 e 45, Variedades; 21, Festa Brava; 21 e 15, Orquestra de Gordon Jenkins; 21 e 30, Orquestras e canções; 22, Novos discos; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 15, Canta Nilla Pizzi; 0, Musica de lança do Maxime; 0e 30, Musica de baile; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã. 1, Fecho.

RADIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22, Clube Radiofónico de Portugal; 22 á 1, Voz de Lisboa.

TELEVISÃO

A Radiotelevisão Portuguesa, na sua emissão desta noite, incluirá a reportagem do início oficial da visita a Portugal da Rainha Isabel II, transmitindo também, ás 21 e 50, simultaneamente com a Emissora, uma palestra do Dr. João de Freitas Branco, sobre o modernismo da musica inglesa.

A emissão terá início ás 21 horas e prolongar-se-á até á transmissão integral da reportagem acima aludida.

CARREIRAS AÉREAS

O sr. comandante José Sequeira Marcelino foi exonerado, a seu pedido, do cargo de chefe da Divisão de Voo dos Transportes Aéreos Portugueses. Substituiu aquele conhecido piloto-aviador o comandante Durval Ferreira, um dos mais antigos pilotos daquela companhia de aviação portuguesa.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Amor á antiga».
MONUMENTAL—A's 21,45—«A s. mulher do milionário».
AVENIDA—A's 21,15—«O palco da vida».
TRINDADE—A's 21,15 — «Guerras do alecrim e manjerona».
APOLO—Ás 21 e 45—«Rosa tatuada».
COLISEU—Ás 21,30—Nova companhia de circo.
MARIA VITÓRIA—Ás 20,30 e 22,45 «Toca a musica».
VARIEDADES—Ás 20,45 e 22,45—«O milagre da Praça da Alegria».
A B C—Ás 20 e 45 e ás 22 e 45—«Já cá canta».

CINEMAS

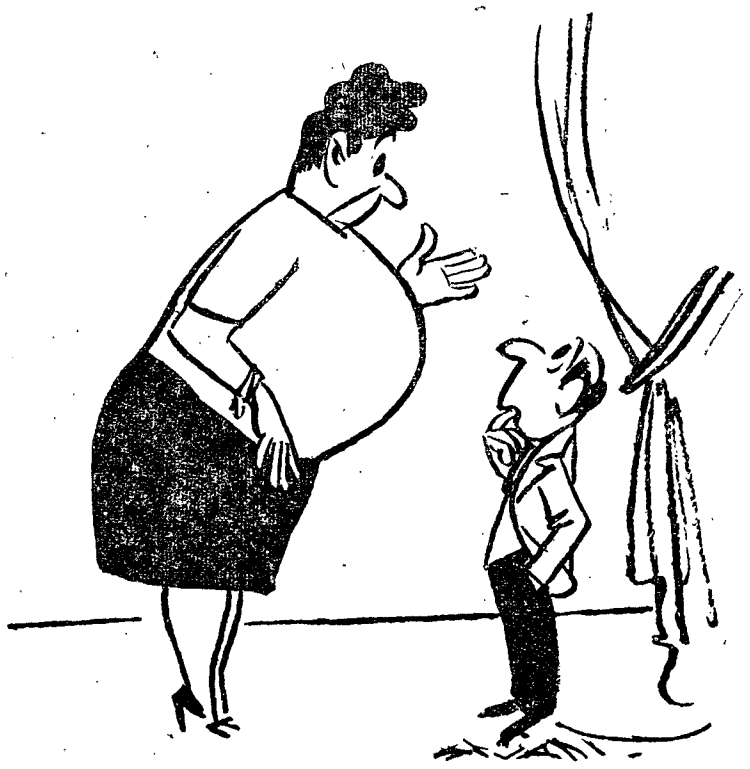
TIVOLI—«A castelã do Libano».
SÃO LUIS — «As grandes manobras».
POLITEAMA — «Zarak».
EDEN—«Pão, amor e...».
SÃO JORGE—«Vontade indomável»
MONUMENTAL—«O rapaz e o touro».
CONDES—«Ao longo das ruas».
IMPÉRIO—«Raparigas de hoje».
ALVALADE—«As grandes manobras».
CAPITÓLIO—«Bandido».
ODEON—«Com a vossa vida nas mãos»
TERRASSE—«Queda de um corpo»
AVIS—«Casa Ricordi».
IDEAL—«Verdi».
JARDIM—«As sete filhas do senhor conde».
OLIMPIA—«O rei dos escuteiros».
PROMOTORA—«Freira cigana».
RESTELO—«A filha do embaixador».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Vitex — Estrada de Benfica, 300-A, Tel. 780548; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722368; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Campo Pequeno (Do) — Av. da Republica, 58-D/E, Tel. 771661; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 391279; Banha — Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 392241; Pereira Suc. — Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 845124; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 26474; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A — à Alameda — Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld.ª, Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª — Rua Braancamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 44424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Linaida — Rua Saraiva de Carvalho, 268, Tel. 660955; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusiadas, 32, Tel. 636704; A. Cesar — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Morão — Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289, Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378 — A.

EFEMÉRIDES

No dia 18 de Fevereiro de 1546 nasceu Lutero. E no mesmo dia de 1861 foi proclamado rei de Itália, unificada, Vítor Manuel II.



—Fica sabendo que tu não mandas nada!
—Nada, mesmo nada?
—Quer dizer... Podes mandar vir cá a modista, porque eu estou precisada de dois vestidos...

HA TRINTA ANOS

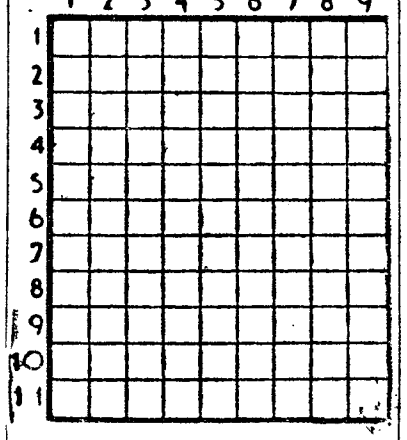
O «Diário de Lisboa» publicava no dia 18 de Fevereiro de 1927 o seguinte decreto: «E' aberto no Ministério das Finanças, a favor do mesmo Ministério, um crédito extraordinário da quantia de escudos 10.000.000$00, destinado a ocorrer a todas as despesas extraordinárias ocasionadas pelo movimento revolucionário do mês corrente ou que com ele se relacionem e pagamento das despesas de material e pessoal que forem indispensáveis fazer-se com a reparação urgente dos estragos causados pelo ultimo movimento revolucionário».

Noticiava-se ainda que o Governo se ocupava activamente do destino a dar aos presos por virtude dos acontecimentos, aos quais seria fixada residência em vários pontos do território da Republica».

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1814



HORIZONTAIS: 1 — Título de nobreza. Cena. 2 — Penas de escrever. 3 — Observei. Divisão de uma casa. 4 — Cólera. Utensílio de lavoura. Existe. 5 — Aliada. Falsas. 6 — Pedra de altar. Debaixo de. 7 — Filtra. Governam. 8 — Artigo definido. Apenas. Camareira. 9 — Ramagem. Senhor. 10 — Presa com açamo. 11 — Rente. Olé.

VERTICAIS: 1 — Despacha. Enrubescer. 2 — Manos. Entre nós. 3 — Língua antigamente falada ao S. do Loire. Encoleriza-se. Chefe etíope. 4 — Porém. Símbolo químico do gálio. Caruma. 5 — Furna. Cidade de Itália. 6 — Pequena enseada entre rochedos. No caso de. Rio de Itália. 7 — Nome de mulher. Reputação. O mais. 8 — Em o. Astutos. 9 — Tostas. Oportunidade.

Solução do problema n.º 1813

HORIZONTAIS: 1 — Saga. Fala. 2 — Ou. Agi. 3 — Fiara. 4 — Ria. Ti. 5 — Alar. Crê. 6 — Paraguai. 7 — Ume. Riga. 8 — Rã. Afã. 9 — Crena. 10 — Declive. 11 — Lima. Aero.

VERTICAIS: 1 — Sol. Apura. 2 — Au. Clama. DI. 3 — Are. Cem. 4 — Acirra. Arca. 5 — Af. Fel. 6 — Fará. Urania. 7 — Agá. Cai. Ave. 8 — Li. Trigo. Er. 9 — Pie.

Os princepezinhos

brincam ao Sol

LONDRES, 18. — O príncipe Carlos e a princesa Ana passaram a manhã a brincar no parque do palácio de Buckingham, aproveitando um lindo Sol, quase primaveril.

Antes de a rainha Isabel desembarcar em Lisboa, foram-lhe comunicadas excelentes notícias dos filhos, pelo rádio-telefone. O príncipe Carlos está completamente restabelecido da constipação que o obrigou a ficar retido no quarto, na semana passada, mas só voltará á escola amanhã ou depois. — (F. P.).

Julgamentos em Budapeste

BUDAPESTE, 18 — Começaram hoje a ser julgados onze arguidos, tendo o mais novo 19 anos e o mais velho, 28. O principal é uma estudante de Medicina, de 25 anos, Ilona Toth. Os restantes são operários, empregados, estudantes, jornalistas, e o escritor Gali.

Quando da insurreição de Outubro, formaram uma célula de resistência num hospital de Budapeste. Um dos arguidos, o jornalista Oberzoxsky, editou ali, de colaboração com Gali, um jornal, «A Verdade». Quando os Russos ocuparam a cidade e o grupo passou á resistência clandestina, o jornal transformou-se em panfleto com o título «Estamos Vivos». Ilona Toth tratava os feridos, no hospital. Um dia, chegou ali um ferido no qual o grupo julgou reconhecer um membro da Polícia política, e a estudante e os camaradas decidiram suprimi-lo, dando-lhe Ilona uma injecção de petróleo e insuflando-lhe a seguir ar no coração. — (F. P.).

RECONCILIAÇÃO

Faruk-Narriman ?

LONDRES, 18—Na coluna dos «Mexericos», diz o «Daily Mail» que consta haver sondagens tendentes á reconciliação do ex-rei Faruk, do Egipto, e da ex-rainha Narriman, a fim de permitir a restauração da monarquia do país, na pessoa do filho do casal. — (F. P.).

Um bebé

do reino de Lilliput

LONDRES, 18.—Nasceu, num hospital, um bebé que pesa 567 gramas, tão pequenino que cabe na palma da mão. Foi imediatamente para a incubadora.

Antes, uma enfermeira baptizou-o, segundo o rito católico, pensando-se que o recém-nascido não viveria muitas horas. Contudo, 12 horas após o parto, a minuscula Isabel Ana Smith respirava normalmente. — (F. P.).

A rainha e o duque

permanecerem durante 21 minutos

no palácio presidencial de Belém

(Continuação da 1.ª pág.)

de graciosa o interior do palácio de Belém. Por isso esta visita se revestiu de carácter excepcional nunca observado na série das ultimas recepções a chefes de Estado, na Presidência da Republica. Ela foi bem uma visita de amizade firmada, não apenas nos tratados internacionais, mas sim no culto da maior estima e da melhor compreensão das virtudes pessoais: a primeira família de Inglaterra visitou a primeira família de Portugal no seu próprio lar, que recebeu aquela franca e alegremente.

A rainha Isabel, que saíra com seu marido, pelas 15 e 10, do palácio de Queluz, no «Cadillac» descapotável posto á sua disposição pela Presidência da Republica, chegou á Praça Afonso de Albuquerque pelas 15 e 28, escoltada por uma força motorizada da G. N. R.

Por todo o percurso, o par régio ouviu as aclamações do publico, que se apinhava abrindo alas. Próximo da Presidência da Republica, porém, a multidão exteriorizou a sua grande simpatia pela jovem soberana com prolongadas ovações, e muitas palmas. Num gesto muito seu, que a tornou rápidamente muito popular entre nós a rainha, sorrindo docemente, acenou levemente com a mão para a massa de gente que a aclamava. O duque acompanhou-a nesse cumprimento.

A' passagem do carro, muito vagarosamente, pela frente do palácio, a guarda de honra, formada por um batalhão de Infantaria da G. N. R., de grande uniforme, com bandeira e banda de musica, prestou continência, ao mesmo tempo que a banda executava os primeiros compassos dos hinos nacionais de Portugal e da Inglaterra. O carro subiu depois a rampa que conduz ao pátio dos «Bichos».

A' entrada da escadaria que leva á sala das «Bicas», aguardava o régio par o director do Protocolo do Estado, que introduziu a rainha e o duque na sala referida. A' entrada da sala «Vermelha», que fica logo a seguir áquela, os visitantes eram aguardados pelo sr. general Higino Craveiro Lopes e sr.ª D. Berta Craveiro Lopes, que estavam acompanhados dos elementos da casa militar e do secretário da Presidência da Republica. Trocados breves cumprimentos entre o par real e o sr. Presidente da Republica e sua esposa, os donos da casa conduziram os régios visitantes até a sala do Conselho de Estado, através das salas «Império» e «Luís XV». Ali, o Presidente da Republica e sua esposa conversaram então, a sós, com o par real, durante alguns minutos. Entretanto, passavam á sala «Império» os elementos das comitivas inglesa e portuguesa da rainha Isabel II, que haviam chegado pouco depois do par real.

Entre os presentes, viam-se o ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, Selwyn Lloyd; condessa de Leicester e marechal do Ar sir George Mills, da parte inglesa; e os srs. duques de Palmela, general Luís da Camara Pina e almirante Nuno de Brion, da comitiva portuguesa.

Quando terminou a conversa a quatro, na sala do Conselho do Estado, os dois pares voltaram á sala «Império». Aqui, a soberana inglesa apresentou ao sr. general Craveiro Lopes e sua esposa os elementos ingleses da sua comitiva, e o chefe do Estado português apresentou á rainha Isabel e ao duque os componentes da casa militar e o secretário da Presidência da Republica.

A elegancia dos trajos das senhoras, nomeadamente, os das duas primeiras damas; o brilho cintilante das condecorações e os dourados das fardas de grande gala formavam um conjunto de rara distinção.

Feitas as apresentações e após breve conversa com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, o sr. general Craveiro Lopes convidou o par régio a passar a uma outra sala, onde, sobre uma mesa, se encontravam expostas ofertas do Governo português.

A condessa de Leicester e Selwyn Lloyd também foram convidados a admirar as ofertas expostas.

Finalmente, fizeram-se as despedidas, e o sr. general Craveiro Lopes e sua esposa vieram, então, até á porta da saída, despedir-se da soberana e do duque.

Por outra porta, á esquerda, saíram os componentes das comitivas britanica e portuguesa.

No Pátio dos Bichos, a rainha e o duque, o sr. general Craveiro Lopes e sua esposa, rodeados pelas restantes individualidades, aguardaram a chegada do cavalo adquirido pelo Governo português para ser oferecido á soberana. Trata-se de um belo exemplar de puro-sangue, desde há dois dias nas cavalariças do palácio e cuja estampa causou a melhor impressão.

Enquanto um tratador da coudelaria nacional se aproximava com o cavalo, o sr. general Craveiro Lopes adiantou-se com a rainha, sendo imediatamente seguido pela sr.ª de Craveiro Lopes e pelo duque de Edimburgo.

Durante alguns minutos, a rainha admirou o belo lazão peninsular—um cavalo inteiro de 8 anos—e ouviu, encantada, as explicações que lhe deu em inglês, sobre as caracteristicas do animal. O duque interessou-se igualmente pelos esclarecimento do chefe do Estado, estabelecendo-se conversa geral. A rainna despediu-se, em seguida, e tomou lugar no seu automóvel, aguardando que os carros da comitiva deixassem o pátio do palácio. Enquanto o carro da rainha não desceu a rampa, o chefe do Estado e a sua esposa permaneceram á entrada do palácio.

A recepção dentro do palácio durou ao todo vinte e um minutos. A saída de Sua Mejestade e do duque de Edimburgo fez-se pela porta do lado direito da sala das Bicas. Acompanhavam-nos o Presidente da Republica portuguesa e sua esposa, os membros da comitiva saíam, ao mesmo tempo, pela porta do lado esquerdo. Atrás do par real e do sr. general Craveiro Lopes e sua esposa, viam-se os membros do Corpo Diplomático e das casas civil e militar da Presidência.

Fora do palácio, foram, novamente prestadas honras militares a Isabel II, de novo calorosamente aclamada pela multidão.

O automóvel real tomou a direcção de Queluz, onde a rainha ia receber as crianças suas compatriotas.

A soberana apeia-se á porta do Palácio Nacional de Queluz

As prendas oferecidas á rainha e ao duque de Edimburgo

Quando hoje a rainha Isabel e o duque de Edimburgo cumprimentaram o sr. Presidente da Republica no Palácio de Belém, o Chefe do Estado ofereceu á rainha um cavalo de tipo peninsular, adquirido, como presente do Estado, nas nossas coudelarias nacionais, preterindo a escolha feita anteriormente pelo distinto médico-veterinário e grande lavrador ribatejano dr. Luís Correia da Silva que fora convidado inicialmente para esse efeito. No entanto o cavalo por ele seleccionado, com o ferro de D. Luís Ervideira, vai ser adquirido pela G. N. R

Ao duque foi oferecido um tinteiro de prata portuguesa do final do século XVIII; á condessa de Leicester uma pequena caixa «Vermeil» com uma miniatura na tampa representando o Terreiro do Paço na partida da Rainha Catarina de Bragança para Inglaterra.

SENSACIONAL !

Esta noite

no SÃO LUIZ e no ALVALADE

A REPORTAGEM CINEMATOGRÁFICA DA VISITA A LISBOA DA RAINHA ISABEL II DE INGLATERRA

O São Luiz e o Alvalade têm a honra de anunciar que apresentarão, a partir desta noite, e poucas horas depois do acontecimento, a reportagem da visita a Lisboa da Rainha Isabel II, desde a sua chegada ao aeroporto do Montijo até à entrada no Palácio de Queluz. Realizada em tempo «record», pela Lisboa-Filme, sob a direcção de Manuel Queirós, e com locução de Fernando Pessa, a reportagem em questão abrange, entre outros, os seguintes aspectos: Chegada ao Montijo — Desembarque no Terreiro do Paço — Desfile do Cortejo pelas ruas de Lisboa — Cerimónias no Parque Eduardo VII — Chegada a Queluz.

13 convivas

no «Britannia»

LONDRES, 18. — Segundo o enviado especial a Lisboa do «Daily Sketch», Alan Gardner, a primeira coisa que o real par fez quando, no sábado, embarcou a bordo do «Britannia», foi telefonar para Londres a seus filhos, o príncipe Carlos e a princesa Ana.

Ao jantar — acrescenta — treze pessoas, incluindo o ministro dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd, e as damas de companhia da soberana, sentaram-se á volta da mesa do iate real, com a rainha e o duque. — (A. N. I.).

Dorme mal?

Experimente V. Ex.ª os colchões de molas
30 anos de bom fabrico
Fornecedor dos principais Hoteis
AGUIAR RAMALHO, LDA.
Rua Actor Vale, 16-B
Telef. 831244

GALEOTA
RESTAURANTE FRANCÊS
AV. SIDÓNIO PAIS, 28
Tel. 51281

Tágide
O Restaurante dos bons «gourmets»
Preferido para os almoços de negócios e para os jantares de familia

Ensopado de enguias
Outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos

Rowenta
TORRADEIRAS ELECTRICAS

Tahm Beach
Praia da Conceição — Cascais
Um dos locais mais aprazíveis e com melhor panorama da Baía de Cascais
Almoços — Chás — Jantares
e Ceias à Americana
(Se possível, reserve com antecedência a sua mesa para o jantar)

O melhor caminho
PARA V. Exa. SE TORNAR
UM BOM GUARDA LIVROS
SEM SAIR DE SUA CASA
CORTAR E REMETER SEM DEMORA ESTE CUPÃO
ENVIAR 2$00 EM SELOS, PARA PORTE E DESPESAS
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DA PALMA, 164 - LISBOA - TELEF. 28034
QUEIRA ENVIAR-ME, GRÁTIS, O LIVRO "CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA"
NOME _____
MORADA COMPLETA _____

Com as melhores laranjas de Portugal
SE FABRICA POR DISTILAÇÃO
O TRIPLE-SECO
JOCKEY

Distribuidores:
A. SERRA CAMPOS FERREIRA
Rua António Maria Cardoso, 27
SOCIEDADE COMERCIAL REICARRERA, LDA.
Rua do Salitre, 90

Rowenta
MAQUINAS PARA FAZER CAFÉ

RESTAURANTE CHAVE D'OURO
Menu 40$00
ACEPIPES VARIADOS
CREME DUBÁRRY
OMELETE C/ CHAMPIGNONS
PESCADA COZIDA C/ TODOS
BIFE A' PORTUGUESA
MIXED GRILL
PUDING OU FRUTA
DIARIAMENTE
JANTAR-CONCERTO
SEM AUMENTO DE PREÇO

Diário de Lisboa

Os «capitaes» das equipas, Malicia e Moilat, trocam galhardetes, antes do encontro, na presença do árbitro belga Gerard Versyt e dos juizes de linha Barry e Correia da Costa

CORTA-MATO ENTRE SENIORES

Manuel Faria venceu

e a equipa do Benfica convenceu

Nove homens abriram as hostilidades para o «Cross das Nações»

Os «encarnados» mantêm-se no topo, com a autoridade que lhes dá a vitória em todos os torneios de corta-mato por equipas, apesar de um ou outro percalço.

Claro está, os benfiquistas têm, também, saboreado o gosto do triunfo em muitas provas individuais, a tal ponto de se poder afirmar que a vantagem lhes pertence também neste domínio.

O Benfica, que na época passada, verdade se diga, já brilhara nas provas de corta-mato, apresentou-se, este ano, com poder, pronto a esmagar os adversários e a contrariar o favoritismo que se previa para os «leões» nalgumas especialidades.

Traduzido em numeros o poder dos «encarnados», vifra-se na 13.ª vitória colectiva. O Sporting conta quatro triunfos individuais. Portanto, eis um factor de elevado expoente que define com clareza a força do conjunto «encarnado» nestas corridas através do campo.

A competição de ontem — Regional de Seniores —, a primeira de grandes responsabilidades, pois servia de antevisão e apreciação para a selecção do «Cross das Nações», foi disputada nos apopriados como excelentes terrenos anexos ao Aeroporto de Lisboa. Deu-nos alguns «casos» e apontamentos de muita valia. Não só o grau de treinamento de alguns concorrentes pode ser observado como também as qualidades de cada atleta em função da futura equipa nacional.

O reaparecimento de Manuel Faria despertou grande interesse e expectativa. O campeão foi cauteloso, limitando-se a manter a posição da vanguarda, sem forçar. O terreno escorregadio, lamacento e muito traiçoeiro, foi o seu grande inimigo como o foi também para os restantes concorrentes.

O benfiquista António Ventura a procurara oportunidade — temos a certeza que há-de surgir — de dar um golpe teatral, cotando-se entre os melhores, foi excepcional no final da prova aemaçando perigosamente Manuel Faria. O maratonista José Araujo, esteve bem dentro da sua actual bitola, demonstrando já

(Continua na ultima página)

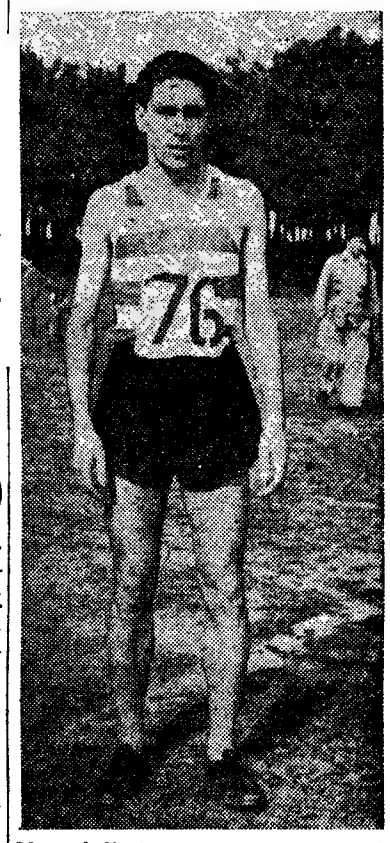
O Newcastle

joga amanhã no Restelo

A presença, amanhã á noite, no Restelo, da famosa equipa inglesa do Newcastle United, não é um acontecimento banal. Apesar de todas as restrições que se queiram pôr ao futebol de além-Mancha, a verdade é que ele permanece no primeiro plano, podendo oferecer ao popular jogo uma contribuição, no momento actual, que é notável: a do já celebérrimo Manchester United. Por outro lado, o importante acontecimento histórico que nesta altura se desenvolve em Portugal, dá á visita do Newcastle um ambiente de maior expectativa e de mais vivo interesse.

De resto, o «team» do Newcastle traz na sua bagagem credenciais valiosas. Considerado um grupo especialista da Taça, o Newcastle pôde ganhar as competções de 1951 e 1952, alcançando, com estes triunfos em dois anos seguidos, uma das mais notáveis proezas do futebol gaulês. Convirá, no entanto, fazer notar que o grande clube da Inglaterra já vencera a mesma prova em 1910, 1924 e 1932, sendo ainda campeão da Liga por

(Continua da ultima pagina)



Manuel Faria, o grande campeão português de provas de fundo, voltou á actividade oficial depois de um período de repouso a galardoar as suas vitórias no estrangeiro. Ontem, obteve mais um triunfo a juntar aos muitos que possui

Os novos modelos do futebol francês

apresentados pelos interiores (Fontaine e Mekloufé)

por Tavares da Silva

Durante o decorrer da partida, que teve vários tons e singularmente nos interessou, tirámos muitos apontamentos para que a memória, que já nos vai faltando, não perdesse um qualquer aspecto do jogo, mas, á hora de escrevermos a crónica, pusemos de parte as notas que com tanto afã haviamos tirado para traçar as linhas com as ideias que sucessivamente nos vão acorrendo. A utilização deste processo implica perda de pormenores, mas ganhar-se-á talvez sobre outros angulos.

*

Que se pode recorrer á arbitragem, que se pode, desta vez, buscar em factores climatéricos ou de terrenos de jogo as razões fundamentais da nossa derrota. Ela resultou de uma luta em que o adversário nos foi superior, tornando-se cada vez melhor á medida que as jogadas se sucediam. O resultado aparece, pois, como consequência lógica do jogo produzido por ambas as equipas. Não nos referimos ao que os grupos podiam ter feito (teóricamente a equipa portuguesa devia dar maior rendimento) mas, sim, ao que as equipas produziram.

Fazia um belo dia primaveril, de temperatura amena e uma luz solar que não feria a vista, havendo que pôr reservas ao estado do terreno, em que a bola adquiria amiude estranhos desvios. Mas esse mal cobria as duas metades da pista do Parque dos Príncipes. E' na arbitragem, segundo cremos, que se pode, sem forçar grandemente a nota, buscar atenuantes para o enervamento e desorientação que, de certa altura em diante, a selecção portuguesa deu provas, perdendo a harmonia que, no início do jogo, chegou a caracterizá-la.

O árbitro belga, senhor Versyp, que vinha de dirigir o encontro do Real Madrid com o Nice, consentiu, e isso cedo se verificou, não só o jogo duro, como alguma coisa de violência. Coluna e Hernani, mais tdrde Carlos Duarte, para citar de memória, bem depressa foram tatuados pelos «pitons» do adversário. Tudo isto, porém, não quer dizer que não se esteja a adoptar em Portugal uma política de arbitragem que condena o choque, sem ter em conta a lealdade da carga, fazendo com que os jogadores nacionais, manifestamente, se deixem surpreender nas suas visitas ao estrangeiro. Hernani e Carlos Durate, mais aquele, ainda quiseram tirar proveito do caso deitando-se várias vezes para o solo espectacularmente mas o árbitro não se deixou enganar pelo canto da sereia... Onde o belga Versyp errou quase totalmente foi na interpretação da «lei da vantagem», por ele ignorada, em termos do infractor sair beneficiado da aplicação das penas. Se o seu

(Continua na página seguinte)

GOLFE

No Estoril

estão presentes valorosos campeões

A «Semana Internacional» de 1957 nasceu sob bom signo e deve ficar para a história do certame como uma das melhores de sempre.

Tal afirmação não é ousada em face da presença dos jogadores que já estão no Estoril, vivamente interessados nos Campeonatos Internacionais de Portugal, que começam na próxima quinta-feira. O lote é valioso. Mais valioso do que nunca, num testemunho iniludível da repercussão que o certame já alcançou no estrangeiro e do conceito de que o golfe português goza internacionalmente. Para tal — nunca é demais apontá-lo — muito têm contribuido o Clube de Golfe do Estoril e a Federação Portuguesa de Golfe, mercê da sua dedicação e competência.

Desde anteontem até depois de amanhã a actividade no Estoril fez-se e far-se-á através das provas cuja organização pertence ao Clube de Golfe do Estoril. O inte-

(Continua na página central)

O SARAU

do Ginásio Clube Português

O Ginásio Clube Português está a preparar, cuidadosamente, o tradicional sarau que vai realizar, dentro de pouco tempo, no Coliseu dos Recreios, aceitando, desde já, marcações na secretaria da sua sede.

Apesar de certa alegria

a lei do «off-side» resistiu

OS FRANCESES AO ATAQUE, NO JOGO DE ONTEM, NO PARQUE DOS PRINCIPES — Arcanjo, com uma entrada de cabeça, antecipa-se á intervenção do guarda-redes Vital, cujos movimentos são espreitados pelo centro-dianteiro Lirou. Ao fundo, Malicia

Por Luís Alves

** Sem qualquer finalidade prática em vista e sem que a iniciativa houvesse partido de qualquer organismo responsável, a comissão promotora de um festival de futebol em benefício do Atlético, fez disputar um dos encontros desse festival em moldes que tiveram larga publicidade, e que consistiam na abolição pura e simples da lei de «off-side» e na reposição da bola em jogo com o pé, quando saisse pela linha lateral.*

Houve acima de tudo — julgamos — a preocupação de criar mais uma atracção para chamar o publico. Assim, os resultados da experiência não irão além das tertulias. Em todo o caso, como o acontecimento se produziu, não virá mal ao Mundo que lhe dediquemos meia duzia de comentários.

E' bom saber que já há dois anos, se não estamos em erro, a experiên-

(Continua na página central)

A selecção portuguesa errou

ao deixar em liberdade dois criadores de jogo

(Continuação da página anterior)

critério foi uniforme, se a arbitragem talvez não haja tido influência no resultado, não há duvida de que a selecção portuguesa acusou os efeitos nefastos desta orientação arbitral. O jogador português enerva-se com tão grande facilidade é de tal modo sensível que uma qualquer causa o transforma e nem parece o mesmo homem. O complexo de jogar no estrangeiro continúa a dominá-lo.

*

Os grupos traçaram uma trajectória diferente, a equipa portuguesa foi decrescendo gradualmente, começando a jogar bem, acabou irreconhecível, ocorrendo o contrário com os da França, que, aos poucos, aperfeiçoou a sua manobra, de maneira a trabalhar com precisão, entendimento e inteligência.

Entendemos que os nossos militares traçaram o seu melhor futebol no trecho de início, até aos 18 minutos, em que se verificou um remate de Fontaine na trave, parecendo, nesta altura uma equipa mais ligada e harmoniosa do que o seu adversário, em cujo «onze» refulgiam, porém, algumas novidades.

O nosso futebol tinha princípio, meio e fim, registando-se alguns esquemas em que a bola deslizava suavemente de unidade para unidade, feliz da vida atravessando o terreno da direita para a esquerda ou no sentido inverso.

Talvez receando o valor da equipa lusitana, que já por três vezes havia ganho esta partida do futebol internacional, a manobra do «onze» da França apresentava-se desligada e até com pouco nexo, dividida em dois blocos, com a linha d'anteira completamente separada do todo defensivo.

O remate de Fontaine á trave, a que já nos referimos, marca o final do predomínio dos nossos rapazes, a quem não se poderá negar, mesmo quando dominados, espírito de sacrifício e de luta, desejo e preocupação de fazer bem.

Decorrida a fase de estudo, já com os jogadores devidamente adaptados e sabendo com que havia a contar, quanto á arbitragem, veio ao de cima a força física da equipa francesa, com o seu poder de antecipação e as jogadas de desmarcação, o engenho de algumas das suas unidades e a ideia de conjunto.

Quando o extremo Doris, com muita cabeça, preparou o golo de Lyron, abriu-se uma nova era na partida. O jogo passava a ser, até ao intervalo, de alternativas, ora tendo vantagem este ora aquele, para só depois tomar abertamente a posição de domínio do adversário.

Não deixámos, no entanto, de apreciar a pronta reacção dos portugueses que, verdade seja, foi dominada com relativa facilidade pelas forças gaulesas.

E' certo que houve um período em que a nossa organização se patenteou mais claramente, mas conservámos a força suficiente para obrigar o adversário a pensar um pouco em jogo defensivo. Se o resultado, até ao intervalo, que foi de 1-0, fosse de 1-1, não seria isso uma injustiça! Pelo contrário, talvez o empate traduzisse mais perfeitamente a verdade do que a diferença de uma bola a favor de um dos lados. Se tivéssemos marcado, talvez o rumo do jogo se alterasse na segunda parte, não nos deixando passar tantos sobressaltos, sofrer tanto.

Tivemos até uma oportunidade magnífica de empatar, quando Carlos Duarte surgiu, isolado, próximo da linha, preferindo o remate sem angulo a dar a bola aos seus companheiros, os quais se encontravam desmarcados. E assim se perdem os encontros, pela simples e unica razão que os jogadores, por vezes, se esquecem que o golo é marcado por um homem, mas pertence a onze.

* * *

A equipa francesa jogou em todo o encontro no sistema clássico de W M, preferindo o onze português envergar o já conhecido trajo do quarto defesa. A imaginação e destreza da linha de ataque da França era uma, actuando a defesa com outro estilo, de maneira mais prática e objectiva.

Sem duvida, a palavra de ordem era transmitida á equipa pela parelha magnífica dos interiores, o bigodinho astucioso de Mekloufi e a perfeição técnica de Fontaine, de tal modo que, pode dizer-se sem exagerar, quase tudo que se passou na laboração da equipa da França foi inspirado ou executado por estes dois rapazes, de boa estirpe futebolística.

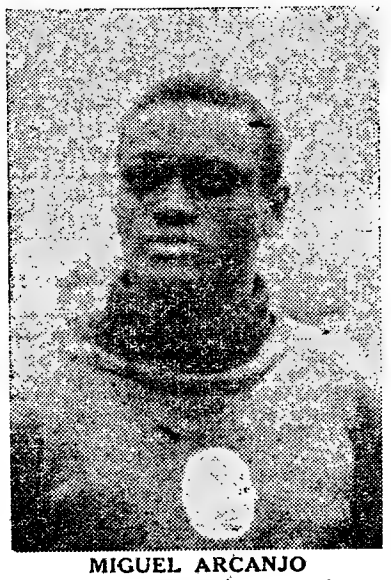
Cabe a propósito referir que o praticante do jogo francês evolucionou extraordinàriamente no bom sentido e é hoje um técnico, se não consumado de boa escala, dominando a bola, passando e desmarcando-se com facilidade, a certeza de que está apto e é capaz de fazer.

* * *

Se assim se passava, se Mekloufi e Fontaine eram os criadores do futebol, mal se justifica que os tenham deixado em liberdade que, na segunda parte, chegou a ser total.

Vicente jogava atrasado, Malícia, de jeito enérgico, não se preocupavam profundamente com a marcação dos dois demónios, mas em todo caso sempre faziam sentir a sua presença. Rocha jogava recuado, percorrendo lateralmente uma grande faixa do terreno para cobrir lacunas e dar impulso.

Com a troca de Malícia por Oliveira e o avanço de Rocha, talvez determinado por imperativo de forças, que se verificou na segunda parte, o sistema de marcação não ruiu por completo devido á actuação de algumas unidades, em que é lícito destacar Miguel Arcanjo, o jogador numero um, de ontem, do nosso lado, mas quase. Oliveira juntou-se práticamente ao ataque, o qual não lucrou nada com isso, com evidente prejuizo para a acção dos portugueses — pelo que favorecia o adversário. Deixar os melhores jogadores da França em completa liberdade era assinar a sentença. E verificou-se o resultado de 3-1, no fim e ao cabo, numeros satisfatórios para a forma como decorreu a partida tendo em conta o numero de oportunidades que os franceses tiveram de jogadas da linha para trás, com as balizas escancaradas de par em par.



MIGUEL ARCANJO
que no desafio de ontem muito se distinguiu

* * *

Foi no segundo tempo que se avolumaram as deficiências de selecção portuguesa transformada para pior, vindo ao de cima as qualidades da França. Os nossos adversários rematavam com frequência e nós fizemo-lo apenas duas vezes(numa dessas vezes foi um golo); os franceses manobraram com entendimento, jogando com sentido colectivo e entrando uma e qualquer unidade na sua altura de jogo, e nós passámos ao estilo individual, complicando-se as jogadas sem proveito nem rendimento, tomando como regra um estilo que deveria ser excepção.

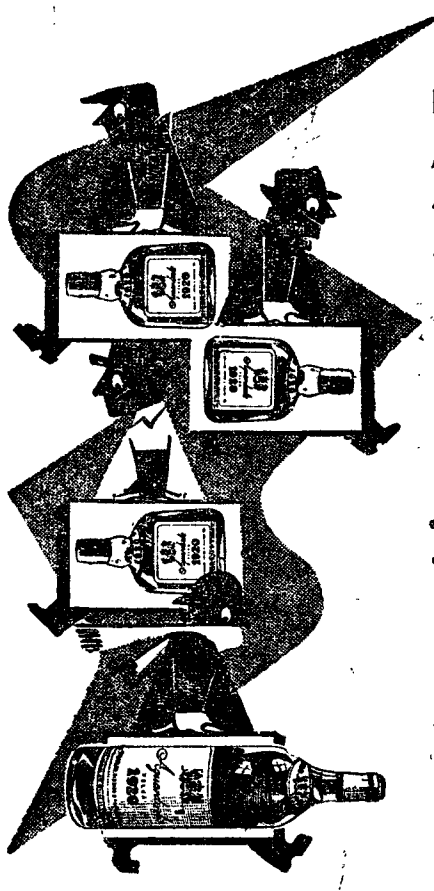
Os interiores da França orientavam os seus companheiros deixando estes de ter uma posição fixa. Faziam grande parte do trabalho e ainda por cima brilhavam. Ninguém os marcava. Oliveira andava por regiões afastadas e não baixava, dando-nos até a impressão de falta de fôlego. A patrulha Mekloufi-Fontaine, dos 33 aos 35 minutos do segundo tempo, fez dois golos, obra da sua lavra, o primeiro de Melkoufi e o segundo de Fontaine. E sobre a nossa defesa recaia pesada tarefa, pois a luta era, por vezes, desigual, o numero dos portugueses que defendiam era inferior ao dos franceses que atacavam. Valeu-nos a garra de Miguel Arcanjo e um punhado de defesas magistrais de Vital, o jogador, ao que parece, com vocação de selecção. Porque os dianteiros, de coração empedrenido, não auxiliavam a defesa, deixando-se conservar lá á frente, cómodamente, sem prestar auxílio, apesar da vida atribulada da nossa defesa. Trata-se de uma atitude condenável no futebol moderno em que as tarefas de atacar e defender se confundem de tal forma que, em dado momento, todos têm obrigação de defender e todos devem atacar. E as situações de perigo contra as nossas balizas sucediam-se, com a bola a passar na sua frente, carregada de ameaças. Por felicidade, no findar do encontro, o impulso de Arcanjo, o homem que defendeu muitos golos e ainda originou o nosso ponto de honra, deu a oportunidade a José Pedro de se mostrar em campo (demos então por ele!) reduzindo a diferença de três bolas, que seria condenatória, para dois tentos, o que dá ainda uma esperança.

* * *

O destaque de Fontaine e Mekloufi já nos parece suficientemente esclarecido, competindo afirmar que os extremos acompanharam regularmente o seu trabalho. O centro-dianteiro deu-nos a impressão de ser o mais fraco. Na linha média, destacou-se Ferrier; e na defesa, Molla, que ontem mesmo, findou o serviço militar, pelo que não se deslocará já a Lisboa no próximo dia 3 de Março, o dia que deve ser o da «revanche». E, certamente, nessa altura, já não conseguiremos apanhar um guarda-redes tão simpático como Varint.

A eleição do melhor português é, indubitàvelmente, muito fácil. Foi Arcanjo o numero um, repete-se, não só pela excelente colocação como pelo alto nível técnico que revelou, ao pôr a bola no chão, não a atirar ao acaso, passando, invariàvelmente, em boas condições. Segue-se Vital na ordem de valores, o qual executou belas defesas, praticando em todo o encontro apenas um erro, a saída em falso, de que ia resultando um golo se não fosse a atitude resoluta de Arcanjo. Os laterais, Torres e Moreira, alternaram coisas boas com aspectos sofríveis. Dos três médios, talvez Malícia haja sido o mais util. Vicente não esteve nos seus dias. Na linha dianteira destacou-se Carlos Duarte, na primeira parte, Rocha, na segunda. Hernani esteve demasiadamente individualista e as suas jogadas não pegaram. Coluna jogou sem alegria. José Pedro mostrou-se longe da boa forma. Infelizmente, após a marcação do seu golo, sofreu um choque de um adversário que o atingiu no joelho, havendo duvida acerca da gravidade da lesão. Ontem, pelo menos, a equipa militar da França foi melhor do que a de Portugal, e por isso perdemos, devendo agradecer ao Todo Poderoso a diferença apenas de duas bolas, a esperança que nos ilumina ainda.

TAVARES DA SILVA



LISBOA { J. A. DA COSTA PINA
Rua do Alecrim, 69

Agentes:

PORTO E PROVINCIA { COSTA PINA & VILAVERDE, Lda
R. do Bonjardim, 420 — PORTO

A Turquia venceu os Estados Unidos por 19-0

Para o Torneio Internacional de Futebol entre militares, a Turquia venceu ontem os Estados Unidos por 19-0. O desafio efecuou-se em Adana.

CORTA-MATO

O campeonato da Catalunha

Disputou-se ontem o campeonato da Catalunha de corta-mato. A vitória pertenceu a António Arroios, em 33 m. 53 s. — (Efe).

NO-NIK
A BOQUILHA ANTI-NICOTINA
QUE OS MEDICOS RECOMENDAM

Reflexos

do jogo de Paris

Mais uma vez o caso assumiu aspectos de estigma fatal: falta de poder físico, que até certo ponto servisse para atenuar os efeitos da rudeza utilizada, em especial, pelos defesas franceses. Tem, realmente, sido sempre assim, através dos anos e nestas competições internacionais de futebol. Ora, aos nossos jogadores nada falta para medirem forças, em todas as circunstancias, e sempre airosamente, com os de além-fronteiras. Falta de poder físico? Não se compreende lá muito bem. Na verdade, deverá haver qualquer coisa que continua ainda errada. Têm a palavra os técnicos no assunto...

*

A falta de remate—outra história sabida já de cor. Os avançados, principalmente quando actuam no estrangeiro, inferiorizam-se muito, de maneira singular, em tão importante capítulo de jogo. Ainda ontem isso mesmo se verificou em Paris, no Parque dos Principes.

Ora, a falta de remate não tem, muitas vezes, origem nas deficiências técnico-tácticas. Mas, sim, em grande parte, na escassez de faculdades atléticas. Lá vamos nós encontrar o mesmo caminho. Minguam, de maneira geral, aos avançados portugueses, as condições físicas suficientes para suportar, sem contrariedades de maior, o embate com defesas mais ou menos rudes e possantes.

*

No desafio de ontem, houve uma desentiligência entre o extremo-direito Carlos Duarte e o extremo-esquerdo Albertin. Uma luta extra-programa, pouco vulgar, entre extremos... O francês, nesse momento, levou a melhor, porque o nosso compatriota teve de reclamar, fora do terreno, os serviços do massagista...

*

A banda da G. N. R. de Paris executou, muito bem, o hino português. Nem sempre tal se tem verificado noutras paragens...

*

É sempre grato ao espírito dos desportistas tomar parte em competições em Paris. A cidade-luz continua a exercer grande fascinação e um êxito lá conseguido rodeia-se sempre da apetecida retumbancia internacional. O publico não afluiu, em massa, ao Parque dos Principes. Mas a assistência, em numero razoável, pôde aplaudir algumas fases do jogo mais interessantes e até distinguir, com sussurros de admiração, e ás vezes com incontidos aplausos, as várias proezas cometidas pelos jogadores portugueses, que começaram por fornecer boa noção de conjunto para acabarem por chamar as atenções mercê das iniciativas de natureza individual...

*

Agora, vai disputar-se o segundo desafio, entre os dois países, no dia 3 de Março, próximo, em Lisboa. Os Franceses, que perderam os outros encontros disputados contra os Portugueses, nesta competição internacional entre equipas de militares, não se deslocam para o Estádio Nacional exibindo confiança demasiada. De maneira geral, já se contentariam em não sofrer a desvantagem de dois golos, que almejaram ontem. Reina até a impressão de que os Lusitanos, pelo menos, os forçarão a terceiro jogo, de desempate, a efectuar em campo neutral. Todavia, a equipa gaulesa encontra-se recheada de bons valores individuais, alguns dos quais com o nome bem firmado em embates de extraordinária projecção internacional. Os dianteiros possuem, mesmo, faculdades excepcionais. Um grande atractivo, pois, para o próximo desafio!

CICLISMO

Paira uma ameaça

sobre o popular desporto

Uma grave ameaça paira sobre o ciclismo lisboeta e nacional. Mais uma vez o Benfica pretende suprimir a modalidade, em holocausto ao «régio»-futebol, que em 1956 gastou milhares de contos, dos quais, uma simples «migalha» já chegaria para que o clube mantivesse um desporto que muito tem contribuido para a popularidade dos «encarnados». E' dar uma breve vista de olhos, que nem mais é preciso, pela riquíssima sala de troféus do S. L. B.!

A assembelia geral, realizada no sábado, não chegou a tomar uma decisão. Ficou para o próximo. Entretanto, o Benfica não se inscreveu nas provas da jornada de abertura e, certamente, não tomará parte na primeira corrida do campeonato, o que poderá significar a sua ausência total dele.

Desta atitude do S. L. B resultou que o Sporting, para não correr sózinho, também não se inscreveu para as competições da referida jornada. Só o modesto mas esforçado Bairro de Inglaterra fez a inscrição e, deste modo, a A. C. S. deliberou anular pura e simplesmente a jornada de abertura. Não se lhe pode levar a mal. Mas mantendo as competições em que o B. I. A. C. se inscreveu téria dado a este clube, de tão boa vontade, um prémio moral interessante e justo.

Se o Benfica continuar no ciclismo, ainda a crise se liquidará. Mas se os sócios, esquecidos de que o ecletismo do clube tem sido a sua grande razão de popularidade e representa, afinal, a razão de ser dele próprio — feito para todos os desportos e erguido por todos os desportos ao mais alto plano nacional — resolverem abandonar o ciclismo, mal irá para esta modalidade nos ultimos anos, sacudida pelos mais vigorosos vendavais. E ainda resistiu, a pobrezinha!

Cremos que a assembleia do «glorioso» acabará por, coerente consigo mesmo, votar a continuidade do ciclismo. Já assim foi há dois anos. Assim há-de ser, porque os «encarnados» não ignoram o seu papel no ciclismo. E não só no ciclismo. Em todos os desportos!

Mas os «males» não sopram só de aqui.

A Associação do Sul tornou publico que as chegadas das suas provas se realizarão na Rua de D. Rodrigo da Cunha quando os percursos sejam para o lado de Vila Franca e na Estrada da Torre, ao Lumiar, quando os itinerários sejam para o lado de Loures. A pista do estádio de Alvalade não pode ser utilizada, porque o seu proprietário, ou alguém por ele, pretende o pagamento de uma verba que é incompatível com os recursos da Associação. 300$00, parece! E todos a pensarem que os problemas das

(Continua na página seguinte)

O 17.º «NACIONAL» DE JUNIORES

O sorteio para a 1.ª fase

realiza-se hoje na Federação

Realiza-se, esta noite, na sede da Federação de Futebol o sorteio para o 17.º campeonato nacional de juniores.

A prova data de 1938-39 e, apenas, em duas épocas (1940-41 e 1942-43) não se disputou.

A primeira competição foi ganha pelo Sporting. Na época seguinte a Académica entrava, pela primeira vez, na «final», tendo sido seu adversário o Unidos do Barreiro. A vitória dos Barreirenses concedeu-lhes o título que vieram a perder duas épocas decorridas (na imediata não houve torneio) a favor do Leixões.

Mais um interregno, e o Benfica surgiu-nos na final, com êxito, que veio a repetir no ano seguinte.

Em 1945-46, o Sporting, entretanto, bisou a conquista do título. Decorridos cerca de doze meses, a Académica voltou á final mas sem lograr o apetecido triunfo, porque o Belenenses ficou campeão. Tornaram os estudantes ao jogo derradeiro, na época seguinte (1947-48) mas o Sporting frustrou-lhe, de novo, os intentos.

Duas finais Benfica-Académica

Até que em 1948-49, o Benfica e a Académica lutam, entre si, pela conquista do cetro. Era a terceira final dos Benfiquistas e a quarta dos estudantes.

Foi a 16 de Maio de 1949, antes de Portugal-País de Gales que o nosso país venceu, por 3-2. Os «encarnados» golearam os Conimbricenses e o título regressou á sua posse. Este desafio teve, porém, um prémio federativo magnífico para os dois «capitães» finalistas —um passeio á Irlanda (Eire) com a nossa selecção que perdeu por 0-1.

Mas os «briosos» não desanimaram e, no ano imediato (1949-50) encontram-se, de novo, nas mesmas circunstancias com o Benfica. Era a quarta presença dos Lisboetas e quinta dos «académicos». Desta feita, porém, os estudantes venceram. Foi a 21 de Maio de 1950, no estádio «Alvalade», tendo os triunfadores alinhado com: Morgado; Paredes e Crespo; Lucio, Torres e Bráulio; Almiro, Pimentel, Lebre, Eugénio e Sombreiro. Nesta tarde, Portugal empatou, no Vale do Jamor, contra a Escócia (2-2).

A compita Benfica-Académica não ficou por aqui, porquanto os benfiquistas, no ano seguinte, eliminavam o F. C. Porto, e o título voltava para a Rua do Jardim do Regedor.

Mas em 1951-52, a final é entre a Académica e o Portalegrense e os estudantes averbam segundo triunfo no historial da prova.

No ano posterior Belenenses volta ao ultimo jogo, mas o F. C. Porto, com uma equipa que deu brado, arrecadava o seu primeiro título.

Uma final de três jogos

Na época de 1953-54, a Académica, de novo, entra na final. O adversário foi a C. U. F. do Barreiro Três encontros foram necessários para a Académica se apoderar do título de campeão.

No ano seguinte, os estudantes entram pela 8.ª vez na final. O Benfica pela 6.ª vez. Os «encarnados» com facilidade arrebatam ao seu adversário desse dia o título que ostentava.

Resultados das finais

Eis, entretanto, os resultados das 16 finais:

1938-39	Sporting-Académica	4-0
1939-40	U. Barreiro - Académica	1-0
1941-42	Leixões-Carcavelinhos .	5-2
1943-44	Benfica-F. C. Porto	3-1
1944-45	Benfica-Espinho	1-0
1945-46	Sporting-Espinho	3-0
1946-47	Belenenses-Académica .	1-0
1947-48	Sporting-Académica	2-0
1948-49	Benfica-Académica	7-0
1949-50	Académica-Benfica	2-1
1950-51	Benfica-F. C. PPorto ...	3-1
1951-53	Académ.-Portalegrense .	2-1
1952-53	F. C. Porto-Belenenses	2-0
1953-54	Académica-C. U. F. ...	2-0
1954-55	Benfica-Académica	4-0
1955-56	Sporting-Académica	7-1

A prova deste ano

A prova deste ano, é disputada por 32 clubes, distribuidos por 2 zonas de 16 equipas, as quais ainda são subdivididas por séries de quatro e que formam uma «poule» cada.

A primeira fase tem por fim apurar o vencedor de cada série, para a segunda fase também disputada em «poule» a duas voltas. Nesta fase apurar-se-ão os vencedores de ambas as séries, que serão os finalistas.

As associações são representadas pelos seguintes numeros de clubes.

ZONA NORTE — 1.ª série — Vila Real (1); Bragança (1), Braga (1) e Porto (1); 2.ª série — Braga (1), Porto (2) e Aveiro (1); 3.ª série — Porto (2), Aveiro (1) e Viseu (1); 4.ª série — Coimbra (2) e Leiria (2).

ZONA SUL — 5.ª série — Santarém (2), Portalegre (1) e Castelo Branco (1); 6.ª série — Lisboa (2) e Setubal (1); 7.ª série — Lisboa (3) e Setubal (1); 8.ª série — Evora (1), Beja (1) e Faro (2).

Os apurados

Este ano, as associações serão representadas pelos seguintes clubes: Vila Real — Sport C. Vila Real; Porto — Leça, Salgueiros, F. C. Maia; Amarante e Sandinenses; Aveiro—Sp. Espinho e Beira-Mar; Viseu — Académico; Leiria — D. Peniche e Atlético Marinhense; Portalegre — Estrela de Portalegre; Castelo Branco — Sporting da Covilhã; Lisboa — Sporting, Benfica, Belenenses; Atlético e Oriental; Béja—Despertar; Faro—Olhanense e Farense; Coimbra — Académica e União.

EM ESPANHA

A vantagem do Real Madrid manteve-se

MADRID, 18 — Resultados dos encontros correspondentes á 23.ª jornada dos campeonatos nacionais de futebol, da 1.ª divisão: Real Sociedad, 2-Barcelona, 2; Espanhol, 1-Osasuna, 1; Real Madrid, 1-Corunha, 0; Celta de Vigo, 1--Atlético de Madrid, 0; Valência, 1--Atlético de Bilbau, 2; Saragoça, 2--Jaen, 0; Sevilha, 3-Las Palmas, 1; Condal, 4-Valhadolid, 0 (disputado ontem).

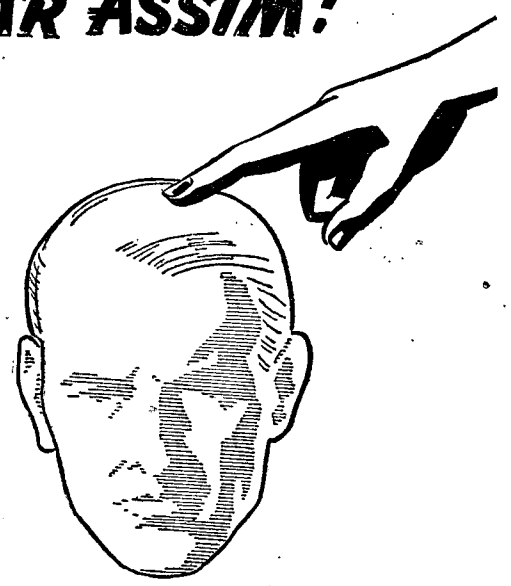
Classificação após os jogos de ontem:

Real Madrid, 34 pontos; Barcelona e Sevilha, 30; Atlético de Madrid e Atlético de Bilbau, 28; Espanhol, 24; Valhadolid e Las Palmas, 23; Osasuna e Saragoça, 22; Valência e Celta de Vigo, 20; Real Sociedad e Condal, 18; Jaen, 14; Corunha, 13. — (A. N. I. e Efe).

Benfica-Belenenses

Águas, que esteve infeliz a rematar á baliza, surge nesta gravura a tentar escapar-se a Paz, que lhe segue com atenção os movimentos, assim como Santana e Caiado

NÃO QUEIRA FICAR ASSIM!



Se o seu cabelo começa a cair,
Se nota uma paragem no seu crescimento,
Se a gola do seu casaco se cobre de caspa,
é a altura de começar a aplicar diàriamente

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Os 22 elementos activos que entram na sua composição darão uma nova vitalidade aos seus cabelos, fertilizando as raízes capilares e eliminando a caspa.

Futebol Internacional

O Belenenses tem a honra de apresentar
UMA EQUIPA INGLESA EM LISBOA
numa jornada LUSO-BRITANICA
3.ª Feira, 19 de Fevereiro às 22 horas
NO ESTADIO DO RESTELO
NEWCASTLE
uma das mais famosas equipas da 1.ª Liga Inglesa
contra a do
BELENENSES
a PREÇOS DE CAMPEONATO:
CAMAROTES—35$00 por pessoa; CENTRAIS—40$00 e 25$00; LATERAIS—25$00 e 20$00; CABECEIRA SUL—17$50; e CABECEIRAS NORTE SUPERIOR—12$50; SÓCIOS—10$00, 8$00 e 6$00.
LOCAIS DE VENDA — Sede e Secretaria do Belenenses; Parque Mayer, das 14 às 22 horas; Agências A. B. E. P.—Praça dos Restauradores; DAVILA—Rua Eugénio dos Santos; ABELHA—Av. de Roma e no dia do Jogo, no RESTELO a partir das 18 horas

CIGARRILHAS E CHARUTOS
KAREL I
MAIS SUAVES E AROMATICOS

Relógio de Precisão
LONGINES
Milhões em uso nas CINCO partes do Mundo

Panorama
do futebol internacional

O profissionalismo alastra por toda a parte. Melhor se diria, no entanto, que a verdade começa a vir inteiramente á superfície, após muitos anos de «mascarada». A Itália já adoptou o regime e o mesmo havia feito a Holanda. Na Imprensa estrangeira tem aparecido ultimamente notícias que atribuem aos dirigentes austríacos, jugoslavos e hungaros o propósito de implantarem o profissionalismo nos seus países. Parece ser a Jugoslávia que dos três, dará primeiro o grande passo...

* * *

Promete constituir um grande torneio internacional o que se realizará em Paris, no próximo mês de Junho, por ocasião do 25.º aniversário do Racing. Está já assegurada a presença do Rapid de Viena e do Real Madrid, e prevê-se a comparência de um dos mais famosos «teams» sul-americanos e do Florentina ou do Milão. A prova realizar-se-á de 9 a 16 daquele mês, no Parque dos Príncipes.

* * *

Os Italianos fazem os maiores esforços no sentido de comprovar a ascendência transalpina do famoso jogador brasileiro Dino da Costa, presentemente ao Bolonha. Recentemente, o dr. Pascuale, presidente do Comité de Selecção, assistiu a um encontro do grupo bolonhês com o unico propósito de observar se Dino tem, realmente categoria para ser seleccionado, no caso de vir a naturalizar-se. So isso for possível, é quase certo que Dino jogará no dia 25 de Abril contra a Irlanda do Norte...

* * *

O «caso Honved» parece ter passado de moda... As notícias mais recentes são de que o Flamengo pretende ficar com o «goleiro» Grocsis, oferecendo-lhe 30.000 cruzeiros por mês, e de que a Camara de Comércio Uruguaia, tendo estudado a situação dos jogadores magiares, ia dirigir-se ás autoridades solicitando asilo político para todos os que dele quisessem beneficiar.

* * *

Os profissionais ingleses não estão satisfeitos. Choca-os, e com muita razão, as diferenças substanciais que existem entre as suas remunerações e as dos jogadores continentais e exigem um maior quinhão nos avultados lucros dos clubes. O que se passou no recente Manchester United-Bilbau pode ter sido o começo de uma profunda «revolução». Na verdade, o prémio de 240$00 concedido a cada um dos manchesterianos é verdadeiramente ridículo quando comparado com o que auferem os elementos do lado de cá do Canal.

* * *

No Uruguai faleceu há pouco uma das maiores figuras do futebol mundial de todos os tempos. Trata-se de Gertido, que foi campeão olímpico em 1928 e campeão do mundo em 1930. Era o médio-esquerdo da mais famosa equipa «celeste» de todos os tempos, jogador da mais alta categoria. Presentemente era coronel do exército do seu país.

* * *

O Brasil mantém a política de se fazer representar nas competições de menos vulto por equipas de determinadas regiões. Assim, para defrontar o clube em disputa da taça «O' Higgins» a selecção brasileira será formada exclusivamente por jogadores de Pernambuco. A riqueza de valores do futebol do Brasil dá para isto e para muito mais.

* * *

Enquanto os clubes europeus procuram jogadores no Brasil, os brasileiros buscam reforços noutros países. O Paraguai está de momento na moda:.. Assim, a Portuguesa de S. Paulo acaba de contratar o médio de ataque, Figueiredo, do Libertad, e o interior-médio Ocazar, do Sol de América.

* * *

O Manchester United continua a ser o grande acontecimento do futebol europeu. Os seus êxitos sucedem-se em todo o sentido e os seus lucros são cada vez maiores. No seu famoso estádio de Old Trafford, o clube de Busby vai introduzir importantes melhoramentos. Um deles é a iluminação do recinto, segundo os métodos mais modernos, mas altamente dispendiosos. Diz-se que só as lampadas custarão... 3.200 contos!

* * *

Stanley Mathews, o famoso jogador inglês, foi recentemente homenageado por ter completado 42 anos de idade e continuar, ainda, em actividade. Mais do que isso, Matthews segue indiscutível na equipa nacional, no mais espantoso caso de longevidade de que há memória em todo o Mundo.

Ciclismo

(Continuação da página anterior)

chegadas, que são ás vezes prejudiciais ao próprio Sporting, se resolveriam com a reinauguração da pista!...

Enfim, o ciclismo está «doente»...

O desentendimento é completo. Os corredores já se dão ao luxo de ter opiniões sobre temas que competem exclusivamente ao conselho técnico e elementos com responsabilidades vêm a publico dizer que há corredores que sabem mais que os técnicos!

Não há forma de se saber o que resolve o C. T. da F. P. C. acerca do preparador das equipas para a Volta á Espanha — que é já em Abril — e para a Volta á França. Temos a impressão de que uma onda de descrença também sobre a modalidade e que os homens de boa-vontade que militam nela se verificam incapazes de a deter.

A situação mostra-se, pelo menos, confusa.

Entretanto, podemos garantir que está firmemente definida a ida de uma equipa nacional á «Vuelta». A Federação Portuguesa usou da necessaria energia junto da organização e impôs, como era legítimo, o seu ponto de vista. Portugal, portanto, estará representado na grande prova espanhola por uma equipa de nove ciclistas.

E volta á baila o caso do Benfica. Se os «encarnados» abandonarem a modalidade e os seus corredores não conseguirem clubes para representar, ficam ainda mais limitadas as possibilidades de se constituir um grupo forte.

Não há duvida de que o começo da temporada velocipédica de 1957 se apresenta alarmante. Quem tal diria no final eufórico da época de 1956!...

"Figuras dos Estádios"
Uma colecção de Arte e Desporto
para todas as idades e cores clubistas
Compre ao seu vendedor de jornais ou na tabacaria mais próxima.

«Diário de Lisboa»
O Clube Sportivo de Pedrouços, reunido em assembleia geral, no dia 28 de Janeiro findo, aprovou um voto de louvor e de agradecimento ao «Diário de Lisboa.

* /

O Lisboa Ginásio Clube agradeceu-nos a colaboração prestada na organização do sarau que organizou no Coliseu dos Recreios e o qual alcançou assinalado êxito.

O SEU AUTOMÓVEL ESTÁ EMPANADO?
Utilize os serviços da Garagem AJUDAUTO, LDA., que possui secção de desempanagem todos dias até ás 0 horas (incluindo domingos e feriados) e um serviço permanente de Pronto Socorro com chamadas a qualquer hora.
AJUDAUTO, LDA. — Rua Damião de Gois, 18-E. Telefone 610051

'ASPRO' faz parte da tradição inglesa
-e orgulha-se disso!

ASPRO - NICHOLAS LIMITED — SLOUGH, BUCKINGHAMSHIRE, INGLATERRA

Comentários dos jornais de Paris
ao França-Portugal entre militares

PARIS, 18.—A Imprensa desportiva parisiense, nos seus comentários ao encontro de futebol militar França-Portugal, pensa, em geral, que teve interesse e que o resultado é lógico.

O jornal desportivo «Equipe» escreve: «O Exército francês dominado por momentos, alcançou uma vitória legítima. Os jogadores portugueses revelaram-se superiores aos nossos com os seus passes curtos, rápidos, hábeis, contemporizaram demasiadamente nas imediações das nossas redes, enquanto que os nossos mostraram nesta ordem de ideias eficácia bem maior. O defesa central Arcanjo e o guarda-redes Vital jogaram um desafio de grande classe...».

Para o comentador do «Aurore», «a vitória por 3-1 dos Franceses era normal. No entanto, o resultado do jogo esteve por muito tempo indeciso porque o ataque francês viu-se a braços com uma equipa cuja mobilidade é notável, rápida no ataque e de que a defesa implicava um trabalho enorme e era animada por um grande «back» central, Arcanjo».

O repórter desportista do «Parisien Libéré» afirma: «Os Portugueses leves, rápidos, ardorosos e combativos, evidenciaram-se bastas vezes, conseguindo contra-ataques bastante perigosos em cuja origem se destacava sobretudo o ponta Duarte. Mas a superioridadedos Franceses nunca foi posta em duvida».

Finalmente, o «Franc-Tireur» sublinha: «Foi um desafio de boa marca em que os tricolores, graças á sua excelente linha de ataque, proporcionaram um jogo rápido bem estudado e que poderia haver terminado por um sucesso ainda maior não fora o brio da defesa dos Lusitanos».—(F. P.).

Assembleias gerais

Reune-se amanhã a assembleia geral ordinária do Sport Clube Amoreiras.

HÓQUEI EM PATINS

Por intermédio da secção respectiva, o Sport Lisboa e Benfica vai organizar um torneio interno de hóquei em patins, a fim de criar, entre os jovens, o gosto pela modalidade.

OS FATOS USADOS
de homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex.ª tem para vender, será pago conscienciosamente. se nos chamar pelo T. 663031.
R. S. Bento, 58 e 60

GINÁSIO DO SUL

Para presidir á assembleia-geral, direcção e conselho fiscal do Ginásio Clube do Sul, de Cacilhas, foram eleitos, respectivamente, os srs. João Isidoro da Silva, Fernando Miranda Barão e Ricardo Vitorino Quaresma.

Contos de Futebol

O Chico levou a mulher ao futebol

Por **Esmeralda Rocha**

O seu clube, o Estrela, o mais popular do País, o que tinha mais sócios e simpatizantes, disputava, nesse domingo, um encontro de muita importancia. O Chico disse para sua mulher, a jovem e meiga Luisa:

—Arranja-te, que vamos hoje ao futebol!

Os dirigentes do clube não deixariam de lhes arranjar os dois bilhetes. Porque o Chico fôra um notável jogador do Estrela. Em duas épocas conquistara o ceptro do melhor marcador português e os seus êxitos haviam justificado belos títulos de campeão. Depois, numa tarde de inverna, sofrera grave acidente, que o condenara para a prática do futebol. Casara-se com a linda e amorável Luisa e nunca mais frequentara a sede do clube, passando a viver exclusivamente, mergulhado no esquecimento, do seu trabalho, o de mecanico de automóveis. Já lá iam três anos!

* * *

A multidão formigava ás portas do imponente estádio. Formavam-se extensas «bichas». Os cavalos, montados pelos guardas, infundiam respeito. Por todos os lados se ouviam pregões. Fazia-se bom negócio! O ambiente era, ao mesmo tempo, de nervosismo e alegria.

Chico, segurando, quase com desespero, sua mulher, encontrão para aqui, paragem brusca acolá, começou a sentir saudades daquela atmosfera febril. Mas não ali: lá dentro, no terreno da luta...

Conseguiu, finalmente, chegar junto de um porteiro:

—Sou o Chico. Desejava falar a um senhor dirigente do Estrela...

—Chico quê?

—Fui jogador do clube...

—Ah! Recordo-me agora...

Chico esperou uns vinte minutos. O desafio estava quase a começar... Até que surgiu um sujeito de óculos de aro de ouro, muito aborrecido, muito agitado, muito inconformado:

—Então, que há?!

—Sou o Chico e esta é a minha mulher. Desejávamos assistir ao jogo...

—Mas qual Chico? Quem é, afinal, o senhor?!

—Fui jogador do Estrela... Deverá recordar-se de mim...

—Ah! Sim!... O Chico...

O sujeito de óculos explodiu. Andava, decididamente, com azar. Agora é que se lembrava de uma coisa daquelas, hem?! Além disso, não estava na sua alçada permitir a entrada de antigos jogadores, em dias de tal movimento. Para mais, ocorriam-lhe os rumores que sobre o Chico haviam circulado. Fingira-se magoado, para «levar o clube á certa»... Bem! Soubera-se, mais tarde, que semelhantes boatos não correspondiam á verdade... Mas... Paciência! Que fosse o que Deus quisesse! Que entrasse lá, mais a sua mulher... Mas jurava que seria a ultima vez que se arriscaria a tanto...

Chico, sem dizer palavra, com os lábios a tremer de cólera, entrou a custo e a custo se acomodou nas bancadas. A Luisa choramingava.

—Não te aflijas! Aquele tipo precisava que lhe fizesse voar os óculos com um sopapo!

* * *

«Nos meus tempos»... O Chico voltou a ter saudades. O Estrela empatara, com extrema dificuldade, porque não tivera avançados realizadores. Nos seus tempos, Chico não perdoava. Tinha, na verdade, um remate poderoso e certeiro.

—Que «anjinhos»!...

A multidão chegara a protestar, cheia de ira. Adeptos afogueados e impetuosos do Estrela, quando a derrota parecia iminente, não hesitaram, até, em reclamar, em alta gritaria, a expulsão do técnico e dos dirigentes responsáveis. Os jogadores eram frequentemente vaiados.

—Nos meus tempos, nunca isto sucedeu, Luisa! Todos queriam abraçar o Chico... Todos aplaudiam e acarinhavam o Chico...

* * *

Mas o empate já fôra o suficiente para que o Estrela conquistasse o título de campeão. De maneira que a enorme falange dos seus adeptos exultou, dando largas a exuberante e ruidoso jubilo.

Chico e sua mulher, estreitamente enlaçados, foram empurrados, para fora do estádio, por uma verdadeira vaga humana, ébria de alegria.

—Estrela! Estrela !Estrela!...

Agitavam-se bandeiras, com frenesi. Estralejavam foguetes.

Chico e Luisa encostaram-se a uma parede.

—É melhor esperarmos que eles passem...

Um homem adiposo, de largas bochechas rubicundas, mirou de soslaio o jovem casal:

—Que estão vocês para aí a fazer?! Venham connosco! Querem uma pinga?!

Chico e Luisa recusaram, polidamente.

O homenzarrão encolheu os ombros e deu uns passos, até que estacou, de novo, a resmungar:

—Raios me partam se aquele tipo não se parece com o grande Chico!

Mas a onda humana era irresistível e o antigo admirador não tardou a ser engolido por ela.

Chico e Luisa estavam tristes e cheios de pressa de chegar a casa. Os olhos marejaram-se-lhes de lágrimas rebeldes.

A multidão continuava a gritar, infatigávelmente, nervosamente, implacávelmente:

—Estrela! Estrela! Estrela!...

CAMPEONATO DA 3.ª DIVISÃO

Os jogos da 4.ª jornada

Zona A —1.ª Série — «Os Limianos», 3-Vila Real, 2; F. C. Fafe, 6-Régua, 1. Por motivo do mau tempo, foi adiado o jogo Bragança-Sporting de Fafe. Classificação: F. C. Fafe, 6 p. (7-2); Limianos, 6 p. (8-5); Sp. Fafe, 4 p. (10-2); Vila Real, 4 p. (9-7); Bragança, 2 p. (3-6); Régua, (3-19). Mais um exito dos clubes minhotos.

Zona A — 2.ª Série — Académico do Porto, 5-Beira Mar, 2; Oliveirense, 7-Rio Ave, 0; Pejão, 2-Leça, 1. Aveiro contra o Porto. Apenas o Beira Mar perdeu e por um resultado que surpreende. As outras equipas aveirenses tiveram vantagem. Os beiramarenses perderam a posição de guias. Classificação: Académico, 6 pontos, (18-7); Oliveirense, 6 p. (11-3); Beira Mar, 5 p. (6-7); Leça, 4 p (4-4); Pejão, 3 p. (5-12); Rio Ave, 0 p. (4-15).

Zona B — 3.ª Série — Unhais da Serra, 9-Sp. Gouveia, 0; Académico de Viseu, 1-Castelo Branco, 0; Mortágua, 1-Lusitano, 0. Classificação: Académico Viseu, 7 p. (9-2); Castelo Branco e Benfica, 6 p. (25-3); Mortágua, 6 p. (9-2); Unhais da Serra, 3 p. (11-7); Lusitano de Vildemoinhos, 2 p. (5-10); Sporting de Gouveia, 0 p. (1-26). O Académico, vencendo, no jogo de mais importancia, ficou isolado no comando da prova.

Zona B — 4.ª Série — Naval, 6-Norte e Sousa, 0; Ateneu de Leiria, 5- S. L. Marinha, 1; «Os Marialvas», 4-Marrazes, 1. Classificação: Ateneu de Leiria, 7 p. (13-2); S. L. e Marinha, 4 p. (6-9); Naval 1.º de Maio, 4 p. (9-7); Marialvas, 4 p. (9-8); Marrazes, 2 p. (3-7). Todos os jogos terminaram com resultados sensacionais, atendendo á sua expressão. O Ateneu está a evidenciar-se grandemente.

Zona C — 5.ª Série — Alhandra, 1-Torres Novas, 1; Alcanenense, 1-Aguia Vilafranquense, 5; Ferroviários, 3-Benavente, 1; Classificação: Aguia Vilafranquense, 6 p. (11-7); Alhandra, 5 p. (8-4); Ferroviários, 5 p. (7-8); Torres Novas, 3 p. (8-7); Alcanenense, 3 p. (7-11); Benavente, 2 p. (7-11). Os torrejanos alcançaram bom resultado e o Aguia voltou a isolar-se no comando da classificação.

Zona C — 6.ª Série — Costa de Caparica, 2-Luso do Barreiro, 1; Sintrense, 2-Cova da Piedade, 1; Seixal, 2-Sacavenense, 1. Classificação: Seixal, 7 p. (6-3); Cova da Piedade, 4 p. (5-5); Sacavenense, 4 p. (5-6); Costa de Caparica, 4 p. (6-7); Sintrense, 3 p. (5-6); Luso do Barreiro, 2 p. (5-5). O Seixal aumentou o seu avanço. Os piedenses sofreram um percalço em Sintra.

Zona D — 7.ª Série — «O Elvas», 6-S. L. Evora, 1; Vendas Novas, 2 -Estrela de Portalegre, 2. Classificação: «O Elvas», 8 p. (13-3); Campomaiorense, 4 p. (6-4); Portalegre, 2 p. (3-4); Vendas Novas, 2 p. (6-9); S. L. e Evora, 1 p. (3-11). Superioridade nitida de «O Elvas», ao qual o Campomaiorense deverá acompanhar na outra fase.

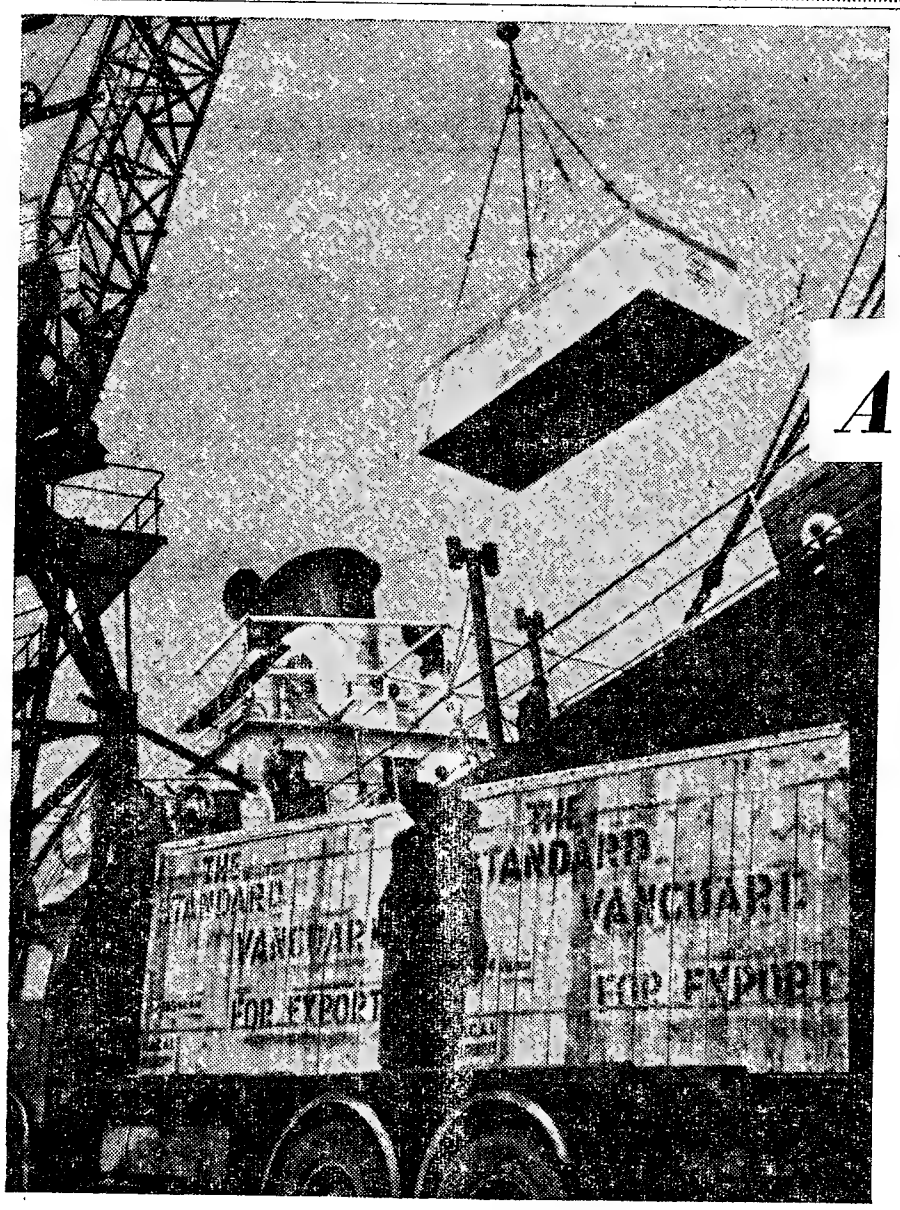
Zona D — 8.ª Série — Sambrasense, 2-Aljustrelense, 0; F. C. Serpa, 2-Esperança de Lagos, 0; S. Domingos, 3-Lusitano de Vila Real de Santo António, 3. Classificação: F. C. Serpa, 7 p. (13-4); Lusitano, 6 p. (13-5); Sambrasense, 5 p. (11-10); S. Domingos, 3 p. (12-16); Esperança de Lagos, 2 p. (5-13); Aljustrelense, 1 p. (4-10).O Lusitano obteve excelente resultado nas Minas de S. Domingos. O F. C. Serpa ficou isolado na posição de guia.

SOFRE DE AZIA, MÁS DIGESTÕES, FIGADO, RINS, PRISÃO DE VENTRE?

CHAS MEDICINAIS **HERBIS**

PREPARADOS SEGUNDO FÓRMULAS DO DR. E. RICHTER, DE MUNICH (ALEMANHA)

11 FÓRMULAS — 11 QUALIDADES — 11 INDICAÇÕES

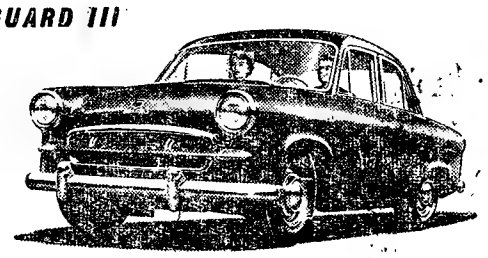


STANDARD CARS

Através do Mundo...

Das suas três grandes fábricas em Coventry, Inglaterra, vão os productos da Standard Motor Company para as suas fábricas de montagem na Europa, África, Austrália, Ásia e América do Sul, e para a sua cadeia mundial de distribuídores em todos os continentes As qualidades robustas e dignas de confiança dos carros Standard e Triumph ganharam-lhes uma grande reputação em todas as partes do mundo, uma reputação que é reflectida nas organizações, sempre crescentes, ultramarinas da Standard Motor Company.

STANDARD VANGUARD III



Standard de Coventry

GONDE BARÃO LDA. • AVENIDA 24 DE JULHO, 62-64 • LISBOA

Otto Glória diz...

*** O diploma de instrução primária para os jogadores de futebol.**

*** O arbitro do encontro de ontem, em Paris, permitiu aos franceses o jogo à margem das leis.**

* * *

Contra todas as previsões e surpreendendo mesmo os próprios responsáveis, a selecção militar francesa obteve o seu primeiro triunfo sobre a sua congénere portuguesa. Depois de grande expectativa quanto ás condições climatéricas, em virtude das chuvas, a tarde apresentou-se magnífica, apesar dos 4° negativos que quase não se faziam sentir. Surpreendentemente, e apesar das recomendações que fizemos, a nossa representação (a exemplo do que já aconteceu com o Benfica no encontro realizado no Maracaña contra o grupo uruguaio do Peñarol) deixou-se induzir pela manobra ardilosa levada a efeito pelos franceses, descontrolando-se e procurando responder ás violentas entradas dos nossos adversários. Essa preocupação provocou um grande descontrôle nervoso, aumentado extraordinariamente pela fraca actuação do árbitro que, complacentemente, permitiu o abuso das jogadas á margem das leis, algumas mesmo tendo jeito de autênticas agressões sem a bola. A primeira fase ainda foi bastante equilibrada, mas, na etapa final, os nossos antagonistas foram nitidamente superiores, merecendo a vitória. A turma portuguesa exibiu-se verdadeiramente de maneira decepcionante, não conseguindo nunca alcançar um nivel de produção aproximado daquele que normalmente pode atingir. Alguns jogadores que são reconhecidos como verdadeiros «ases» foram bastante infelizes. Em contraposição, os Franceses actuaram em dia de excepcional acerto, contando ainda com o beneplácito do árbitro belga. Chega-nos, no entanto, a surpreender verdadeiramente a excessiva violência empregada além das jogadas desleais e mal intencionadas. A equipa francesa, integrada por alguns elementos de real valor e constituindo excelente conjunto, não necessita de empregar tais recursos. Sob este lamentável aspecto, o encontro foi feio e sem interesse. Além desse contratempo, tivemos a infelicidade de ter como árbitro um indivíduo que não tem a noção do que seja interpretação das leis de jogo, nem tão-pouco evidenciou qualquer dose de autoridade. E se é verdade que a sua desastrosa actuação não teve influência no resultado do jogo, pois, como já dissemos, os Franceses estiveram sempre em plano superior, não é menos certo que deixou de assinalar duas penalidades máximas, por faltas praticadas dentro da área de rigor sobre Coluna e Hernani, as quais se fossem marcadas influiriam, decerto, no resultado. A representação portuguesa preocupada com a excessiva violência não actuou como sabe e pode. A defesa, com realce para Arcanjo, ainda procurou cumprir, mas os atacantes estiveram simplesmente irreconhecíveis, não produzindo em toda a partida um esquema de jogo sequer, nem jogaram com objectividade. Mesmo assim, o desafio agradou ao numeroso publico, pela movimentação e espírito de luta de alguns jogadores.

De qualquer forma, uma jornada infeliz, com uma derrota que não estava prevista nos cálculos de ninguém e a certeza de que temos de trabalhar ainda mais para conseguirmos desforrar-nos no próximo dia 3 de Março. E até segunda-feira, se Deus quiser.

* * *

Diante da louvável atitude das altas autoridades governamentais, exigindo que os jogadores de futebol sejam obrigados a apresentar o diploma de instrução primária, dentro de um prazo previamente estabelecido, não podemos deixar de lançar daqui o nosso veemente apelo aos dirigentes dos nossos grémios desportivos, no sentido de colaborarem da maneira mais directa e objectiva possivel, para que tão benéfica quão altruista iniciativa alcance o êxito que merece. Efectivamente, não podemos conceber que os homens que têm a espinhosa e importante missão de dirigir a mocidade no sector da cultura física, através dos clubes desportivos — especialmente no futebol, cujos praticantes, em nosso meio, derivam quase sempre das camadas sociais mais modestas — não atentem, detidamente, em tão magno problema. E' por demais sabido que a prática desportiva, embora sendo dependente das qualidades naturais do indivíduo (e, no caso presente, continuamos a dizer que o futebol é uma arte), tem os seus mais destacados praticantes nos atletas de nível intelectual mais elevado. Ora, sendo assim, além das inumeras outras vantagens que se oferecerão, terão os clubes a oportunidade de conseguir um grau de aproveitamento muito mais acentuado da maioria dos seus jogadores. Como exemplo frisante da asserção, citamos as equipas representativas da Académica de Coimbra, que mesmo não podendo seguir um regime de trabalhos idêntico ao usado nos outros clubes, consegue apresentar, quase sempre, turmas que se igualam ás melhores do País. Cabe, pois, aos clubes, auxiliar o trabalho dos governantes (e podemos dizer que o Benfica já faz isto há 2 anos com o mais absoluto êxito), obrigando ós seus jogadores menos instruidos a prestar, pelo menos, o exame da 4.ª classe. Pode ser que alguém discorde do nosso ponto de vista, mas sempre temos dito que também respeitamos e ouvimos as opiniões dos outros, sem que, no entanto, as endossemos. E, por isto mesmo, juntamos os nossos calorosos aplausos aos muitissimos que por certo têm festejado tal iniciativa, na certeza de que, como já dissemos, ela contribuirá, poderosa e eficientemente, para um melhor desenvolvimento dos jovens futebolistas.

NA TAPADINHA

O tempo negou ao Atlético a sua solidariedade

No festival de solidariedade efectuado, ontem, na Tapadinha, só não foi solidário o tempo, que afastou das bilheteiras uns bons milhares de escudos — razão fundamental da organização.

Dois desafios, num programa só, com a constante ameaça e por vezes certeza de chuvadas gélidas a perturbar a saude de cada um — foi, também, razão fundamental do afastamento do publico e, consequentemente, da pouca sorte do Atlético, um clube que parece ter iniciado a presente época sob mau signo.

Lamentando o sucedido que afectou, certamente, a popular colectividade de Alcantara e ofuscou o brilho da solidariedade manifestada pelo Benfica, Belenenses e Torriense, lamentamos, também, a perda de um espectáculo, que em condições mais favoráveis poderia ter saído um pouco da insipidez das jornadas de futebol particular — em que o publico raars vezes pega...

Com sol em vez de chuva e, portanto, outra benignidade de clima — chegaria, talvez, para hoje estarmos ao lado de uma multidão não arrependida de ter contribuido com a sua solidariedade a um clube de bairro, mas de Bairro grande.

E' que, mesmo com chuva e sem sol, assistimos a alguns períodos de jogo agradável do Atlético perante um Torriense de certo modo enfraquecido. O ultimo quarto de hora da primeira parte, por exemplo, proporcionou aos alcantarenses uma desenvoltura de jogo em grau de aperfeiçoamento justificativo dum triunfo bem merecido.

Por seu turno, o Belenenses e Benfica, numa partida não despida de interesse, pois, além da expectativa sempre grande do embate entre os mais fortes, havia uma novidade experimental, inédita entre nós, proporcionaram noventa minutos de agradável execução. Na primeira metade, com mais clareza por banda dos «azúis» — e, depois do intervalo, com mais insistência ofensiva dos «encarnados», acompanhada duma série de golos perdidos, tudo justificando, afinal, um resultado, que tanto pode satisfazer uns, que tudo souberam aproveitar, adaptando-se ás circunstancias do momento... — como desesperar outros que não atinaram com o novo estilo e foram perdulários, deitando fora todas as riquezas criadas em frente das balizas.

Aqui está em acção o melhor joga dor em campo no encontro Benfica -Belenenses disputado ontem na Tapadinha: António José. Santana e Cavém saltam com ele, mas o perigo foi aliviado, desta vez com os punhos

A lei do «off-side» resistiu...

(Continuação da 1.ª página)

cia foi tentada em França, entre duas equipas de técnicos da modalidade e na presença de dirigentes responsáveis e dos mais categorizados críticos de futebol. Os resultados foram pura e simplesmente negativos. Mas nós também haveriamos de ter a nossa experiência.

O homem moderno está cada vez mais insatisfeito. Vive-se hoje com a preocupação constante de uma evolução feita em qualquer sentido, inclusive para a retaguarda. A ideia que se faz da evolução, que é um dos tormentos dos nossos dias, obriga o individuo a deixar de lado muitas outras virtudes, sem duvida mais indispensáveis á sua vida espiritual, e sem as quais a evolução —assim o julgamos—é uma expressão vazia de significado, quando não perigosa.

Claro que não se faz a condenação do legítimo anseio de um permanente reajustamento, isto é, de um anseio da evolução, condena-se, sim, a confusão que se faz entre mudar e evoluir. Mudar só por mudar, por capricho, insatisfação ou por ser moda, não é aconselhável. E também não é evolução.

Tudo isto se pode relacionar com este caso do futebol, que tanto pode ser jogado com a lei do «off-side», como sem ela, com a diferença que se ela agora pudesse ser abolida, hipótese em que não acreditamos, haveria que rever muitos problemas de ordem técnico-táctica e também criar nova mentalidade nos praticantes.

A experiência da Tapadinha divertiu imenso o publico, um tanto pela inadaptação dos jogadores, mas, acima de tudo, pelo ódio que ele tem ao famigerado «off-side». Se os avançados do Benfica e do Belenenses houvessem dado ouvidos aos «conselhos» dos que estavam a jógar por fora, a lei do «off-side» não só teria sido desrespeitada, como foi, mas também espesinhada, esfrangalhada e ridicularizada, porque o publico foi á Tapadinha para se vingar!

Não pode negar-se que o sistema deu uma nota de alegria e movimentação ao desafio, principalmente por causa do processo de reposição da bola em jogo, mas não esqueçamos também que o facto de ser diferente já pode enganar os nossos olhos. Com a rotina, ou seja, quando o praticante estivesse mentalmente preparado para a função e houvessem sido criadas tácticas para dar eficiência ao sistema e outras para o anular, talvez que até essa nota espectacular desaparecesse.

Para já, se a lei do «off-side» fosse abolida, as equipas teriam que ir em busca de um novo padrão de guarda-redes, um homem treinado nas artimanhas do rugtebi e da luta livre, forte e possante e nada impressionável com a presença muito chegada de certos avançados... E não se passaria sem um árbitro junto de cada baliza, uma vez que de cada confusão pode sair um golo. Do que não pode haver duvidas é que se entraria no período aureo dos guarda-redes.

Sinceramente, não vemos que a experiência tenha dado bom resultado. Se já se jogasse sem «off-side», talvez também não houvesse razão para mudar. O que está parece ser melhor. Nem sequer se marcam mais golos porque o Benfica não conseguiu marcar nenhum e o Belenenses também não foi além da sua marca habitual.

De início a arbitragem também ensaiou um novo sistema, que consistia na colocação dos dois fiscais de linha do mesmo lado, cada qual encarregado de metade do campo, e o árbitro vigiando todo o outro lado. Mas depois do intervalo passaram para sistema diagonal, que é o habitual. Os erros que se verificaram nada têm que ver com o sistema...

LUIS ALVES

Campeões de jogar

(Continuação da 1.ª pág.)

resse tem sido invulgar, assegurando uns «Internacionais de excepcional importancia.

A presença da jogadora inglesa, miss Angela Ward é o grande atractivo. Repare-se no seu «palmarés»: campeã junior de Inglaterra de 1955; componente da equipa de Inglaterra que em 1956 disputou a «Curtis Cup», contra a América; finalista do Campeonato Internacional da Noruega em 1955 e vencedora dos Campeonatos da Alemanha em 1955 e da Escandinávia em 1956.

Outra atracção: a presença de miss Vanda Rosa (italiana), finalista do campeonato italiano de 1951 e 1954, campeã da Austria, em 1956 e de Portugal em 1955 e 1956. Com estas jogadoras estarão, ainda, M.me Miriam Velge, (belga), Mrs. Edith Woodcock (inglesa), M.me Maurice Vancgnez (belga), Monica Rankin e Betty Burningham (inglesas) e Vera Nobre da

ico

de Bairro

uva e sem
períodos
tlético pe-
certo mo-
no quarto
parte, por
nos alcan-
ra de jo-
içoamento
bem me-

enenses e
não despi-
m da ex-
do emba-

m na Ta-
z com

avia uma
édita en-
noventa
execução.
mais cla-
is» — e,
mais in-
encarna-
série de
tificando,
tanto po-
udo sou-
ndo-se ás
nto... —
que não
ilo e fo-
fora to-
m frente

ATLÉTICO-TORRIENSE — Correia antecipa-se a José Manuel (Jaburu) e anula assim uma tentativa de golo do Torriense, na segunda parte do primeiro desafio de ontem da Tapadinha

HÓQUEI EM PATINS

A «Taça de Honra» do Sul

começa na sexta-feira

Começa na próxima sexta-feira mais uma «Taça de Honra» da Associação de Patinagem do Sul, que na época 1955-56, foi ganha, brilhantemente, pelo Benfica.

Inscreveram-se 19 clubes, ou seja, apenas, menos 3 que os filiados na Associação. Esses três são: Maristas, Azeitonense e Sacavenense.

Entretanto, e pelo que resulta da respectiva regulamentação, a prova divide-se em duas fases: a primeira é reservada aos clubes da 1.ª divisão, classificados de 5.° a 10.° lugares no ultimo campeonato do Sul e todos os clubes da 2.ª divisão. E' disputada por eliminatórias em uma só «mão» com o fim de apurar quatro clubes para a segunda fase, em que tomam parte, além destes, os primeiros quatro classificados do ultimo campeonato regional (Benfica, C. Ourique, P. Arcos e Sintra). Esta fase realiza-se em «poule» numa só volta.

Como a cedência do Pavilhão dos Desportos não foi possível, o torneio desenrolar-se-á na pista do Parque Mayer, o que não corresponde á posição que o hóquei patinado, actualmente ocupa no desporto nacional.

O sorteio dos jogos

Feito o sorteio dos jogos para a primeira fase, a jornada inaugural comportará os seguintes desafios: Ateneu Lisboa-Hóquei C. Belém; Futebol Benfica-Cuf; Mundet-Sporting Torres; e Académica da Amadora-Sporting Clube de Portugal.

Nesta ronda há a destacar o facto da Cuf defrontar o campeão da 2.ª divisão e que, por esse motivo, este ano, fará parte do campeonato maior, de onde, aliás, esteve arredado, apenas, uma época.

Por seu turno, o Sporting, o clube que voltou a época passada ao hoquei patinado terá de enfrentar a Académica da Amadora que, pela circunstancia de ter ficado em ultimo lugar na prova da 1.ª divisão, de 1955-56, fará parte na próxima competição, do elenco da 2.ª divisão. Como a Académica da Amadora e o Sporting são consideradas as maiores forças dessa prova, o desafio entre elas está a despertar grande interesse.

Finalmente, Ateneu e Hoquei de Belém, dois adversários que se conhecem bem, jogarão entre si; e a Mundet parece ter a facilidade de se bater com os «leões» de Torres Vedras, conjunto menos experimentado que o dos Seixalenses.

No dia 26 (terça-feira), jogam-se os encontros da segunda eliminatória. O Lisgás terá como adversário a Educação Física, de Torres Vedras; a Liga de Algés bater-se-á com a Naval Setubalense e, a fechar, a Desportiva de Oeiras joga com o Parede.

Por ultimo, no dia 1 de Março, será a eliminatória derradeira, com os encontros: vencedores do Lisgas-Sp. Torres c. vencedores Algés-Naval; vencedores do Ateneu-Hoquei Belem c. vencedores F. Benfica-Cuf; vencedores da Académica Amadora-Sporting c. vencedores Mundet-Sp. Torres; e vencedores de Oeiras-Parede c. Cascais, o quinto classificado do ultimo campeonato regional e que por o numero de inscritos ser impar ficou isento do sorteio.

es de Golfe

gam no Estoril

pág.)

sseguran-
e excep-

inglesa,
grande
eu «pal-
e Ingla-
da equi-
1956 dis-
contra a
mpeonato
em 1955
natos da
Escandi-

ença de
a), fina-
iano de
Austria,
1955 e
estarão,
(belga),
inglesa),
(belga),
Burnin-
obre da

Costa, Salette Sousa e Melo e Bárbara Brito e Cunha (portuguesas).

Do lado dos jogadorese temos que citar, em primeiro lugar, o americano Murray, os ingleses B. Lennox, J. J. Colins, Easby e John Burningham, o alemão Tissias e o belga Velge, que se deslocaram propositadamente para o nosso país, a fim de participarem na prova. Por ultimo, os melhorese portugueses não deixarão de estar presentes.

Os adeptos da modalidade estão, por conseguiinte, de parabens.

Festival nocturno

no Futebol Benfica

No dia 27 do corrente, o Clube Futebol Benfica promove, no seu campo, um festival nocturno de futebol de homenagem ao treinador José do Carmo. Realizam-se os desafios Futebol Benfica-Casa Pia e Belenenses-Sporting (reservas).

2.ª DIVISÃO — TORNEIO DA ZONA SUL

Só na última jornada

se apurarão o 2.°, 3.° e último classificados

Tudo ficou complicado na zona Sul. Só na ultima jornada se conhecerão o 2.°, 3.° e ultimo classificados! Vão, pois, jogar cartada decisiva: Coruchense, Olhanense e Montijo, para os postos principais (o Desportivo de Beja, perdendo em Portalegre, ficou arredado da qualificação para a fase final) e o Estoril Praia, «Os Leões», S. L. Olivais e Almada, para a fugida á baixa de Divisão. Tudo leva a crer que o jogo que ontem não pôde disputar-se nos Olivais, por motivo de o terreno ter sido dado por incapaz pelo árbitro, e que deverá efectuar-se no dia 3 de Março próximo, entre o clube da terra e o Almada, decida o caso do clube condenado a baixar de Divisão.

A preciosa vitória do Estoril em Évora

Os Estorilistas foram a Evora vencer o Juventude por 3-2. Triunfo preciosíssimo que os deverá afastar da ameaça de baixa de Divisão. No entanto, os visitantes ficaram a devê-lo á sua defesa, que se organizou muito bem, batendo-se com energia e voluntariedade louváveis. Os juventudistas dominaram mais, mas os seus avançados afunilaram o jogo de tal forma, em terreno enlameado e por vezes sob bátegas inclementes, que entregaram todos os trunfos á defesa contrária. A equipa da Costa do Sol teve sempre vantagem no marcador e o golo que marcou perto do fim e que lhe proporcionou a vitória, provocou entre os seus elementos, manifestações de calorosa alegria.

Triunfo expressivo do Portimonense

No seu campo o Portimonense infligiu 7-0 ao Arroios, marca demasiado expressiva e que está longe de reflectir o real valor da equipa lisboeta. Os avançados da equipa local realizaram, no entanto, boa exibição e, de uma maneira geral, os Algarvios, sob a invernia, fizeram sentir o seu maior poder físico. Por seu turno, a defesa da equipa da capital teve alguns lapsos comprometedores, que, como é óbvio, facilitaram a tarefa dos Algarvios.

Vitória merecedida do Coruchense sobre o Farense

O Coruchense recebeu o Farense, guia da prova, e venceu por 3-2. Triunfo difícil, mas certo. O jogo não teve grandes primores técnicos, pelo contrário: revestiu-se de franca modestia, e os Algarvios só reagiram perto do fim, mas sem grande convicção. Os Coruchenses actuaram bem ao ataque, dando muito que fazer á defesa farense, até agora em plano de evidência.

Venceu, pois, a equipa que gizou os mais eficientes lances ofensivos e pôs na luta maior vontade.

As classificações

	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	Pontos
Farense	[illegible]	[illegible]		4	[illegible]		[illegible]6
Montijo	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	32
Coruchense		[illegible]		[illegible]	[illegible]	[illegible]	31
Olhanense	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]0
Desp Beja		[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	28
Arroios	[illegible]	[illegible]	[illegible]	10	[illegible]	[illegible]	24
União M.	2	10	3	[illegible]	9	[illegible]	23
Juventude	[illegible]	9	4	[illegible]	[illegible]	[illegible]	22
Portimonense	[illegible]	[illegible]	4	[illegible]	[illegible]	9	22
Portalegrense	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	47	[illegible]	22
«Os Leões»	[illegible]	8		[illegible]	[illegible]	[illegible]	21
Estoril Praia	2	9	[illegible]	14	[illegible]	[illegible]	20
Olivais	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	18	20
Almada	[illegible]	[illegible]	[illegible]	1	5	[illegible]	17

EM CORUCHE

Excelente êxito dos ribatejanos

Só a manhã fortemente chuvosa afastou do campo da Horta da Rosa muitos adeptos quer do Coruchense, quer do Farense que no terreno do primeiro derimiram luta vigorosa e cheia de interesse para os Ribatejanos que procuravam vencer, além do mais, por necessidade já que só o triunfo lhes dava oportunidade de prosseguir na competição, a despeito de ser a ultima jornada aquela em que tudo ficará, definitivamente, assente.

A verdade é que, não obstante o estado do terreno não permitir grandes habilidades e o nervosismo dos jogadores ter forçosamente de produzir os seus efeitos, o encontro agradou, quer do aspecto espectacular dada a movimentação no marcador, quer, até, é esta faceta que merece mais realce, do ponto de vista técnico-táctico.

O primeiro trecho da partida pertenceu, quase inteiramente, aos locais, que só lograram converter uma oportunidade de golo, das várias criadas pelo seu sector dianteiro, porque na zona de remate tudo se complicava ou saía mal.

Os Algarvios, neste meio tempo, limitaram-se a produzir algumas descidas isoladas, mas que, aqui e ali, não deixavam de perigar as redes á guarda de Vieira.

Veio, porém, o primeiro golo dos «comandantes» e, pouco depois, o segundo e, então, os visitados estremeceram e consentiram que o antagonista se impertigasse, de molde a nivelar a toada de jogo e a obrigar a defesa coruchense a trabalho árduo e penoso.

Entretanto, o triunfo alcançado pelo Coruchense está absolutamente certo, porquanto, salvo a ultima meia hora, desfrutou de superioridade suficiente para chamar a si a vitória.

EM ÉVORA

Os erros da defesa

pagam-se caro...

O Estoril ganhou ontem uma partida difícil. E ganhou porque teve confiança nos seus recursos. Uma confiança que nasceu em dois deslizes cometidos pela defesa eborense. Esses dois erros — cujo preço foi bastante elevado... — ditaram a derrota para os da casa. Mas diga-se desde já que o empate teria sido o resultado que melhor se harmonizaria com o desenrolar dos acontecimentos.

Na verdade, o Juventude, que na primeira parte jogou a favor do vento, dominou com insistência, mas sem tirar proveito da vantagem usufruida. Marcou apenas um golo, mas teve oportunidade para mais, de forma que pudesse ficar a coberto de qualquer surpresa. A defesa estorilista, porém, cobriu bem a sua área e os Alentejanos não foram mais além.

Ora, o Estoril que, no segundo tempo, deu melhor rendimento, aproveitou esplêndidamente os tais dois deslizes da defesa local. Foi ganhando confiança e, aos poucos, conseguiu dar nota evidente de equilíbrio á partida, durante largos momentos. No entanto, podemos dizer que teve a sorte pelo seu lado em dois lances de golo á vista. Mas isto é próprio do jogo.... tal como a oportunidade dos seus golos se pode colocar na mesma linha de conclusão...

Construiu, assim, uma vitória que constitui um castigo para a equipa da casa. Como se disse, esta merecia, pelo menos, a igualdade, mas os erros da sua defesa, que o Estoril não desperdiçou, assinalaram a derrota que poucos esperavam.

Verdadeiramente, a equipa visitante não esteve mal. O conjunto revelou valor, mas não superou o do adversário em condições de merecer indiscutívelmente o triunfo. Os Eborenses não souberam aproveitar o tempo e deixaram para depois do intervalo a tranquilidade que não chegaram a ter... Podiam ter construído a vitória nos primeiros quarenta e cinco minutos. Mas não o fizeram, e o grupo visitante teve o mérito de não se deixar intimidar, procurando, quando as oportunidades lhe surgiram, os golos que lhe valeram uma vitória bem saborosa.

EM PORTIMÃO

Jogo fácil

para os locais

Com um dia de bastante vento e, por vezes, com fortes bátegas, disputou-se o encontro Portimonense-D. Arroios. A boa vontade e energia dos homens do Arroios não bastou para suprir o fôlego e, até, mesmo, a técnica que já vem patenteando a equipa local.

Esperava-se este encontro como, aliás, se espera os ultimos, para se avaliar o progresso dos alvinegros, quase todos muito novos. Ontem, a expectativa não desiludiu.

Começado o prélio, com jogadas rápidas, tivemos ensejo de assistir a bons lances dos dianteiros portimonenses, que a defesa contrária anulava, por vezes, com dificuldade.

A linha média do Arroios tentava empurrar os seus dianteiros que não conseguiram chegar á linha de rematar ao golo. Aos cinco minutos, porém, depois da marcação de um canto, por Camarinha, Arquimínio marcou o primeiro golo dos locais. O jogo continuou com o campo bastante enlameado e, aos 40 minutos, Alexandrino passou a Romão, que marcou o segundo tento.

Apesar do estado do terreno, o encontro interessou sempre, pois além do encontro interessou sempre, pois além do entusiasmo posto na luta viram-se jogadas de bom recorte por banda dos Algarvios o que levava os Lisboetas a defenderem-se de qualquer maneira, não evitando, porém, que o marcador subisse a grau elevado.

A partida foi disputada com bastante correcção, facilitando, assim, o trabalho do árbitro.

A. M.

J. A. DA COSTA PINA
LISBOA — Rua do Alecrim, 69
AGENTES:
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO E PROVÍNCIA: Rua do Bonjardim, 420

2.ª DIVISÃO — TORNEIO DA ZONA NORTE

O Salgueiros assegurou o primeiro lugar e o União será o último

ZONA NORTE

A uma semana do termo da primeira fase, tudo ficou consumado na zona Norte. A jornada de ontem, indicando o Salgueiros como vencedor da sua série, mercê do excelente êxito dos «encarnados» portuenses sobre o Vitória, ditou, também, irremediàvelmente, a descida do União de Coimbra, por força da imprevista vitória colhida em Santo Tirso pelo Péniche, que se colocou, assim, fora do alcance. E o Chaves, mesmo copiosamente batido em Braga, ficou ainda com dois pontos de margem sobre os Conimbricenses e, além disso, com um tento de vantagem no «goal-average» que lhe garante a permanência na prova.

Dos desfechos verificados ressaltaram pela sua largueza, ás marcas obtidas pelos salgueiristas e bracarenses, demonstrando a sua excelente forma para a luta final, enquanto a equipa vimaranense se mostra mais incerta.

Anote-se, ainda, a goleada do Gil Vicente sobre o União, a atestar uma capacidade digna de levar a equipa de Barcelos mais além. Agora, porém, já não há recuperações possíveis, voltando-se todas as atenções para a «poule» decisiva, onde os Nortenhos entrarão com fundadas esperanças.

O Salgueiros superiorizou-se abertamente ao Vitória

A partida entre os dois primeiros atraiu ao campo «Vidal Pinheiro», muito publico apesar de não estar já em causa o apuramento de qualquer deles. Talvez por esse facto tanto salgueiristas como vimaranenses apresentaram-se sem alguns titulares pondo á prova o valor de determinados elementos com vista á fase imediata.

A equipa da casa foi a que menos acusou o efeito das alterações a demonstrar que o Salgueiros tem um fundo de jogo a valorizá-lo. Operando com evidente entusiasmo, os Portuenses souberam impor-se, quase desde início, aos visitantes dando á partida enorme vivacidade.

O Vitória não conseguiu acompanhar o ritmo do adversário, reagindo esporádicamente e acabando por desorientar-se á medida que os golos se acumulavam na sua baliza.

O bom começo do Salgueiros deu-lhe vantagem de 4-0 até ao intervalo e, na segunda parte, a equipa encarnada afroixou, o que permitiu aos Vimaranenses equilibrar a partida e darem melhor conta de si sem poderem, no entanto, ir além de um golo em resposta a um outro mais sofrido na sua baliza. O ataque de Guimarães esteve infeliz na parte derradeira do jogo em que teve oportunidade para diminuir a derrota.

O ataque do Braga pulverizou o Chaves

O encontro da capital do Minho só ofereceu despique nos quinze minutos iniciais. Nessa altura, surgiu o primeiro golo dos Bracarenses e, daí por diante, jogando com extraordinário á-vontade e fluência, os dianteiros locais foram absolutos senhores do terreno enfiando golos com a continuidade de contas de rosário e estabelecendo o «record» da prova deste ano, com a marca sensacional de 13-0.

A defesa do Chaves esforçou-se por resistir mas a capacidade de jogo dos Bracarenses era largamente superior e tornou-se-lhe impossível evitar a torrente.

A linha dianteira do Braga actuando sem preocupações desenvolveu acção brilhantíssima a confirmar a posse de grandes recursos individuais e colectivos.

O União deixou em Barcelos

A saída á cidade do Cávado constituía, práticamente, a ultima esperança para os Conimbricenses que podiam salvar-se com um resultado de surpresa. Este, porém, não se produziu porque o Gil Vicente, desde cedo, tomou nítido ascendente, não deixando aos visitantes margem para alimentarem ilusões.

O União, á parte alguns contra-ataques ocasionais, viveu quase sempre na defensiva mas, mesmo assim, não foi capaz de impedir que as suas redes fossem tocadas por oito vezes, a traduzir uma debilidade que está na razão directa da sua perda definitiva.

Os Gilistas, mais uma vez, puseram em relevo a sua boa organização ganhando larga e merecidamente.

Em Santo Tirso, o Peniche salvou-se

A partida desenrolada no campo do Santo Tirso notabilizou-se pelo empenho posto na luta pelos visitantes. Conscientes o que poderia significar para o seu futuro um bom resultado nesta deslocação, os Penichenses foram sempre muito mais animosos e batalhadores que os locais e ainda que estes tivessem espevitado depois do descanso, foi ao Peniche que coube marcar um golo quando havia 54 minutos, o que duplicou a sua convicção dando-lhe animo para resistir á tentativa dos Tirsenses para estabelecerem a igualdade.

A vitória do Peniche acabou por ser assegurada pela trave ao devolver no ultimo minuto uma grande penalidade apontada por Vital.

O Marinhense impôs-se ao Leixões

Apesar de afastado de toda a possibilidade de apuramento, o Leixões fez-se acompanhar por bom nume de adeptos que, muito louvàvelmente, quiseram manter a sua solidariedade á equipa matosinhense. Esta, contudo, não deixou de acusar os efeitos desmoralizadores da jornada anterior e depois de uma primeira parte em que resistiu ao ímpeto dos locais, acabou por soçobrar na segunda metade diante da movimentação rápida dos dianteiros matosinhenses que justificaram bem a vitória folgada que alcançaram.

SALGUEIROS-GUIMARÃES — **Teixeira, avançado-centro da equipa dos «encarnados», vê-se desarmado por Osvaldo e Silveira**

O Boavista teve dificuldades ante o Vianense

No campo do Bessa, o Boavista teve, como se esperava, bom adversário no Vianense.

O facto valorizou o encontro que decorreu, quase sempre em feição de igualdade com maior vigor por parte dos «axadrezados» e melhor coligação da banda dos visitantes. Estes ofereceram boa réplica até ao fim, perdendo, sòmente, pela margem mínima e deixando boa impressão como conjunto de muito apreciáveis qualidades de jogo.

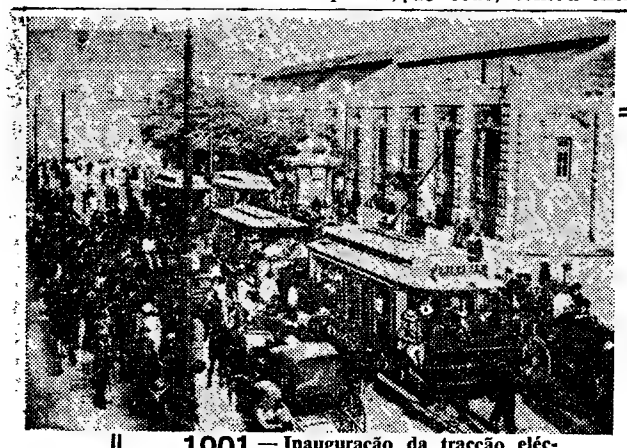
Despique regional entre Sanjoanense e Espinho

A partida de S. João da Madeira, entre a Sanjonanense e o Espinho, revestia-se de interesse regional tratando-se de duas equipas vizinhas. O Espinho que, nos ultimos tempos, vinha acusando subida de rendimento confirmou a sua melhoria exibindo-se em toada decidida e de sentido prático, que chegou a colocá-lo com a vantagem de dois golos.

O grupo local pôde, entretanto, recompôr-se e acabou por empatar nos ultimos minutos. A igualdade tornou-se aceitável pela reacção final dos Sanjoanenses mas o Espinho foi a equipa que vincou mais personalidade.

As classificações

	J.	V.	E	D	Golos: F	Golos: C.	Pontos
Salgueiros	25	18	3	4	56	..	39
Braga	25	17	2	6	76	24	36
V. Guimarães	25	4	7	4	6	4	35
Gil Vicente	25	14	4	7	56	32	32
Boavista	25	13	3	9	53	42	29
Leixões	25	15	3	9	54	49	29
Vianense	25	11	2	12	51	52	24
Sanjoanense	25	10	3	12	47	56	23
Marinhense	25	7	6	12	35	38	20
Espinho	25	6	7	12	40	52	19
Peniche	25	8	1	16	43	54	17
Tirsense	25	7	3	15	43	64	17
Chaves	25	8	—	17	34	88	16
U. Coimbra	25	5	4	16	34	88	14

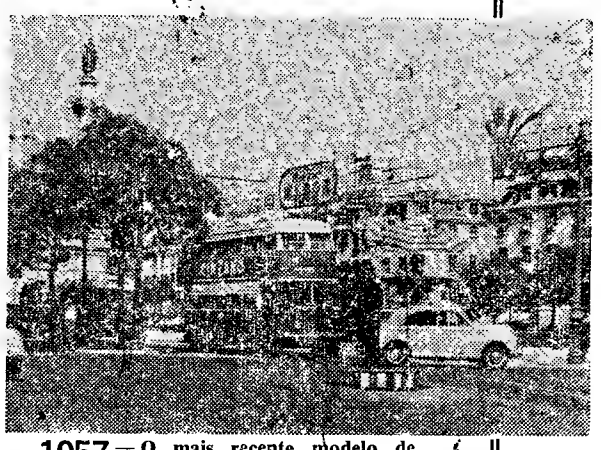


1901 — Inauguração da tracção eléctrica em Lisboa

1913 — Primeiro autocarro que a Carris manteve em serviço publico

A COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA TEM SIDO, HÁ MAIS DE CINQUENTA ANOS, UM ELEMENTO ACTIVO NAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE PORTUGAL E A GRÃ-BRETANHA

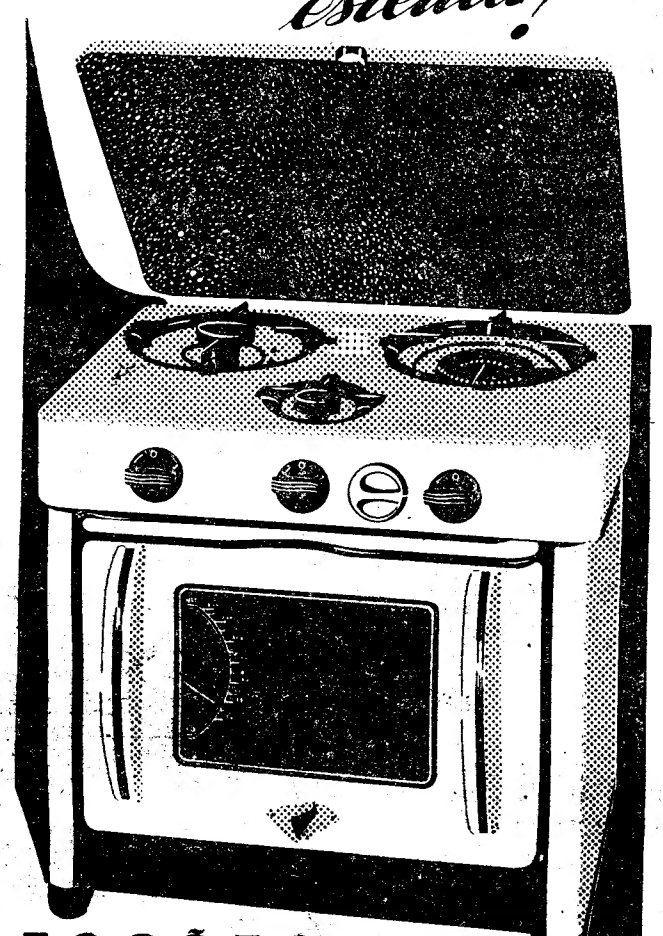
1951 — Carro-motor e de reboque de uma nova série construída nas oficinas da Companhia



1957 — O mais recente modelo de autocarro em serviço

CARRIS

Uma maravilha da técnica e da estética!



FOGÕES

lisola

APROVADO PELA SHELL INTERNACIONAL

UM FOGÃO PARA A FAMÍLIA — A GÁS DA CIDADE E GÁS CIDLA

- 3 BOCAS DE 1800-1100 E 400 CALORIAS
- CONTROLE DE TEMPERATURA NO FORNO COM VIDRO TRANSPARENTE INQUEBRÁVEL
- PEÇA FOLHETO DISCRIMINATIVO

AVENIDA RÁDIO

AV. ALMIRANTE REIS, 12-C, 12-D • TEL. 46770 • LISBOA

A MARAVILHA MÁXIMA PARA BEM OUVIR

VIENNATONE

‹TRANSISTORES›

SEM PILHAS — SEM GASTO DE MANUTENÇÃO — OS APARELHOS MAIS PEQUENOS MAIS LEVES E MAIS ECONÓMICOS DE TODA A CONCORRÊNCIA

AV. DE ROMA, 29 1.º-PORTA 1 - TEL. 777477 LISBOA

Distribuidores no Norte:

RETINA — Rua Sampaio Bruno, 12-A — PORTO

CAMINHOS DE FERRO

ADMINISTRAÇÃO

Esc. 13$80 — para títulos nominativos.

O pagamento efectuar-se-á:

Em Lisboa:

Sede da Companhia

Pagamento do juro das obrigações de 3 1/2 %, relativo ao 2.º semestre de 1956

São avisados os portadores de obrigações de 3 1/2 %, da emissão de 1946, de que o pagamento do cupão n.º 20, líquido de impostos, será efectuado a partir de 1 de Janeiro de 1957, aos preços de:

Esc. 14$00 — para títulos ao portador;

Banco Fonsecas, Santos & Vianna

No Porto:

Filial do Banco Lisboa & Açores

O pagamento na sede da Companhia efectua-se todos os dias uteis desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1956.

O Conselho de Administração

A VISITA RÉGIA chegará onde houver TV

PHILIPS TV

PHILIPS

instituiu em Portugal A MAIOR ORGANIZAÇÃO para a TELEVISÃO, criando cursos técnicos e de venda

CONSULTE OS REVENDEDORES PHILIPS

AOS INTERESSADOS NA COMPRA DE PROPRIEDADES

A PREDIAL RUICAR

Agência intermediária na venda ou na compra de Propriedades vem informar ter para venda alguns dos melhores Prédios, Moradias e Quintas na área da cidade de Lisboa e cujas transacções dão uma sólida garantia ao capital a empregar.

Para mais esclarecimentos sem qualquer compromisso, consulte:

A PREDIAL RUICAR

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DE V. EX.ª

R. DE SANTA MARTA, 27-G, 1.º

Telefone 732662

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas, quando munidos do respectivo «Cartão de Identificação», reduções em todas as classes:

ALEMANHA: **Feira de Francfort s/ Meno** (de 10 a 14 de Março); **Feira de Hannover** (de 28 de Abril a 7 de Maio).

BÉLGICA: **Feira de Bruxelas** (de 27 de Abril a 12 de Maio); **Feira de Liège** (de 27 de Abril a 12 de Maio).

Pedir esclarecimentos:

—Na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio)

—no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia) — Telef. 84 84 71.

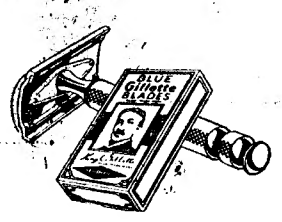
Policlínica de Arroios

P. DO CHILE, 14-1.º — T. 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias uri., 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Cor. e pulm., 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis, 15 h.
Dr. Enrico Alves Pereira—Clín. ger., 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14.30 h.
Dr.ª Maria Manuela Antunes—Doenças senhoras, 13 h.
Dr. Luís Andrade—Ouvidos, nariz e garganta, 15 e 18.30 h.

Para os que apreciam a qualidade...

Nada se compara ao prazer que dá o barbear-se com lâminas Gillette Azuis.* São as que barbeiam com mais suavidade. 5 lâminas 6$50. Também se vendem em pacotes e «dispensers» de 10 lâminas a 13$00



* As lâminas Gillette Azuis barbeiam melhor com a máquina Gillette. Pode comprar um estojo Gillette completo apenas por 11$00

Lâminas Gillette Azuis

BUSCH

A MÁQUINA DE

TRICOTAR

INDISPENSÁVEL NO LAR

DE MANEJO MUITO SIMPLES SEM UTILIZAÇÃO DE PESOS NEM PENTES SUPLEMENTARES

UMA VERDADEIRA REVOLUÇÃO NA ARTE DE TRICOTAR

PREÇO:

A DINHEIRO: ESC. 2.500$00
A PRESTAÇÕES: ESC. 140$00 DE ENTRADA E 24 MENSALIDADES DE ESC. 115$00

APRENDIZAGEM GRÁTIS

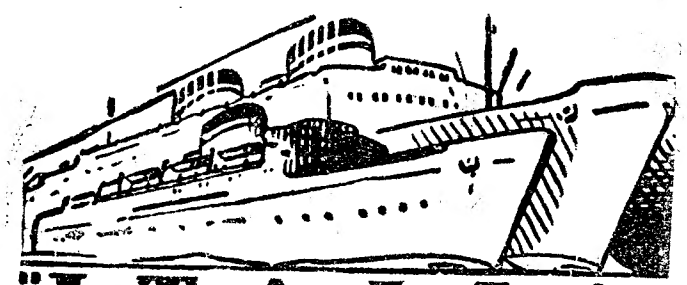
BUSCH

NUNCA DEIXA CAIR MALHAS

Representantes:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37 - Telefs: 59181-2-3 - LISBOA



"ITALIA"

SOCIETA DI NAVIGAZIONE

PROXIMAS SAIDAS

PARA:

HALIFAX e NEW YORK

«VULCANIA»

EM 22 DE FEVEREIRO

«SATURNIA»

EM 15 DE MARÇO

PARA:

Gibraltar, Barcelona, Nápoles, Palermo Patras, Veneza e Triestre

«SATURNIA»

EM 23 DE FEVEREIRO

OS AGENTES GERAIS:

E. PINTO BASTO & C.ª LIMITADA

(Secção Maritima)

Praça Duque da Terceira, 20-26 — Telef. 31581 (10 Linhas)

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»

ELLERMAN & PAPAYANNI LINES LIMITED

Navio inglês:

«ANATOLIAN»

Recebe carga para:

GIBRALTAR, MALTA, TRIPOLI (LIBIA), ISTAMBUL, SALÓNICA e PIREU

em 19 de Fevereiro

Navio inglês:

«MERCIAN»

Recebe carga para:

LIVERPOOL

em 23 de Fevereiro

AGENTES:

MASCARENHAS & CO.

Trav. do Corpo Santo, 10-1.º, Dt.º

Telefones: 27311 — 22598

LISBOA

Policlínica do Rossio

L. D. João da Camara, 19, 2.º - T. 20660

Dr. A. Pina Jor.—Crianças—17 h.
Dr. Anacleto Miranda—Olhos—2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª—15,30 h.
Dr. Arnaldo Rodo—Ortopedia (Ossos e Articulações)—3.ª e 6.ª—15 e ás 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato—Gar., Nar. e Ouv. —14 h.
Dr. Ferreira Malaquias—Estom., Intest., Figado-Doenç. Ano-rectais, Hemorroidas—2.ª, 4.ª e 6.ª—19 h.
Dr. Fontoura Madureira—Rins e v. uri. 16 h.
Dr. Joaquim Lobo—Doen. Reumáticas —2.ª. 4.ª e 6.ª—17 h.
Dr. Jorge Falcão—Pele e Sifilis - 15,30 h.
Dr. Lobo Antunes—Doen. Nervosas— 3.ª 5.ª e Sáb.—17,30 h.
Dr. Luis Abecasis—Coração-Electro-cardiografia—3.ª. 5.ª e Sáb.—14 h.
Dr. Luis Leite—Senhoras—Partos—17 h.
Dr. Marques da Gama—Clín. Médica— 2.ª. 4.ª e 6.ª—18,30 h.
Dr. J. Mira Mendes—Clínica Geral— Doenç. Pulmonares—14 h.
Dr. Neto Rebelo—Clín. cirur.-Operações — 16 h.
Dr. Pereira de Pina—Boca e dentes — 17 h.
Dr. Rosário Dias—Clín. Méd. (Doenç. Endocri. e Nutrição)—2.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos
Dr. Gentil Branco—Raios X.
Dr. Reis Valle—Análises Clínicas.

O «Diário de Lisboa» [illegible] INHAL NOVO na casa Manuel Maria Barroso.

Contra as frieiras

use

APYROL

O produto preferido desde 1933

LIGEIROS
PESADOS
MOTOS

INSTRUÇÃO

CASA A. VIEIRA
Rua D. Pedro V, 5
e R. Campolide, 135

LIVROS

usados. Pago Bem. Policiais, Romances e todas outras Obras. Col. Vampiro e Xis pago 4$00 cada. Postal a G. Anselmo, Carro dos livros do Parque Mayer. Aberto todos os dias das 14 ás 23.

AUTOMOVEIS

novos e usados. Anto-Boavista, Ld.ª Rua da Boa Vista, 81-B. Telef. 666124. Consulte os nossos serviços.

Caminhando juntos!...

A ARQUIVISTA MODERNA E O SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA «SEEL VERTICAL VISÍVEL», TORNAM NUM PRAZER O QUE ERA TRABALHO FASTIDIOSO. UM SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA RACIONAL E SIMPLES, QUE LHE DÁ UM MAIOR RENDIMENTO DE TRABALHO E UM AUMENTO DE LUCROS.

FABRICAÇÃO NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, LDA.

LISBOA PRAÇA DOS RESTAURADORES 63 1.º - TELEFONE 24088
PORTO A LENCASTRE & SOUSA — R. Santo António, 215-220

QUARTOS

Esplêndidos, modernissimos c/ lindas casas de banho privativas, telef., g. salões para banquetes, no r/c., restaurante, café e bar. Casa da Torre. — R. dos Jerónimos, 10 — Tels. 637332—630679.

CAMPINOS

Restaurante típico

Cartaxo — Telefone 18

COMPANHIA

COLONIAL

DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«BENGUELA» — 15 de Março

Com escala por Leixões, para: **S. Tomé** (quando necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town** (quando necessário), **Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.** Carrega em Lisboa até 12 de Março.

«UIGE» — 22 de Março

Com escala prévia por Leixões, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 15 a 17 de Março.

«IMPÉRIO» — 25 de Março

Com escala por Funchal, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.** Carrega em Lisboa até 21 de Março.

«AMBOIM» — 30 de Março

Com escala por Leixões, para: **Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 27 de Março.

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» — 11 de Março — As 12 horas

Com escala por **Funchal** para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» — 1 de Março e 1 de Abril — Às 16 horas

Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana, e Port Everglades (Miami).**

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

Vida musical

Os ultimos programas

Infelizmente, não nos foi possível ouvir o 2.º programa do «Quarteto de Lisboa» para os sócios do C. C. M., na tarde de 11 do corrente, no S. Luís. A noite, fomos ao 2.º concerto comentado sobre a «Evolução da Sonata de Piano», que provocou no vasto salão das Belas-Artes uma afluência de publico ainda muito maior do que para a sessão de estreia.

João de Freitas Branco avisou o auditório de que era vastíssimo o assunto tal como devia ser encarado para conduzir aos dois documentos pianísticos que Sequeira Costa iria apresentar: a Sonata em sol-maior (K. 283), de Mozart, e sobretudo a Sonata «Patética», de Beethoven. (A Sonata em Mi bemol maior, de Haydn, tocada para fechar o 1.º concerto, tinha sido um pouco uma antecipação).

De facto, a visão larga de João de Freitas Branco, fortalecida não só musicalmente, mas também por outros conhecimentos de ramos da cultura intelectual e científica, traçou um vasto plano; e foram focadas nele as várias facetas do tema geral escolhido, enquadrando-o na História pura (?) e simples (?)—história-produto de gente que existiu—e iluminando-o com a análise do *processus* da criação artística. João de Freitas Branco voltou, como contávamos, á sua afirmação de que a Sonata, ou a forma-sonata, como cristalização de uma receita, não existe, isto é, não tem vida, não é um organismo como deve sê-lo a verdadeira obra de arte, consequência viva de seres vivos.

Já apressadamente, porque o tempo voou, com ligeiras insistências que alongaram um pouco escusadamente uma exposição já de si longa, João de Freitas Branco entendeu, com razão, não dispensar os esquemas referentes á estrutura das obras, e umas breves análises com exemplos de pormenor por Sequeira Costa.

As interpretações propriamente ditas revelaram-nos e não pela primeira vez, um Sequeira Costa vulnerável, por um lado; por outro lado, capaz dessa vibração, desse calor humano que é a maior razão de ser do artista executante. Houve para nós gratas surpresas da «Patética», como as tinha havido no ano passado, notadamente na triunfal Sonata em Dó maior, precedida da celebérrima Grande Fantasia, de Mozart.

É pena que a série tenha de sofrer agora um largo compasso de espera—pois só terá a sua continuação nos princípios do mês de Abril.

*

Um recital de canto por Natália de Andrade acolheu-se ao Conservatório—por iniciativa própria, o que é sempre um acto de coragem—e escudou-se com a hábil e segura colaboração da pianista Regina Cascais.

Natália de Andrade não se afasta da norma que se traçou, canta só musica portuguesa, quer seja de origem popular, quer de invenção dos compositores. O seu modo de cantar continua a ser muito teatral, e as intenções com que pretende valorizar os textos seriam muito mais eficazes se não fossem tão excessivamente abundantes—levando-a também, juntamente com as preocupações da técnica, a arrastar e entrecortar o justo andamento. Mas a sua pronuncia adquiriu mais naturalidade, e parece-nos dominar melhor a voz. E há muita sinceridade em Natália de Andrade, temperamento vibrante e figurinha bem recortada. Muito estimávamos ver as suas qualidades devidamente aproveitadas.

Do assaz pequeno programa, destacamos, pelo bonito colorido da execução, a «Menina e Moça», de Rui Coelho, uma sentida e bem escrita «Canção de embalar», de Berta Alves de Sousa, e «Descalça vai para a fonte», de Claudio Carneiro, iniciado por um «parlando», aonde Natália de Andrade revelou talento de declamadora.

FRANCINE BENOIT

Sociedade Musical

União do Beato

A Sociedade Musical União do Beato, na sua ultima assembleia geral, exarou em acta um voto de louvor ao «Diário de Lisboa» pela forma como o nosso jornal tem acolhido as suas iniciativas. Na sede da sociedade, efectuou-se um sarau para entrega de um diploma de amizade á companhia teatral de Arte Popular do Brasil.

O «Diário de Lisboa» vende-se no BARREIRO na Agência «Bertrand» Estação do C. de Ferro.

Interesses camarários

Concelho Municipal de Vila Real

VILA REAL, 17. — Reuniu-se o Conselho Municipal á qual presidiu o sr. eng. Humberto Cardoso de Carvalho, presidente do Município Vilarealense e que teve a assistência de todos os seus membros, a fim de discutir o relatório da gerência de 1956 e aprovado por unanimidade e o sr. major António Candido da Costa Lobo Ferreira propôs que ficasse exarado na acta um voto de louvor ao sr. presidente da Camara pelo saber, zelo e cuidado posto na resolução dos problemas do concelho. O vogal sr. Eduardo Borges de Azevedo falou no mesmo sentido e, na final, o sr. presidente agradeceu a homenagem que tornava extensiva aos srs. ministros do Interior e das Obras Publicas e ainda ao director dos Serviços de Urbanização e lamentando que a situação financeira Municipal não permita que se alargue a acção da Camara.

Notícias de Baião

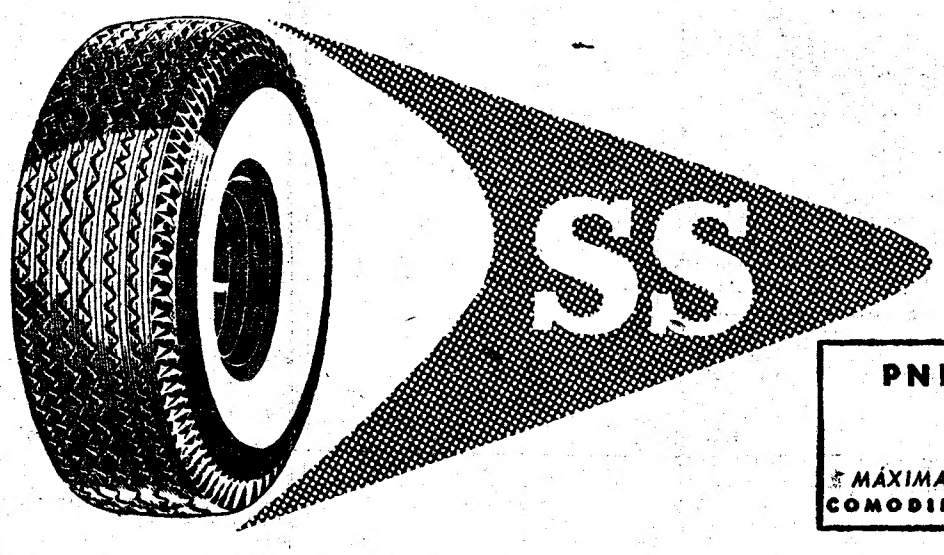
SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 17. — O Inverno trouxe-nos finalmente chuvas torrenciais que vieram robustecer as nascentes e inundar os campos de água. Tem chovido, de facto, copiosamente.

—A' Cantina desta freguesia foi distribuido um fornecimento de óleo de fígado de bacalhau destinado á população escolar.

—Os lobos têm andado espalhados pelos locais mais diversos, causando grandes receios ás populações. Cada vez mais, estas feras aumentam e aparecem em sítios povoados, levando animais, ás vezes sob as vistas dos donos. E' vulgar seguirem as pessoas durante largos percursos.

—Tem aumentado neste concelho a rede telefónica. No entanto, é necessário estendê-la ás freguesias que ainda não dispõem de tão util como indispensável melhoramento.

MABOR



PNEU SEM CÂMARA
ANTI FURO
no tipo Silent Safety
MÁXIMA PROTECÇÃO CONTRA ROTURAS
COMODIDADE·SEGURANÇA·ECONOMIA

POSTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRATUITA: LISBOA • PORTO • COIMBRA • AVEIRO
BEJA • BRAGA • CASTELO BRANCO • COVILHÃ • FARO • SANTARÉM • VILA REAL • VISEU

LORENZO GONZALEZ

NOVOS DISCOS

PELOS MAIS FAMOSOS CANTORES ROMANTICOS DA AMERICA LATINA

MUJER SIN CORAZON
NUNCA PDP 5033

TODO ME GUSTA DE TI
PIEL CANELA PDP 5032

LUNA DE MIEL EN PUERTO RICO
MIL NOCHES PDP 5027

EL VERDADERO AMOR
NO ME PLATIQUES PDP 5037

HISTORIA DE UN AMOR
TE QUIERO ASI PDP 5036

EM GRAVAÇÕES
Parlophone

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
Rua Nova do Almada, 97—LISBOA
VADECA — Rua de Santo António, 210 — PORTO

LUCHO GATICA

Companía Trasatlántica Española S. A.

DIRECTO PARA:

CADIZ, NEW YORK, HABANA e VERACRUZ

o paquete rápido espanhol

«Covadonga»

esperado em 24 do corrente

Recebe passageiros em 1.ª classe e Cabin Class
CARGA GERAL E DE FRIGORÍFICO

Para reserva de passagens e de carga tratar com

Os Agentes Gerais:
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
Telef. 24671 e 27258 x Teleg. «LLOXAVE» — LISBOA

Leiam o jornal humoristico
sempre fixe

A equipa de seniores do Benfica, composta por A. Ventura, José Araujo, Augusto Silva, José Jesus e Hélio Duarte, que ganhou o Campeonato Regional de Corta-mato

CORTA-MATO

(Continuação da 1.ª pág.)

mais ligeireza. Isto é, está a ganhar rapidez, o que é de grande vantagem em provas de fundo.

Outro benfiquista que demonstrou ter nas pernas a distancia, foi Augusto Silva, o campeão nacional do «steeple». Respondeu com autoridade a dois ataques movidos por Joaquim Ferreira, do Sporting, e José Jesus, do seu clube.

A surpresa do campeonato deve-se ao corredor «leoninо» Joaquim Ferreira, ao bater nos ultimos quilómetros o «jovem ídolo» José Jesus. Os sportinguistas—Filipe Luís, um veterano que não quebra e que parece ter remoçado ao contactar com os novos — e Dias Santos, agora mais em apuramento de forma, destronaram Hélio Duarte, que também reapareceu em provas oficiais, mas ainda á procura daquela sua excepcional condição física que tanto nos deliciou a época finda e que fez dele um dos óptimos corredores da especialidade.

Nove homens abrirám as hostilidades — Manuel Faria, António Ventura, José Araujo, Augusto Silva, Joaquim Ferreira, José Tavares Jesus, Filipe Luís, Dias Santos e Hélio Duarte — para a conquista dos lugares na equipa nacional.

Quem fará as malas? O tempo nos dirá.

JOSÉ BATALHA

Futebol inglês

no Restelo

(Continuação da 1.ª pág.)

quatro vezes. Acrescente-se que compareceu sem ganhar, nas finais da Taça de 1904, 1905, 1908 e 1911.

Poucas colectividades se podem vangloriar no futebol inglês de tão rico «palmarés», embora presentemente esteja classificado a meio da tabela, entre 22 concorrentes do grande torneio da Liga. Mas isso nada significa. E' por demais conhecido o equilíbrio de valores registado no futebol inglês, para se compreender, desde logo, que as classificações dependem muito do factor sorte. Ora o Newcastle não tem sido feliz este ano, sem embargo de possuir uma das mais fortes turmas da Liga.

Dentro do estilo do futebol inglês, vigoroso e simples, o grupo do Newcastle ocupa lugar á parte. E', não obstante, o profissionalismo dos jogadores, um dos que se batem com maior valentia, oferecendo um futebol «seco», «descarnado» de filigranas, mas por isso mesmo poderoso e temível.

Na selecção da Irlanda, que há semanas vimos em Alvalade, alinharam dois homens do Newcastle, e desde logo esse facto nos permite fazer notar que tem de ser particularmente forte e valiosa uma equipa onde figuram o excelente defesa direito Mc Michael e o extraordinário médio esquerdo Tom Casey, um dos visitantes que encheram o Estádio de Alvalade.

Dos outros elementos do onze sobressaem, ainda mais dois internacionais. Um deles é o célebre avançado centro Jack Milburn, que jogou contra Portugal, em 1952, quando dos encontros do Festival Britanico, e o outro é o escocês Scoular, de tanta categoria que é o «capitão» do «team»...

Quatro internacionais britanicos no mesmo grupo é um pormenor que revela bem a sua capacidade. Mas o Newcastle dispõe, também, do famoso guarda-redes Simpsom, dos melhores do país, e do extraordinário avançado Hannah, apontado como um dos grandes valores britanicos no lugar de interior.

Numa altura em que o futebol inglês caminha para o esplendor de outrora, esta visita do Newcastle fornece muitos motivos de curiosidade.

O Belenenses não terá tarefa fácil. Simplesmente, o grupo que venceu o Reims e empatou com o Toulouse, afirma-se capaz de continuar, com exito, uma carreira internacional brilhante, no seu campo, onde até hoje não perdeu. Figueiredo, Moreira, Vicente, Di Pace, Perez, Dimas e Matateu formam, com os seus companheiros, um conjunto que poderá alcançar um bom resultado se o «team» aliar ao jogo um bocado de coração.

Qualquer que seja o resultado o Belenenses merece uma palavra de louvor ao proporcionar-nos um motivo de estudo do actual futebol inglês.

GRANDES COMPETIÇÕES DE FUTEBOL

A taça da Europa

e o campeonato do Mundo

Caminha-se para o final da Taça dos Campeões Europeus. O apuramente dos semifinalistas entrou numa fase importante e já só faltam três encontros para eles estarem qualificados. Isto significa que um já se conhece. E esse é o famoso Manchester United, sem duvida alguma a mais forte equipa de clube que a Inglaterra produziu depois da guerra.

Dos restantes quartos de final só faltam os desafios da segunda «mão». Na primeira, o Florentina derrotou o Grashopers, o Real Madrid venceu o Nice e, ontem, o Estrela de Belgrado bateu o C. D. N. A., de Sofia, por 3-1. Os próximos jogos realizam-se em Zurique, Nice ou Marselha ou ainda Paris e Sofia.

Admite-se que o Real Madrid seja o unico com a passagem ás meias-finais assegurado. O avanço de três golos têm-se, efectivamente, como suficiente para lhe dar relativa tranquilidade. Se o Florentina ganhasse o seu quarto-de-final, não há duvida de que nas meias-finais ficariam três «teams» de extraordinária projecção — Manchester United, Florentina e Real Madrid — além de outro de menos nomeada.

O sorteio designará, como se sabe, os adversários das meias-finais. E essas serão, quaisquer que sejam os acasalamentos, dois encontros de grande importancia.

Entretanto, o campeonato do Mundo segue o seu destino.

No Grupo 2 o calendário foi já organizado:

7 de Abril: México-Estados Unidos, no México.

28 de Abril: México-Estados Unidos, em Los Angeles ou novamente no México.

30 de Junho: México-Canadá, no México.

2 de Julho: México-Canadá, no Canadá.

Na Suécia, os trabalhos prosseguem com vista á fase final.

O Comité de Organização, que é presidido pelo Príncipe Bertie, designou já doze cidades para a realização dos encontros. São as cidades de Estocolmo, Goteburgo, Malmoe, Helsingberga, Hamstad, Uddevala, Norrkoeping, Obrero, Vasteras, Ekilsfuna, Boras e Sandviben.

Os estádios destas cidades podem alojar 20.000 pessoas, mas há três em Estocolmo, Goteburgo e Malmoe com capacidade para 50.000.

Cada uma das quinze equipas visitantes (fazendo dezasseis com a Suécia) terá um intérprete privativo, desde a chegada até á partida para os seus países.

O Servico de Imprensa estará a cargo da Federação Sueca. No estádio principal haverá telefones e teletipos á disposição dos 1.200 jornalistas de todo o Mundo.

O preço de ingresso nos campos será fixado no comeco de Abril, por acordo entre a F. I. F. A. e aquela Federação.

Numerosos pedidos foram já dirigidos á Suécia, entre os quais 10.000 da Alemanha Ocidental. Também há pedidos dos Estados Unidos e do Brasil, de onde são anunciadas excursões especiais.

A agência «Reso» foi designada agente geral para a venda de bilhetes, encarregando-se, igualmente, do alojamento dos jornalistas que visitarão a Suécia na altura da competição final da taça «Jules Rimet».

NACIONAL DE FUTEBOL

O que está por disputar

Faltam quatro jornadas para terminar o Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão. Ontem, a prova sofreu segunda interrupção, e em 3 de Março sofrerá terceira, por motivo do jogo de segunda mão das eliminatórias do torneio internacional militar.

Para avivar a curiosidade do leitor, indicamos, a seguir, os jogos que faltam a cada clube para conclusão do grande torneio nacional.

F. C. DO PORTO—Belenenses (f.), Atlético (c.), Oriental (f.) e Vitória (c.).

BENFICA—Vitória (f.), Barreirense (c.), Torriense (f.) e Académica (c.).

BELENENSES—F. C. Porto (c.), C. U. F. (f.), Caldas (c.) e Lusitano (f.).

SPORTING—Oriental (f.), Vitória (c.), Barreirense (f.) e Torriense (c.).

LUSITANO — Torriense (c.), Caldas (f.), Académica (f.) e Belenenses (c.).

TORRIENSE — Lusitano (f.), Académica (f.), Benfica (c.) e Sporting (f.).

ACADÉMICA — Barreirense (f.), Torriense (c.), Lusitano (c.) e Benfica (f.).

ORIENTAL—Sporting (c.), Covilhã (f.), F. C. Porto (c.) e C. U. F. (f.).

VITÓRIA—Benfica (c.), Sporting (f.), Covilhã (c.) e F. C. do Porto (f.).

BARREIRENSE — Académica (c.), Benfica (f.), Sporting (c.) e Covilhã (f.).

C. U. F.—Caldas (f.), Belenenses (c.), Atlético (f.) e Oriental (c.).

SPT. COVILHÃ—Atlético (f.), Oriental (c.), Vitória (f.) e Barreirense (c.).

CALDAS—C. U. F. (c.), Lusitano (c.), Belenenses (f.) e Atlético (c.).

ATLÉTICO — Covilhã (c.), F. C. do Porto (f.), C. U. F. (c.) e Caldas (f.).

BASQUETEBOL

Está formada

a equipa francesa que jogará contra Portugal

Robert Busnel e A. Buffiere, reunidos na cidade de Lyon, decidiram pôr de pé a ossatura das quatro equipas francesas, que em 16 e 17 de Março jogarão simultaneamente contra Espanha, Inglaterra, Alemanha e Portugal.

Eis a formação dos quatro conjuntos:

CONTRA A ESPANHA (16 DE MARÇO):

Antoine (P. U. C.), Monclar (Racing), Serrier (Auboué), Haudegand (Marly), Veyron (St. Etienne), Dessaux (Aub), Baltzer (Mulhouse), Rey (Villeurbanne), Grange (Villeurbanne), Aturia (Villeurbanne), M. Buffiere (Sta-de Lyonnais) e Reck (Mulhouse).

CONTRA A ALEMANHA (17 DE MARÇO):

Lefebvre (Roanne), Vergnes (St. Français), Bertorelle (Lorient), Hoff (Mulhouse), Bouchet (Roanne), Villecourt (Roanne), Hemmerlin (Mulhouse) e Janetta (Montbrison).

CONTRA A INGLATERRA (17 DE MARÇO):

Vypy (Auboué), Turchi (Auboué), Michi (P.U.C.), Owen (P. U. C.), Gabiot (Bilancourt), Mugnet (Milleurbanne), Howse (St. Lyonnais) e Kobzich (Metz).

CONTRA PORTUGAL (16 DE MARÇO:

Perniceni (Caen), Desplebains (A. B. C.), Hervé (Nantes), Laudrain (Nantes), Gominon (Nantes), Burgard (Nilvange), Beugnot (A. B. C.) e Villecourt (Nantes).

O unico encontro dirigido por árbitros franceses é o que a nossa equipa disputará em Brest. O França-Espanha será dirigido por um árbitro italiano Reverberi e o suíço Raedle; o França-Inglaterra será dirigido por dois árbitros belgas e o França-Alemanha por dois suíços.

A partir de 11 de Março todos estes jogadores se concentrarão no Instituto Nacional dos Desportos, em regime de estágio, partindo para os diversos locais nas vésperas dos encontros, ou seja, para Paris (contra a Espanha), Boulogne sur-le-mer (contra a Inglaterra) e Mans (contra a Alemanha).

A Junta de Turismo de Cascais

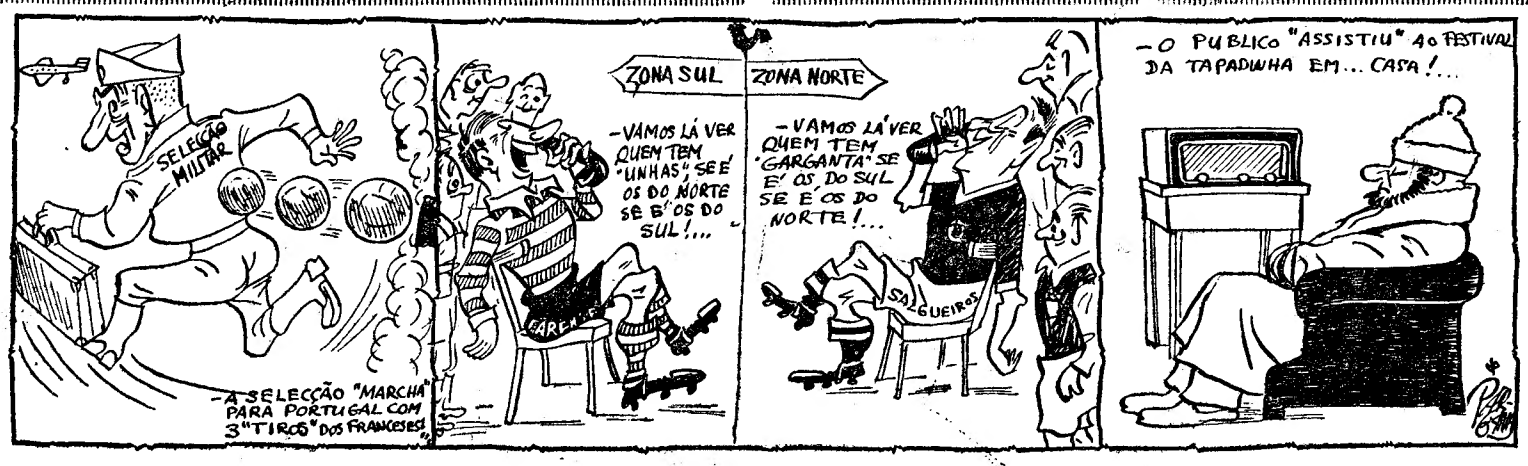
e o Desporto

A Junta de Turismo de Cascais a que preside o nosso distinto colaborador dr. Augusto de Ezaguy, acaba de fornecer mais uma demonstração do muito acerto, proficiência, interesse e dedicação com que cumpre a sua missão.

Com uma excelente visão e magnífica compreensão da influência do desporto na valorização do turismo e da força que ele representa, a Junta de Turismo de Cascais, sempre pronta a conceder o seu valioso patrocínio ás mais importantes organizações desportivas na Costa do Sol, editou, recentemente, um interessante e sugestivo folheto, que inclui o calendário desportivo do 1.º semestre de 1957, das actividades que animarão a Costa do Sol.

Essa edição, em português, francês e inglês destina-se, em especial, aos estrangeiros que nos visitam e será entregue nos consulados e Casas de Portugal e representa um magnífico serviço prestado ao desporto e ao turismo nacional.

Não se pode, realmente, ficar indiferente ás manifestações desportivas que, na Costa do Sol, têm o seu campo de acção, todas aproveitando o auxílio da Junta de Turismo de Cascais — mais eficiente em relação a umas organizações do que a outras, mas altamente proveitoso, relativamente a todas as provas, quer elas respeitem ao golfe, ao ténis, á vela, á pesca desportiva, á esgrima, ao tiro aos pombos ou ao hipismo.

Um conjunto de instalações desportivas permite a realização dos mais importantes certames das várias modalidades, dos quais a Junta de Turismo de Cascais nunca se alheia, dando assim um magnífico exemplo, digno de ser imitado.

A Junta de Turismo de Casais, merece, pois, parabens pela sua interessante e louvável iniciativa, que representa um excelente serviço prestado ao desporto e ao turismo — nunca é demais salientá-lo.